



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM/RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS – PPGICH/UFFS

ALLANA CARLA CAVANHI

ENVELHECER COM CIDADANIA: OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DA
DANÇA COMO AÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE ERECHIM (RS)

ERECHIM/RS

2020

ALLANA CARLA CAVANHI

**ENVELHECER COM CIDADANIA: OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DA
DANÇA COMO AÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE ERECHIM (RS)**

Dissertação de mestrado, apresentada para o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim, como requisito para a obtenção do título Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

ERECHIM/RS

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rodovia SC 484 – Km 02, Fronteira Sul

Chapecó, SC - Brasil

CEP 89815 – 899

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cavanhi, Allana Carla

ENVELHECER COM CIDADANIA: OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS
DA DANÇA COMO AÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE ERECHIM (RS) /
Allana Carla Cavanhi. -- 2020.
141 f.:il.

Orientador: Doutor Thiago Ingrassia Pereira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim, RS, 2020.

1. Cidadania. 2. Educação. 3. Idosos(as). 4. Oficina
de dança. I. Pereira, Thiago Ingrassia, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALLANA CARLA CAVANHI

**ENVELHECER COM CIDADANIA: OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DA
DANÇA COMO AÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE ERECHIM (RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim, para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

Esta dissertação foi defendida e aprovada pela banca em: 29/10/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira (orientador/UFFS)

Prof. Dr. Luis Fernando Santos Corrêa da Silva (membro interno/UFFS)

Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro (membro interno/UFFS)

Profa. Dra. Adriana Schüler Cavalli (membro externo/UFPel)

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério (membro suplente/UFFS)

Erechim/RS, outubro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos(as) que fizeram parte dessa trajetória é algo, um tanto quanto, desafiador, pois foram muitas as pessoas que me acompanharam nesse percurso de formação, não só pelo viés acadêmico, de educadora-pesquisadora, mas também pelo viés pessoal, de ser humano sensível, acolhedor, debatedor, questionador; e em tantos outros aprendizados que esse Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas me proporcionou.

Desta forma, inicio meus agradecimentos dedicando um carinho especial a minha mãe Janes, amorosa, paciente e sensível; uma professora sensacional que me ensina, a cada dia, a ser humana, a persistir nas decisões e a enfrentar os desafios com força e determinação. Sem dúvida alguma, você é a pessoa mais importante na minha vida, fonte de inspiração, exemplo e meu refúgio. Obrigada por estar comigo em todos os momentos. Dedico todo meu amor a você.

Ao meu companheiro Jonas, por estar ao meu lado em mais uma das minhas escolhas. Sempre paciente e amoroso. Obrigada por me aguentar nesses momentos de desconstrução e reconstrução que o mundo acadêmico nos coloca. Durante esses dois anos pudemos nos (re)conhecer, aceitar e melhorar como companheiros.

Agradeço ao meu orientador Thiago, que sim, tenho um carinho imenso, um grande amigo e excelente profissional. Sempre muito paciente, ético e sincero, por vezes, muito brincalhão e alegre, mas sempre muito responsável com seu trabalho, família e amigos. Foram muitos desafios nessa trajetória, um universo desconhecido para mim, mas sim, com você me redescobri como pesquisadora, seus ensinamentos, seu exemplo de profissional, pai e amigo. Obrigada Thiago!

Aos idosos do CRAS (X, Y e Z) que me ensinaram a alegria de viver, mesmo em momentos difíceis. A vocês fica meu agradecimento pelos momentos alegres e divertidos pelos quais passamos, pelas bobagens das quais rimos, pelas discussões que tivemos e que nos fizeram crescer tanto. Minha gratidão pelos abraços sinceros e pelas palavras de carinho. Sem dúvida, vocês são exemplos de vida. Gratidão é o que define os momentos que compartilhamos!

Ainda, agradeço a amiga Carine. Uma amiga que o mestrado me apresentou, com a qual dividi, não apenas publicações e participações em eventos, mas também escolhas, alegrias, angústias (que foram muitas, inclusive), choros e risos de doer a barriga. Obrigada pela amizade sincera, comprometida e amorosa.

À professora e amiga Rachel, mais uma das amigas que o mestrado e as

experiências freireanas me presentaram. Uma mulher determinada, sincera, amorosa e muito humana. Uma excelente profissional, comprometida e dedicada com as bandeiras da Educação Infantil. Obrigada pelos conhecimentos e, principalmente, pela amizade que construímos!

Agradeço a minha amiga Chai, colega de graduação, companheira de muitas histórias e decisões da vida, pois, mesmo de longe, sempre esteve perto, apoiando, ouvindo, rindo e chorando comigo. À amiga Jana, que está sempre comigo, nos momentos bons e ruins. Obrigada pela amizade verdadeira.

Aos secretários municipais, Linir e Leandro, pela confiança no meu trabalho. Fica aqui meu agradecimento pelo acolhimento dessa pesquisa junto à Oficina de Dança, reconhecendo a importância dessas ações para a população idosa de Erechim/RS.

Aos amigos, amigas e colegas de mestrado que fizeram parte dessa trajetória acadêmica. Aos técnicos administrativos da UFFS, em especial ao Jorge, secretário do curso, que prontamente resolvia qualquer problema. Agradeço imensamente aos professores do PPGICH, pelos ensinamentos ao longo do curso. Por fim, agradeço a CAPES, por financiar os meus estudos.

RESUMO

O aumento da expectativa de vida é uma das preocupações das entidades públicas, devido ao crescimento da população idosa. Fenômeno que nos provoca, quanto ações públicas desenvolvidas para a qualidade de vida desse grupo. Legalmente esses aspectos são garantidos pela Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do Idoso, os quais determinam a efetivação de políticas sociais para um envelhecimento com dignidade. Neste sentido, é que esta pesquisa procura compreender como ações públicas podem colaborar no desenvolvimento de (re)significados socioculturais, na vida das pessoas em maturação. Análise, do impacto dessas ações, foi feita a partir de um estudo de campo de uma Oficina de Dança, enquanto prática formativa que oferece oportunidades de (re)construção da cidadania para idosos. As discussões desta pesquisa têm por objetivo identificar, analisar e descrever o perfil, os apontamentos e as reflexões, dos idosos participantes da Oficina de Dança, relacionados aos impactos socioculturais dessa atividade, para o exercício da cidadania e inclusão desses sujeitos na cidade de Erechim/RS. Para isso, foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa, dentre os quais, optamos pelo uso de questionário e entrevista, aplicados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para fins de análise e discussão dos dados, usamos estatística básica e o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin. A partir disso, identificamos que o perfil dos idosos participantes é caracterizado por: pessoas com 60 anos ou mais; maior público feminino; de cor de pele branca; casado(a) ou viúvo(a); de baixa escolaridade e renda; com dificuldades de interpretação e compreensão de questões cotidianas. Além disso, a postura interdisciplinar dessa pesquisa nos ofereceu condições para construir as seguintes categorias de análise: 1) Percepções, experiências e vivências; 2) Redes e transformações; 3) Contextos e sentimentos; 4) Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências; 5) Cidadania – (in)compreensões e oportunidades. Com isso, podemos considerar que a Oficina de Dança, como uma ação pública, tem um significativo potencial de promoção de cidadania para pessoas idosas, pois oferece possibilidades de inclusão, inserção social, cultura e lazer a sujeitos esquecidos e oprimidos pela sociedade. Além disso, esse espaço de convivência permite que os corpos se tornem sujeitos conscientes de si e do mundo, exercendo o direito de dizer a sua palavra, vivendo, sentindo e compartilhando experiências para um envelhecimento ativo e independente.

Palavras-chave: Cidadania. Educação. Idosos(as). Oficina de dança.

ABSTRACT

The increase in life expectancy is one of the concerns of public entities, due to the growth of the senior population. This phenomenon provokes us how much public actions are developed for the quality of life of this group. Legally these aspects are guaranteed by the National Policy for the Senior and the Statute of the Senior, which determine the effectiveness of social policies for an aging with dignity. In this sense, this research seeks to understand how public actions can collaborate in the development of socio-cultural (re)meanings, in the life of people in maturation. Analysis, of the impact of these actions, was made from a field study of a Dance Workshop, as a formative practice that offers opportunities for the (re)construction of citizenship for the seniors. The discussions of this research aim to identify, analyze and describe the profile, the notes and the reflections, of the senior participants of the Dance Workshop, related to the socio-cultural impacts of this activity, for the exercise of citizenship and inclusion of these subjects in the city of Erechim/RS. For this, quantitative and qualitative methods of research were used, among which, we opted for the use of questionnaire and interview, applied through the signature of the Term of Free Informed Consent (TCLE). For data analysis and discussion purposes, we used basic statistics and Laurence Bardin's content analysis method. From this, we identified that the profile of the seniors participants is characterized by: people with 60 years old or more; larger female audience; white skin color; married or widowed; with low schooling and income; with difficulties in understanding and understanding daily issues. In addition, the interdisciplinary posture of this research offered us conditions to build the following categories of analysis: 1) Perceptions, experiences and experiences; 2) Networks and transformations; 3) Contexts and feelings; 4) Learning, socio-cultural insertion, dialogues and experiences; 5) Citizenship - (in)understandings and opportunities. With this, we can consider that the Dance Workshop, as a public action, has a significant potential to promote citizenship for the senior citizens, because it offers possibilities of inclusion, social insertion, culture and leisure to subjects forgotten and oppressed by society. Moreover, this space of coexistence allows the bodies to become conscious subjects of themselves and the world, exercising the right to say their word, living, feeling and sharing experiences for an active and independent aging.

Keywords: Citizenship. Education. Senior citizens. Dance Workshop.

LISTA DE SIGLAS

CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
EI	Estatuto do Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNI	Política Nacional do Idoso
PNSPI	Política Nacional de Saúde Pública para Idoso
PPGICH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Projeção da população do Brasil e do Rio Grande do Sul em 2010.	24
Figura 2 – Projeção da população do Brasil e do Rio Grande do Sul em 2060.	24
Figura 3 – Unidades da Federação: Esperança de vida ao nascer (2017).....	25

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente, segundo as Unidades da Federação – 2019.....	26
Tabela 2 – População residente, por situação do domicílio, sexo e grupos de idade: dados de Erechim/RS.....	63
Tabela 3 – Distribuição dos entrevistados por sexo e idade	71
Tabela 4 – Estado civil.....	72
Tabela 5 – Fatores motivacionais	77
Quadro 1 – Conhecendo os entrevistados	84
Quadro 2 – Categorias de análise	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de renda familiar	73
Gráfico 2 – Distribuição de profissão antes da aposentadoria.....	74
Gráfico 3 – Distribuição dos entrevistados por escolaridade	75
Gráfico 4 – Distribuição de entrevistados pelo número de filhos	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 ENVELHECER COM CIDADANIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COMO ALTERNATIVAS PARA UMA VIDA INDEPENDENTE.....	22
2. 1 Envelhecimento: conceitos e representações sociais.....	22
2. 2 Cidadania e envelhecimento: o distanciamento dos direitos	33
2. 3 Políticas públicas: a reconstituição dos direitos da pessoa idosa	40
2. 4 Educação não formal: contribuições para a promoção da cidadania.....	45
3 CORPO CONSCIENTE: A DANÇA COMO UM ATO EMANCIPATÓRIO	49
3. 1 Dança: um olhar sobre a vida	49
3. 2 Corpo consciente: corpo-sujeito e corporeidade	53
3. 3 Sociologia, educação e saúde: uma postura interdisciplinar	57
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	61
4. 1 Tipo de pesquisa	61
4. 2 Lugar e sujeitos da pesquisa	63
4. 3 Técnica da pesquisa: instrumentos e coleta dos dados	64
4. 4 Técnica da pesquisa: análise dos dados	68
5 DE QUE IDOSOS FALAMOS?	70
5. 1 Procedimento metodológicos de campo	70
5. 2 De que idosos falamos: perfil sociodemográfico	71
5. 3 O que isso nos diz sobre a pesquisa?	79
6 VOZES IDOSAS: INVESTIGAÇÃO, CONHECIMENTO E PERCEPÇÕES DE MUNDO.....	83
6. 1 Procedimentos metodológicos para análise dos dados	83
6. 2 Sob o olhar dos idosos: percepções, experiências e vivências	86
6. 3 Oficina de dança: redes e transformações	92
6. 4 Contextos e sentimentos: a dança como um espaço de acolhimento e boas experiências	95
6. 5 Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências.....	99
6. 6 Cidadania: (in)compreensões e oportunidades	103
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICES.....	119
APÊNDICE 1 – Questionário caracterização dos participantes da oficina de dança.....	119

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista	122
APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	123
APÊNDICE 4 – Análise de conteúdo	126
ANEXOS	140
ANEXO 1 – Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas	140
ANEXO 2 – Comitê de ética	141

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno que tem se estendido mundialmente. Isso, principalmente, devido as modificações comportamentais do ser humano e aos avanços científicos, os quais, têm proporcionado o aumento na expectativa de vida¹ da população. Desse modo, os reflexos são percebidos nos processos de transição demográfica, a partir do momento em que há mudanças na pirâmide etária que passa de uma população predominantemente jovem, para um processo progressivo de envelhecimento (CARVALHO; WONG, 2008; ALVES; CAVENAGHI, 2012).

Em alguns países desenvolvidos, esse fenômeno encaminha-se para a fase de estabilização demográfica, enquanto, nos países em desenvolvimento, como por exemplo o Brasil, tem-se as fases intermediárias desse processo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as estimativas apontam para um crescimento de 18% da população de idosos em 5 anos (IBGE, 2018). Assim, confirmando que há um processo de envelhecimento populacional no país, com uma população que passa a viver mais e, então, apresenta uma maior expectativa de vida ao nascer.

Essa condição é de grande relevância para os gestores públicos, tendo em vista que a esperança de vida é um dos indicadores que intervém nos índices de desenvolvimento do país. Dentre os índices categóricos, destacamos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede “o progresso de uma nação a partir de três dimensões: renda, saúde e educação” (PNUD, 2019). Sabe-se que, dentro da dimensão da saúde, encontram-se os números referentes a expectativa de vida, os quais são considerados para o cálculo do IDH e, por isso, são de grande importância para o poder público.

Tais índices, foram fundamentais para a elaboração de leis e políticas para a população em envelhecimento, pois essa nova configuração social colocou em pauta novas demandas de um grupo que, até o momento, encontrava-se desassistido ou em péssimas condições de atendimento. Sob esse viés, e tantos outros que envolvem a população idosa, é que, em 4 de janeiro de 1994, foi aprovada a Lei nº 8 842 que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI), cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências as quais objetivam assegurar os direitos sociais desse grupo.

¹ Considerando a relevância e a grande utilização do conceito de expectativa de vida para essa pesquisa é entendemos como essencial determinar alguns sinônimos para o conceito a fim de evitar repetições excessivas ao longo do texto. Por isso determinamos que a expectativa de vida também pode ser compreendida através dos seguintes termos: esperança de vida, longevidade e prolongamento de vida.

Mesmo diante da criação da Lei nº 8 842, houve a necessidade da construção de um Estatuto do Idoso (Lei Federal nº 10 741), que 9 (nove) anos após sua construção, obteve aprovação, em 1º de outubro de 2003. Esse instrumento legal foi elaborado para regulamentar os direitos, assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos residentes no país (SBGG, 2019). Dessa maneira, articulando e complementando a PNI, na garantia de um envelhecimento saudável, com dignidade e autonomia a esse grupo que tem se tornado cada vez maior e mais significativo no Brasil.

Ressaltamos que as políticas e ações, previstas em Lei, são fundamentais para uma maturidade ativa e saudável, tendo em vista que, promovem atividades de inserção social dos idosos, tanto para a construção do convívio coletivo com seus pares, quanto para além deles. Com isso, são oferecidas condições de reestabelecer o protagonismo do idoso, um dos aliados essenciais para a qualidade de vida. E, em virtude disso, compreendemos a importância do cuidado, na maturidade, como uma das alternativas de prevenir acontecimentos e situações naturais que acompanham o envelhecimento.

Do contrário, se não tratadas dessa forma, elas podem interferir e impedir que o indivíduo tenha uma maturação independente, pois há o risco de danos físicos, mentais, políticos e socioculturais à pessoa idosa como, por exemplo: redução de mobilidade, doenças crônicas, quedas, depressão, exclusão social e outros. São danos que se articulam, afetando, não somente a população idosa, mas também órgãos públicos da área da saúde que têm de investir, muito dinheiro, para tratar de situações que poderiam ser facilmente prevenidas, com custos bem menores aos cofres públicos.

Essas circunstâncias indicam a importância de políticas públicas voltadas para as pessoas idosas, ratificando aquilo que o Estatuto do Idoso (EI) aponta, quanto à obrigatoriedade do Estado em: “[...]garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade” (Lei nº10741/2003, artigo n. 90). E também, a obrigação do estado em: “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade” (Lei nº 8 842, artigo n. 10º, item e).

Tais segmentos permitem a construção de reflexões, a respeito das políticas públicas, desenvolvidas na sociedade atual, no que tange sua abrangência, estando elas para além de atividades, ações e atendimentos, propriamente ditos. Isso porque, podem ser compreendidas como práticas educativas de caráter não formal, a partir de políticas sociais, que permitem a emancipação de pessoas socialmente excluídas. Para Gohn (2010, p. 33) “[...]a educação não

formal tem campo próprio, tem intencionalidades, seu eixo deve ser formar para a cidadania e emancipação social dos indivíduos”.

Neste sentido, destacamos a importância dessas práticas, em diálogo com o exercício da cidadania, tendo em vista que, há um fenômeno de desvalorização social do idoso. Condição articulada por um sistema capitalista, que classifica as pessoas pela sua forma de produtividade, esquecendo da sua função social e cidadã. Aspectos que justificam a relevância da construção de espaços e oficinas voltados à população idosa, a fim de reinseri-lo e mantê-lo no meio social, como sujeitos autônomos, cidadãos, conhecedores do mundo.

Isso porque, “um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como essa última deve garantir-lhe os direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, entre outros” (RESENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001, p. 04). É a partir dessa articulação – deveres e garantias – que se oferece condições de independência ao idoso, que, através do direito e inclusão sociocultural, torna-se cidadão. E assim, pode ser compreendido como corpo sujeito que vive, sente, interage e se expressa através da dança, um sujeito que extrapola as barreiras do corpo-objeto e se torna um corpo-consciente situado em Paulo Freire.

Sob esse viés se constrói meu interesse pela temática da pesquisa, instigado pela minha formação acadêmica em Educação Física Licenciatura, na Universidade Federal de Pelotas. Formação que me permitiu conhecer e conviver com projetos e trabalhos, de convivência e atividade física, com idosos; desenvolvidos dentro da própria universidade, apresentando resultados significativos na vida dos sujeitos em maturação. Resultados que representam a autonomia e emancipação de idosos no, com e para o mundo.

Mas também, essa pesquisa foi motivada pela minha trajetória profissional, envolvendo atividades com grupos de convivência para pessoas idosas, como uma ação pública a esses grupos, os quais se constituíram dentro de Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) no município de Erechim/RS. Serviço que fomenta suas ações em forma de oficinas de atividade física, dança e trabalhos manuais, para promover o fortalecimento e convivência dos grupos de idosos de determinadas regiões da cidade; em virtude das condições socioeconômicas e culturais desiguais, das localidades em que estão inseridos.

No entanto, essa trajetória veio acompanhada de inúmeros desafios e provocações que instigam inquietações tanto como profissional, quanto como ser humano conhecedor e consciente. Dentre elas, destacamos a seguinte provocação: Quais são e como se apresentam os impactos socioculturais das políticas públicas, para as pessoas idosas, dentro de um

processo de inclusão social e emancipação de sujeitos? Tal questionamento norteia as demais questões desta pesquisa, como:

- Como funcionam as políticas públicas para idosos na cidade de Erechim/RS?
- Qual o perfil sociodemográfico dos idosos que buscam e tem acesso às atividades e atendimentos ofertados pelas políticas assistenciais do município em foco?
- Qual a relação da educação não formal e as práticas de políticas sociais para idosos?
- Quais são os impactos socioculturais dessas políticas ofertadas para a inclusão e socialização desse grupo?

Portanto, essa pesquisa é estruturada a partir do entendimento de que as políticas públicas são fundamentais para a construção e inclusão dos sujeitos idosos, de contextos excludentes, principalmente com relação à emancipação cidadã dos idosos, para promoção de um envelhecimento ativo. Além disso, outro fator relevante, que justifica essa pesquisa, é a reduzida produção acadêmica a respeito dos impactos socioculturais, de oficinas de atividade física para idosos como ferramentas de cidadania e inclusão comunitária.

Com isso, partimos do pressuposto de que conhecer, descrever e compreender a percepção dos idosos participantes das políticas públicas, ofertadas pelo município de Erechim/RS, é uma premissa fundamental para averiguar e desenvolver possibilidades e estratégias, que viabilizem a continuidade e a ampliação das políticas públicas, para um envelhecimento ativo. Por isso, desafiamo-nos a responder **“Quais são os impactos socioculturais da Oficina de Dança para os idosos da cidade de Erechim/RS?”**

Nesse sentido, a relevância da pesquisa é justificada pela contribuição na produção científica, no campo das políticas públicas e da educação não formal, para grupos de idosos; na medida em que fornece dados, apontamentos e reflexões a respeito das atividades oferecidas à idosos, pelo poder municipal. Destacando que, essa pesquisa aborda uma análise sociológica e interdisciplinar dos benefícios da dança, os quais não estão relacionados aos efeitos fisiológicos dessa prática.

Portanto, a partir da problemática da pesquisa, definimos como objetivo:

Objetivo geral:

- Identificar, analisar e descrever o perfil, as percepções e as reflexões dos idosos

participantes da oficina de dança com relação aos impactos socioculturais dessa atividade para o exercício da cidadania e inclusão desses sujeitos na cidade de Erechim/RS.

Objetivos específicos:

- Traçar o perfil dos participantes da oficina de dança, ofertada a idosos da cidade de Erechim/RS, considerando as características pessoais e socioeconômicas.
- Verificar impactos e interesses de aprendizados dos idosos, participantes da oficina ofertada.
- Identificar e descrever os impactos socioculturais da oficina de dança para a prática da cidadania e a (re)construção dos idosos como um corpo consciente.

Dessa maneira, apresentamos uma pesquisa construída sob um olhar interdisciplinar, do fazer científico na pós-graduação, visto que, o problema dessa dissertação abrange as áreas que vão da Sociologia à Educação e à Saúde. Com isso, auferimos uma postura interdisciplinar, que atende aos significados de uso do termo interdisciplinaridade, apresentados por Paviani (2014, p. 13) dentre os quais, destacam-se a teoria epistemológica a proposta metodológica e aplicação de conhecimentos em outra disciplina. Para Baquero (2009, p. 12), esse tipo de pesquisa permite:

A tarefa de questionar o estabelecido, entretanto, implica, para o pesquisador que busca elaborar um conhecimento diferente do hegemônico, criar condições não só de transitar multidisciplinarmente pelas diferentes áreas de conhecimento (Sociologia, Antropologia, Filosofia, História e Ciência Política), mas, sobretudo, dominar e conseguir aplicar métodos diferentes na explicação de um fenômeno social, mesmo que isto signifique remar ‘contra a maré’.

Além disso, as questões de pesquisa fogem daquilo que Demo (1995, p. 21) coloca como o que não é ciência, e atendem a fatores e critério internos, que devem aparecer dentro do âmbito de cientificidade como coerência, consistência, originalidade e objetivação; e a intersubjetividade que é, propriamente, o critério externo. Neste sentido, articulamos essa dissertação a partir de alguns capítulos teóricos-conceituais, que nos deram bases para discutir a problemática, e também os capítulos que tratam dos aspectos metodológicos e dos dados coletados no trabalho de campo.

No capítulo “Envelhecer com Cidadania: Políticas Públicas e Educação não Formal como alternativas para uma vida independente”, buscamos apresentar as bases conceituais que

norteiam os conceitos envelhecimento, cidadania, políticas públicas e educação não formal. Nesse capítulo, também procuramos discutir o quanto esses conceitos estão relacionados as práticas de uma vida com cidadania; como isso, embasar nosso problema de pesquisa. Dessa maneira, chamamos o leitor para as discussões, acerca do processo de envelhecimento, como uma agenda pública, que se depara com inúmeros determinantes sociais, que excluem e oprimem populações idosas.

Após essa discussão conceitual, que situa nossa pesquisa, no próximo capítulo, tratamos das questões que envolvem os conceitos já trabalhados e os conceitos que norteiam o próprio estudo de campo. Portanto, no capítulo “Corpo Consciente: a dança como um ato emancipatório”, procuramos tratar do corpo e da dança, na sua totalidade, partindo das possibilidades que colocam o ser humano como um corpo-sujeito, socializante e incluso, a partir da corporeidade e da dança.

Dando sequência a pesquisa, apresentamos o título “Caminhos metodológicos”, que trata dos procedimentos metodológicos, adotados para a construção dessa pesquisa, interdisciplinar, como um campo a ser explorado. Por isso, o capítulo é dedicado a apresentação do local da pesquisa, dos instrumentos utilizados para a coleta de dados e do método de sistematização e análise dos dados, encontrados no trabalho de campo.

A partir dessa contextualização metodológica da pesquisa e dos aspectos técnicos do campo, entramos no processo de apresentação dos dados encontrados. No capítulo “De Que Idosos Falamos?”, sistematizamos os aspectos quantitativos que compõem nosso problema de pesquisa e que permitem a construção de um perfil dos idosos, participantes da Oficina de Dança como uma ação municipal, tendo em vista que aspectos sociais, econômicos, étnicos e educacionais devem ser levados em conta, para compreender o fenômeno de exclusão social dos idosos, na cidade de Erechim. Além disso, eles situam de quais idosos estamos falando, se são idosos escolarizados ou não, de baixa renda ou não; brancos, pretos, pardos ou indígenas, dentre outros elementos que determinam o envelhecimento.

Encaminhando a dissertação, construímos um capítulo para análise das entrevistas, a partir do método de análise de conteúdo de Laurence Bardin. Com o título “Vozes Idosas: Investigação, Conhecimento e Percepções de Mundo”, apresentamos as concepções, reflexões e apontamentos dos idosos participantes da Oficina, através da construção de categorias de análise. Esse procedimento nos permitiu a construção de uma análise aprofundada, em diálogo com o referencial teórico proposto pela pesquisa, permitindo-nos dialogar com os resultados encontrados nos dois instrumentos de análise.

Por fim, as considerações dessa pesquisa apresentam diferentes análises, com relação a

corporeidade e a dança como uma ferramenta educativa, que possibilita reestabelecer a cidadania como direito de todas as pessoas em maturação. Assim, esperamos colaborar para a compreensão dos fatos que permeiam esta problemática, da ausência de políticas para a população idosa, principalmente, devido ao processo de exclusão social desse grupo.

Ainda, ressaltamos a importância de estudos que busquem compreender e refletir sobre os impactos socioculturais de ações direcionadas a população em envelhecimento, tendo em vista, seus efeitos sociais, políticos, econômicos e culturais, no processo de envelhecer com qualidade e cidadania. Dessa maneira, identificando as contribuições das ações públicas para idosos, tanto de maneira individual, quanto coletiva, compreendendo as possibilidades de (re)construir novos olhares sobre o processo de envelhecer com cidadania.

2 ENVELHECER COM CIDADANIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COMO ALTERNATIVAS PARA UMA VIDA INDEPENDENTE

Este capítulo intitulado ENVELHECER COM CIDADANIA: políticas públicas e educação não formal como alternativas para uma vida independente, tem como objetivo, tratar das bases conceituais dessa pesquisa. Para isso, buscamos, a partir de revisão bibliográfica, recortes, dados estatísticos e notícias, conceituar pontos-chaves dessa pesquisa, a fim de oferecer subsídios que permitam compreender e estabelecer correlações, a respeito do tema apresentado por essa dissertação.

Portanto, este capítulo abordará temáticas sobre: idosos e envelhecimento, políticas públicas, cidadania, educação não formal – como mecanismos de formação, inclusão e emancipação humana na maturidade. Indiretamente, também estaremos estabelecendo as relações interdisciplinares, existentes nesta pesquisa; ao passo que discutimos e articulamos conceitos das áreas da sociologia, educação e saúde.

2.1 Envelhecimento: conceitos e representações sociais

Para compreender o envelhecimento é preciso entender e analisar as articulações existentes e interligadas a esse processo, pois ele é parte constitutiva do desenvolvimento humano. E é por isso, que no texto a seguir, apresentaremos alguns dos aspectos relacionados a esse fenômeno natural da vida como: expectativa de vida; os marcadores etários, legais e sociais; as características e representações desse conjunto.

A partir disso, procuramos compreender e aproximar as discussões referente a temática da pesquisa, pois sabemos que o processo de envelhecimento envolve situações que estão para além das mudanças fisiológicas, decorrentes da idade. Tendo em vista que esse processo leva o “idoso a enfrentar situações novas, entre as quais destacam-se: aposentadorias precárias, diminuição dos recursos econômicos, perda de entes queridos, diminuição da capacidade física e da libido, alterações da auto-estima e perda da posição social” (FELICIANO; MORAES; FREITAS, 2004, p. 1576).

Nesse sentido, iniciamos a discussão, buscando contextualizar a expectativa de vida como um marcador social, que é utilizado para determinar, em média, quantos anos uma pessoa tende a viver, isso, a partir da apresentação de fatores que influenciam nessa condição. Primeiramente, precisamos deixar claro que a expectativa de vida não é algo estanque e singular, mas sim, uma condição que, de modo plural, encontra-se em constante movimento. Cons-

tância que pode se modelar de acordo com as características físicas, políticas e sociais de cada localidade, estilo de vida ou cultura.

Com relação ao território brasileiro, a expectativa de vida da população tem se mostrado em um processo de modificação. A partir das pesquisas realizadas pelo IBGE (2018), podemos observar essas modificações, por meio de análises estatísticas que encontram um aumento de 30,5 anos de vida entre o período de 1940 a 2017. Estimando, assim, uma alteração na esperança de vida dos brasileiros, a qual passou de um total de 45,5 anos para 76 anos em 2017.

Dessa maneira, o Brasil tem deixado de ser um país jovem, e encaminha-se para um processo de envelhecimento populacional, sendo que, cerca de quase um quarto da sua população é idosa. Fato explicado por meio das modificações socioculturais, históricas e científicas que aconteceram no país e implicaram em alterações da pirâmide etária nacional. Modificações das quais, ofereceram condições de (re)construção de hábitos, erradicação e cura de doenças, bem como a eliminação de outros aspectos que influenciam no processo de prolongamento de vida. Portanto, o envelhecimento populacional:

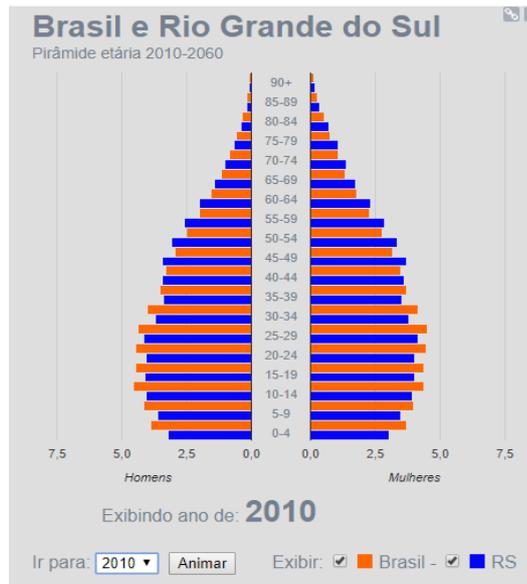
[...] revela os seguintes avanços positivos: o controle de muitas doenças infectocontagiosas e potencialmente fatais; a diminuição das taxas de fecundidade; a queda da mortalidade infantil, graças à ampliação das redes de abastecimento de água e esgoto; o aumento da cobertura vacinal e da atenção básica à saúde; a acelerada urbanização; a universalização da previdência social e as profundas transformações nos processos produtivos e de organização do trabalho e da vida (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 20).

De acordo com as projeções populacionais feitas pelo IBGE (2019), esses avanços podem elevar os números relacionados à expectativa de vida, ao ponto de haver uma modificação ainda maior da pirâmide etária brasileira. As projeções estimam que, em 50 anos, a estrutura da pirâmide pode ser alterada, a ponto de ter uma base mais estreita, com menores taxas de natalidade, e topos mais largos ou equivalentes. Isso, devido ao aumento da esperança de vida da população que, com o passar dos anos e os adventos da ciência, modificou hábitos e intensificou os cuidados com a vida.

Partindo dessas estimativas, o órgão acredita que está se estabelecendo uma nova imagem demográfica do país que trará um desenho demográfico, próximo ao de alguns países desenvolvidos. Projeção que se assemelharia à da realidade europeia, por exemplo, a qual já passou pela transição demográfica, e possui um contingente populacional mais maduro, com isso, apresentando uma pirâmide etária com uma base estreita e um significativo alargamento de seu topo.

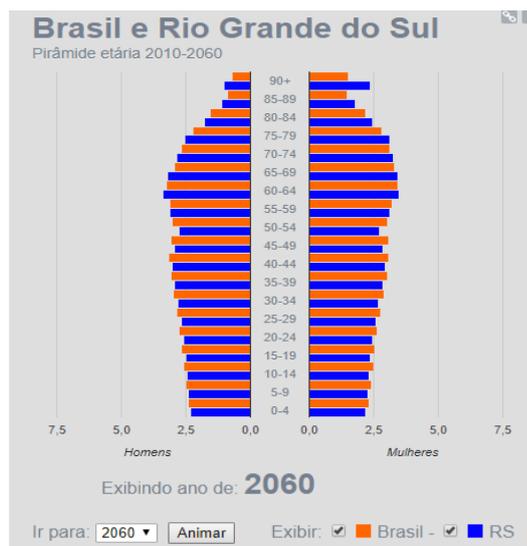
No Brasil, esse desenho demográfico já é estimado e projetado pelo IBGE, que faz uma estimativa dos dados em âmbito nacional e também, das unidades federativas. Projeção que estabelece uma imagem comparativa dessa pirâmide em uma faixa de 50 anos, iniciando no ano de 2010 até 2060:

Figura 1 – Projeção da população do Brasil e do Rio Grande do Sul em 2010.



Fonte: IBGE – 2019, disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

Figura 2 – Projeção da população do Brasil e do Rio Grande do Sul em 2060.



Fonte: IBGE – 2019, disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

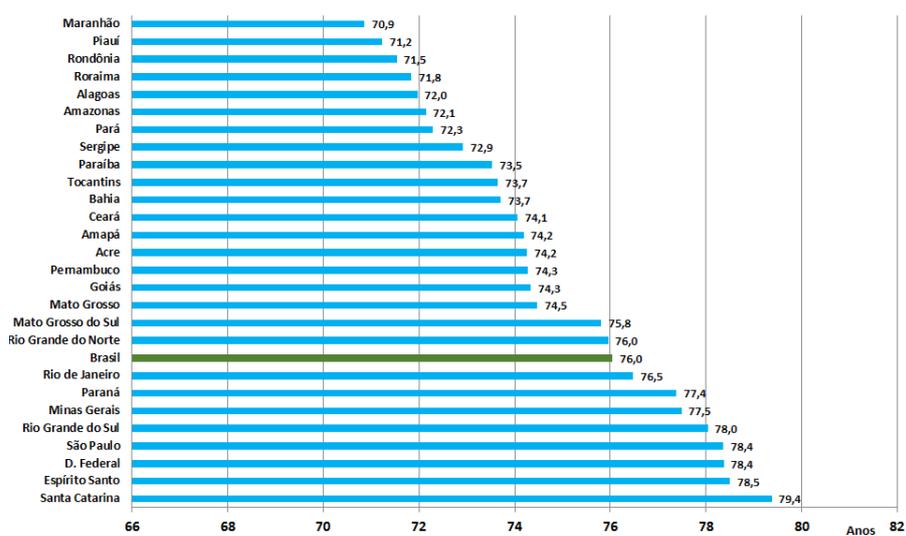
Segundo Melo et al. (2017, p.495), “Os processos de transição demográfica e epide-

miológica no Brasil são claramente heterogêneos e estão associados, em grande parte, às desiguais condições sociais observadas no país”. Assim, entendemos que a expectativa de vida também é influenciada por questões geopolíticas, como por exemplo: aspectos econômicos, regionais ou de gênero/sexo. Por esse motivo, percebemos a necessidade de apresentar as interrelações que possam existir nesse processo, bem como identificar as convergências dos fatos ligados a eles.

Para isso, prosseguimos a revisão, tratando dos aspectos relacionados as questões, envolvendo as regiões do país. Segundo os dados disponíveis pelo IBGE (2018), é possível identificar que há diferenças significativas na esperança de vida dos brasileiros, ao compararmos as unidades federativas do país. A exemplo disso, apresentamos a maior diferença de expectativa de vida encontrada, com base na figura 3, que aponta o estado de Santa Catarina, com a maior expectativa de vida, com uma faixa dos 79,4 anos, enquanto Maranhão com 70,9 anos, representa a menor expectativa. Diferença que representa 8,5 anos a mais na esperança de vida ao nascer em Santa Catarina.

Aproximando o olhar para nosso recorte de pesquisa, encontramos, no Rio Grande do Sul, uma esperança de vida ao nascer com uma média de 78 anos, o que representa uma média de 2 anos de vida, a mais, em comparação à média nacional. E quando compararmos essa média com a média do Maranhão, a diferença é ainda maior, são 7,1 anos de vida, a mais, para os gaúchos.

Figura 3 – Unidades da Federação: Esperança de vida ao nascer (2017)



Fonte: IBGE – 2018, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>

Dados que podem ter relação direta com as questões econômicas de cada região, tendo em vista que a concentração e a má distribuição de renda, também são fatores que influenciam no processo de envelhecimento. No Brasil, essa desigualdade de renda pode ser observada, através do distanciamento de rendimento mensal *per capita*² da população no ano de 2019, de acordo com as unidades federativas:

Tabela 1 – Rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população residente, segundo as Unidades da Federação – 2019

Brasil e Unidades da Federação	Rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> 2019
Brasil	R\$1.438,67
Rondônia	R\$1.136,48
Acre	R\$889,95
Amazonas	R\$842,08
Roraima	R\$1.043,94
Pará	R\$806,76
Amapá	R\$879,67
Tocantins	R\$1.055,60
Maranhão	R\$635,59
Piauí	R\$826,81
Ceará	R\$942,36
Rio Grande do Norte	R\$1.056,59
Paraíba	R\$928,86
Pernambuco	R\$970,11
Alagoas	R\$730,86
Sergipe	R\$979,78
Bahia	R\$912,81
Minas Gerais	R\$1.357,59
Espírito Santo	R\$1.476,55
Rio de Janeiro	R\$1.881,57
São Paulo	R\$1.945,73

² Os rendimentos domiciliares são obtidos pela soma dos rendimentos do trabalho e de outras fontes recebidos por cada morador. O rendimento domiciliar *per capita* é calculado através da divisão dos rendimentos domiciliares, em termos nominais, pelo total dos moradores (IBGE, 2020).

Paraná	R\$1.620,88
Santa Catarina	R\$1.769,45
Rio Grande do Sul	R\$1.842,98
Mato Grosso do Sul	R\$1.514,31
Mato Grosso	R\$1.402,87
Goiás	R\$1.306,31
Distrito Federal	R\$2.685,76

Fonte: elaborado pela autora. Dados disponíveis pelo IBGE (2020). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26956-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-2019>

A partir disso, é possível seguir nossas articulações a respeito da relação existente entre desigualdade de renda e expectativa de vida. Por exemplo, ao olharmos novamente para o Rio Grande do Sul e Maranhão, vemos não somente uma diferença de expectativa de vida, já citada acima, mas encontramos uma variação de renda *per capita* muito grande. No primeiro, temos uma renda média de R\$1842,98, já no segundo, uma renda de R\$635,49, ou seja, a população gaúcha tem uma renda média 3 vezes maior que o valor da renda *per capita* da população maranhense.

Salientamos que, essas disparidades de renda estão para além das demarcações estaduais, pois elas são uma realidade nacional, que está relacionada às características físicas, culturais e econômicas de cada espaço. A desigualdade é identificada quando temos poucas pessoas com altos salários e muitas recebendo abaixo do salário mínimo, ou sem renda alguma. De acordo com dados parciais do PNUD (2018), fornecidos pelo IBGE (2019), o rendimento médio mensal, de trabalho da população 1% mais rica, foi quase 34 vezes maior que da metade mais pobre, em 2018, isto é, a parcela de maior renda arrecadou R\$ 27.744 por mês, em média, enquanto os 50% menos favorecidos ganharam R\$ 820.

Como consequências disso, temos “[...]o desemprego, a miséria, a fome, a mortalidade infantil, a pouca escolaridade, a violência, a desnutrição, etc” (NUNES, 2019, p. 166). Condições que vão de encontro aos direitos a uma vida digna e de um envelhecimento com qualidade. Isso porque de acordo com Feliciano, Moraes e Freitas (2004, p. 1576), “[...] pessoas que vivem em situação econômica precária estão mais expostas ao risco de adoecer e morrer, quadro este que se intensifica em populações mais desprotegidas ou vulneráveis, como crianças e idosos”.

Condições econômicas que colocam os idosos em situação de vulnerabilidade social,

considerando que a má distribuição de renda é fator limitante para uma vida digna. Isso, também porque as pessoas de baixa renda, vinda das pensões e aposentarias, já carregam um corpo cansado e com problemas advindos do processo do envelhecer. Impossibilidades que se materializam nas oportunidades de lazer, saúde, educação, alimentação, habitação, saneamento e outros aspectos fundamentais para um envelhecer ativo.

Deste modo, temos aqui, outra reflexão importante, relacionada a essa etapa de vida, a qual, tem nos mostrado que não basta oferecer mais anos de vida as pessoas em maturação, é preciso que estes venham acompanhados de condições dignas de vida (VERAS, 2009). Por isso, envelhecer com qualidade é fator fundamental para uma maturação ativa, isto é, para um amadurecimento com independência, autonomia e protagonismo.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que a pesquisa tratará sobre esse processo de envelhecer, de modo ativo, bem como da importância que isso tem na vida de sujeitos em maturação. Portanto, ao nos referirmos a palavra ativo(a)³ estamos nos remetendo a uma relação de condição funcional, aquela em que o sujeito usufrui de suas capacidades físicas e mentais para ser protagonista de sua vida, ou seja, ser, interagir e participar das relações cotidianas, de maneira independente.

Dando continuidade as nossas discussões, referentes à expectativa de vida, comprometemo-nos a dialogar a respeito das diferenças existentes, entre a longevidade de homens e mulheres. Isso porque, há uma relação apresentada de que as mulheres têm maior esperança de vida quando comparadas aos homens. Fato comprovado por Küchemann (2012, p. 166), ao expor que os dados de transição demográfica brasileiros permitem constatar a existência de um processo de feminização da velhice, isto é, quanto mais madura a população, mais feminina ela se torna.

Processo que, de acordo com as pesquisas realizadas pelo IBGE (2019), tem sua origem a partir de 1980, quando se passou a registrar uma maior incidência de mortes entre os homens, o órgão acredita que elas estejam ligadas ao processo de industrialização e metropolização do Brasil. Ainda, as pesquisas do IBGE (2019) trazem estimativas de que:

Em 2018, um homem de 20 anos tinha 4,5 vezes mais chance de não completar 25 anos do que uma mulher no mesmo grupo de idade. Esse fenômeno pode ser explicado pela maior incidência dos óbitos por causas externas ou não naturais, que atingem com maior intensidade a população masculina.

³ Sabemos da existência dos conceitos relacionados a pessoa ativa nas áreas da saúde, esses referentes as condições fisiológicas e de atividade física semanal. No entanto, nossa pesquisa trata de outro significado da palavra ativa, sendo aquele ou aquela pessoa capaz de usufruir das capacidades funcionais para decidir a sua vida, participando e interagindo socialmente através do exercício da cidadania como um direito civil, social e político.

Perspectivas que podem ser explicadas por meio da incidência de prática e hábitos, in-consequentes, relacionados com a população masculina, os quais, conseqüentemente, colocam a vida em risco. A exemplo disso, podemos citar: o descaso com a saúde, a imprudência no trânsito, maior envolvimento com brigas e outros tipos de violência, maior prevalência do uso abusivo de drogas e álcool, e outros. Estimativa que, por si só, explica a menor probabilidade de vida entre os homens e, conseqüentemente, uma menor longevidade, quando relacionada a esse sexo.

Já, o processo de feminização permite concluir que há uma maior probabilidade de vida entre as mulheres. Dado que também é influenciado pelos comportamentos de vida adotados por elas, os quais estão interligados a presença de prudência e autocuidado com a vida. Ainda, as mulheres, em sua maioria, são mais sensatas, menos impulsivas e, então, menos propensas a se envolver com situações de risco, como aquelas que colocam a vida dos homens em perigo.

Desse modo, podemos afirmar que, em geral, os homens estão, sim, mais expostos a situações de risco, as quais os colocam em menores taxas de expectativa de vida ao nascer, quando comparada a relação dos anos de vida das mulheres. Circunstância que explica o processo de feminização do envelhecimento, que tem sua origem a partir das situações de riscos nas quais a população masculina se coloca culminando para uma morte prematura, associada a causas externas ou não naturais.

Por outro lado, além dos fatores geopolíticos tratados acima, entendemos que é necessário, também, trazer os fatores que colaboram para a construção de representações sociais, envolvendo a fase de envelhecimento. Isso porque, nesta última etapa do ciclo da vida, observa-se “[...]o acúmulo de desfechos conduzidos pelos eventos sociohistóricos e culturais, interagindo com recursos internos (psicológicos e biológicos) e externos (ambientais, políticos e sociais), que tornariam as pessoas idosas mais ou menos vulneráveis frente aos eventos de vida (SALMAZO-SILVA et al., 2012, p. 99)”.

Por isso, dando sequência as amarrações que envolvem esse fenômeno, é que buscamos apresentar alguns aspectos, referentes as representações sociais, que (co)existentes e interferem nesse processo. Para isso, seguiremos as discussões associadas a(o)(s):

- I) parâmetros cronológicos, referentes às classificações ou faixas etárias, a nível mundial e nacional, dos idosos;
- II) (re)significações da carga semântica e cultural das nomenclaturas utilizadas pa-

ra com essa população (velho, idosos, pessoas idosas, população em maturação e outros);

III) compreensões acerca das diferentes percepções e condições de ser idoso e como elas podem estar postas de modos distintos em um mesmo país.

Iniciamos nossas reflexões, sobre as representações sociais, a partir de discussões referentes aos parâmetros cronológicos, com relação a idade, ou seja, aos anos de vida de uma pessoa. Isso, buscando apresentar quem são os idosos hoje no Brasil, e quais são as características legais que os colocam nessa faixa etária. Para isso, partimos olhando sob o viés de duas classificações internacionais, que influenciaram na determinação nacional de quem é o idoso brasileiro:

- a) Organização Mundial de Saúde (OMS) que determina o limite de 65 anos como inicial dessa fase de envelhecimento e a.
- b) Organização das Nações Unidas (ONU) que considera idoso(a) aquele ou aquela pessoa com 60 anos ou mais.

No Brasil, essas classificações foram fundamentais para o desenvolvimento e criação de leis de direito a população idosa, as quais tiveram origem a partir da Política Nacional do Idoso (PNI) e do Estatuto do Idoso (EI), aprovado em 2003. Esse, por sua vez, passou a determinar que a faixa etária da população idosa, no país, assemelhar-se-ia àquela estabelecida pela ONU. Assim, legalmente, determinando o sujeito idoso como aquela pessoa com idade igual ou superior a 60 anos⁴, e com isso, garantindo-lhes todos os direitos fundamentais, inerentes à pessoa humana.

A partir disso, e do contexto de crescimento demográfico, surgiram novas demandas de atendimento a essa população, isto é, passou-se a ter um novo olhar sobre a pessoa idosa. Olhar que também é orientado pelo conhecimento científico, produzido a respeito dessa fase do desenvolvimento humano, a “velhice”, a qual, de acordo com Camarano e Pasinato (2004), cobre, atualmente, um espectro de até 30 anos de vida. Afirmativa, que ratifica a importância de um olhar acolhedor e empático para o desenvolvimento de ações e políticas diferenciadas a esse grupo.

⁴ A classificação etária nesta pesquisa foi utilizada como um marcador cronológico para a definição de quem e quais são os sujeitos idosos que estamos tratando. Portanto, para a seleção dessa população foi considerado idoso aquele ou aquela pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, tendo em vista os direitos legais garantidos pelo Estatuto do Idoso.

Orientação que traz à tona a demanda por medidas relacionadas a determinadas condições de vida e hábitos diários, que podem interferir no processo de envelhecimento. Interferências naturais ou condicionais que podem acometer o ser humano, o qual está suscetível a sofrer com ações e alterações sob, com e no meio em que está inserido. Por isso, essas questões, quando associadas a intervenção do estado, como órgão garantidor da vida, oferecem condições de reduzir a vulnerabilidade desses sujeitos, propondo ações de prolongamento da vida.

Ações e alterações que estão relacionadas ao aparecimento de modificações fisiológicas naturais da idade, as quais levam à redução das capacidades físicas ou mentais e, com isso, à dificuldade de realizar atividades cotidianas (ZIMERMAN, 2005). No entanto, tem se notado uma redução, ou até mesmo, um aparecimento, tardio, dessas implicações biológicas. Aspectos que estão relacionados ao desenvolvimento de políticas de prevenção e promoção, para um envelhecimento ativo (ZIMERMAN, 2005), das quais ofereçam não apenas um prolongamento de vida, mas que este aconteça com qualidade.

Movimento que tem tido como protagonista os próprios idosos:

[...]que vêm se reorganizando em associações reivindicativas de aposentados, clubes, grupos culturais, esportivos e de lazer, em grande medida ainda incipientes, visando a garantir o direito à vida longa com qualidade. Esse bloco dos idosos ativos, ainda muito pouco retratado pela mídia, constitui a *cellula mater* de um 'protagonismo' insubstituível e que tende a crescer. A visão mais positiva do idoso, como portador de experiência e cidadão participativo nas decisões e nos rumos de seu destino, na verdade, se dá no âmbito de uma mudança política e que revolva as estruturas dos interesses estabelecidos e dos núcleos de poder dos adultos (SOUZA et al, 2002, p. 207).

No entanto, essa visão mais positiva sobre o envelhecimento tem esbarrado em algumas rotulações, que impedem a construção social de idoso ativo como uma pessoa de “[...]representações positivas de saúde, independência, alegria (FERREIRA, et. al., 2010, p. 362)”. Isso, devido a existência de uma relação negativa, diretamente ligada a nomenclatura utilizada para essa população. Negativa no sentido de que enxerga e coloca o sujeito idoso em uma posição de alguém inativo⁵, ou seja, relação que determina o idoso como um ser improdutivo e dependente, sem direitos sociais, políticos ou culturais.

Essa relação negativa se materializa quando analisamos a carga semântica, carregada pela nomenclatura utilizada para nomear e caracterizar as pessoas mais velhas. Nomenclatura

⁵ Conceito que se aproxima a ideia do conceito de incapacidade funcional que de acordo com Veras (2009) pode ser compreendido como a redução das habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e participativa.

que por anos se deu pela palavra velho(a), o que justifica ser a nomeação mais utilizada para designar os sujeitos com mais anos de vida. Contudo, a nomenclatura em questão apresenta relações, intimamente, interligadas as questões referentes a perda ou diminuição das capacidades fisiológicas.

Não somente isso, mas ao olharmos para a análise da construção da palavra envelhecimento, observamos uma nomeação construída a partir da utilização do radical velho. E com isso, percebemos a relação estabelecida entre o termo envelhecimento e a designação de características de adjetivação para os sujeitos pertencentes a essa fase de vida. Adjetivação que se apresenta através do uso do termo velho-idoso, como alguém que tem muitos anos de vida, que é antigo, ou está em desuso (HOUAISS, 2004, p.754).

Perspectiva que, não só determina e dá significações a esse grupo como, quando somada a sua carga antropológica, leva a necessidade de repensar nomenclaturas para construir novos significados⁶ com relação as pessoas idosas. Isso, procurando romper com as representações históricas e culturais, construídas sobre o envelhecimento e seus aspectos negativos. Assim, como afirmam Ferreira et. al (2010), ao expor que a “representação do envelhecimento, sem estar associado à palavra “ativo”, foi baseada em aspectos negativos, ancorados em termos como velho, limitação, doença, inútil.”

Visão pessimista que, de acordo com Uchôa (2003), também está ligada a uma característica ocidental de produtividade, rendimento, na juventude e no dinamismo. E dessa forma, acaba projetando estereótipos sobre a velhice, que causam uma representação social gerontofóbica, contribuindo para a construção dessa imagem negativa que os idosos têm de si próprios, bem como a das condições e circunstâncias que envolvem a velhice, negando o processo de envelhecimento (MARTINS; RODRIGUES, 2004).

Representações gerontofóbicas podem ser identificadas no momento em que idosos, não portadores de características limitantes naturais da idade, começam a desenvolver perdas influenciadas pelo imaginário social. Perdas, que têm sua origem vinda do negativismo (im)explícito que, além de associar as relações apresentadas acima, coloca as pessoas mais velhas como impossibilitadas, limitadas e incapazes. Assim, levando-as a condições de isolamento social, solidão e tristeza.

⁶ Buscando romper com os estereótipos construídos e repensar nomenclaturas para a população idosa é que nessa pesquisa optamos pela utilização dos seguintes termos: envelhecimento ativo, maturidade, em maturação, idoso ativo, idoso independente, envelhecimento autônomo, pessoas ou população mais velha(s). Dessa maneira, procurando romper com as questões socioculturais impostas perante o conceito e sua carga de sentidos da nomenclatura velho e do processo de envelhecer como algo negativo. Pois acreditamos que é fundamental a construção de um novo sobre o envelhecimento logo que, tem-se uma boa parcela da população, com mais de 60 anos, que se encontra ativa, participativa e independente, gozando de boas condições de saúde física e mental.

Finalizando nossas discussões sobre envelhecimento e representações sociais, entendemos que as questões geopolíticas, históricas e culturais exercem grande influência na representação social do idoso e no processo de envelhecimento. Articulações que podem ser compreendidas a partir do momento em que enxergamos o envelhecimento, não como um processo homogêneo, mas sim como um processo heterogêneo, através do qual pode ser observado como uma construção social.

Construção que sofre influência, não somente das modificações fisiológicas da idade, mas das condições sociais, culturais, econômicas, regionais e outros aspectos que tratamos no transcorrer do texto. E isso, somente é possível, devido ao fato de que a população idosa se constitui de um grupo muito heterogêneo, diferenciado entre si e entre os demais grupos etários, tanto do ponto de vista das condições sociais, quanto dos aspectos demográficos e epidemiológicos (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2017).

Perspectivas que implicam diretamente na ideia de envelhecimento ativo, no sentido de participação social, pois percebemos que há uma ruptura ou negação dos direitos fundamentais para uma vida digna, os quais impedem que experiências positivas sejam ofertadas às pessoas idosas. Ruptura que acaba oferecendo somente experiências negativas, as quais, cotidianamente, levam os idosos a conviverem “[...] com medo de violências, falta de assistência médica e de hospitais e escassas atividades de lazer, além de angústias com os baixos valores das aposentadorias e pensões (VERAS, 2009, p. 550)”.

Por fim encerramos, colocando que “é fato que a educação, a renda, a nutrição e o estilo de vida são potenciais determinantes para a longevidade (MELO et al, 2017, p. 495)”, pois são direitos fundamentais necessários para usufruir de uma vida digna. Portanto, entendemos que para isso, é necessário romper com as condições desiguais que constroem estereótipos, históricos e culturais, os quais, ao longo dos anos, vêm colocando os idosos como inativos, incapazes e inúteis.

2. 2 Cidadania e envelhecimento: o distanciamento dos direitos

A cidadania não é apenas um conceito fundamental dessa pesquisa, mas também um objeto de análise, da qual nos atentaremos a observar sua existência e perspectivas, durante a fase do envelhecimento humano. Por esse motivo, compreendemos ser essencial situar o contexto de análise desse conceito, tendo em vista a necessidade de determinarmos de qual cidadania estamos falando. E com isso, então, poderemos tratar de suas virtudes, características, aplicações e práxis, nas diferentes esferas, das quais se tem o direito de ser

cidadão.

Iniciamos nossa discussão nos questionando: o que é ser cidadão?

Para muita gente, ser cidadão confunde-se com o direito de votar. Mas quem já teve alguma experiência política – no bairro, igreja, escola, sindicato, etc. – sabe que o ato de votar não garante nenhuma cidadania se não vier acompanhado de determinadas condições de nível econômico, político, social e cultural (CERQUIER-MANZINI 2010, p.11).

Condição também problematizada por Carvalho (2018), ao colocar que o exercício de certos direitos, como o voto e a liberdade de pensamento, não garantem a atenção dos governos aos problemas básicos da população, ou seja, não levam à resolução de problemas sociais. Portanto, a cidadania que tratamos nessa pesquisa dialoga diretamente com as discussões de Cerquier-Manizini (2010) e Carvalho (2018), de que não se trata apenas do direito de voto, mas sim, de alguns aspectos desdobrados em direitos civis, políticos e sociais. Desse modo, em linhas gerais, identificamos a cidadania como:

[...]uma condição social que se manifesta na capacidade do indivíduo em participar plenamente da vida política, econômica e cultural de uma sociedade, isto é, trata-se de uma condição social que permite ao indivíduo desfrutar das oportunidades que a vida social propicia (RIVAS, 2007, p. 173, apud, GORCZEVSKI; MARTIN, 2011, p. 22).

A partir desse conceito, ainda que inicial, sobre o que é cidadania, já é possível observarmos a construção de um raciocínio, a respeito da importância da cidadania para a vida das pessoas, em sociedade. Pois, é a partir dela que os sujeitos se tornam cidadãos e exercem, não somente seus direitos constitucionais de fato, mas também seus direitos inclusivos e participativos nos campos políticos, econômicos e culturais. Circunstância que oferece condições para a inserção social dos sujeitos, como cidadãos independentes e livres de escolha.

Situação possível devido a interrelação existente entre os direitos que compõe o conjunto da cidadania, o qual tem seu desdobramento a partir de três faces do direito: os direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Mas, “[...] para que esses direitos sejam efetivamente atendidos, eles devem existir interligados (CERQUIER-MANZINI, 2010, p. 14)”, assim, oferecendo condições ao sujeito para que se torne um cidadão pertencente e participante, com, no, e para o mundo, na construção de uma sociedade melhor, menos heterogenia e desigual.

Dessa maneira, torna-se necessário o entendimento da compreensão dos significados dos direitos constitutivos da cidadania, os quais, de acordo com Carvalho (2018), dão-se da seguinte maneira: I) direitos civis, que são aqueles fundamentais à vida; II) direitos políticos,

que garantem a participação da sociedade – através do voto – no governo; III) direitos sociais, como aqueles que garantem a participação da riqueza coletiva. O autor ainda destaca que alguns direitos podem existir sem os outros, no entanto, seus conteúdos e alcances podem se dar de modo arbitrário.

Por isso, nossa pesquisa trata da cidadania, a partir de suas três vertentes, procurando manter a rigorosidade científica das pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas, buscando analisar, compreender e construir possibilidades para os problemas existentes na sociedade. No entanto, para que possamos analisar, de modo mais aprofundado, a temática dessa pesquisa, considerando seus objetivos e pressupostos metodológicos, é que o foco utilizado sobre a cidadania se encontra orientado por duas, de suas três⁷ vertentes: cidadania como direito civil e cidadania como direito social.

O conceito de direito civil está situado nessa pesquisa, a partir das ideias de acesso aos direitos fundamentais à vida, à propriedade, à igualdade perante a lei, garantindo a vida em sociedade (CARVALHO, 2018). Não somente isso, o direito civil, basicamente, diz respeito ao direito de se “dispor do próprio corpo, locomoção, segurança, etc”. (CERQUIER-MANZINI, 2018, p. 15).

Esses entendimentos nos oferecem aportes teóricos para podermos identificar e analisar, em que condições se encontram os cidadãos, em envelhecimento, dessa pesquisa. Para isso, voltaremos nosso olhar para o direito civil, a partir das relações e possibilidades de garantir a igualdade para uma vida digna, principalmente, em um contexto social que dificulta, oprime e constrói estereótipos de corpos velhos.

Quanto a compreensão da cidadania como direito social, a pesquisa também adotou bases teóricas de Cerquier-Manzini e Carvalho. De acordo com Cerquier-Manzini (2010, p.18), “os direitos sociais dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas”, ou seja, “são todos aqueles que devem repor a força de trabalho, sustentando o corpo humano – alimentação, habitação, saúde, educação etc”.

Ainda, complementamos o conceito através da concepção construída por Carvalho

⁷ De acordo com Cerquier-Manzini (2010) e Carvalho (2018) a cidadania se desdobra em três faces: direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Essa pesquisa irá se atentar a análise mais aprofundada de dois dos três desdobramentos que desenham o conceito e a compreensão da cidadania como uma prática individual e coletiva. Isso em virtude de que essa pesquisa, diretamente, busca analisar a partir dos direitos civis (políticas públicas e educação) os impactos socioculturais identificados através do direito social de cada cidadão. Mesmo assim, ressaltamos que a pesquisa não anula as implicações do direito político, posto que, os três direitos compõem um conjunto que determina a cidadania. Logo que, de acordo com Cerquier-Manzini (p. 20, 2010) “[...]esses três conjuntos de direitos, que compõem os direitos do cidadão, não podem ser desvinculados, pois sua efetiva realização depende de sua realização recíproca. [...] são dependentes da correlação das forças econômicas e políticas para se efetivar”.

(2019, p.16) ao apresentar que:

[...]os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva. Eles incluem o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. [...] Os direitos sociais permitem que às sociedade politicamente organizadas reduzir os excessos de desigualdade produzidos pelo capitalismo e garantir um mínimo de bem-estar para todos. A ideia central em que se baseiam é a da justiça social.

No entanto, os direitos civis e sociais relacionados a cidadania, quando associados aos acontecimentos de mundo, podem ser questionados e até colocados em dúvida, ou em contradição, quando se referem a sujeitos idosos. Isso, devido a distorcida construção social sobre a concepção do envelhecimento e dos corpos “velhos”, visto que, há uma aproximação dessa fase da vida a ideia de inatividade. Relação negativa, que coloca os idosos em situações de exclusão econômica ou social, o que implica na anulação dos direitos de cidadania.

Dentre os aspectos de exclusão econômica, podemos destacar que a mais recorrente é a retirada da população mais velha do mercado de trabalho. Circunstância que tende a ser justificada, pelos donos do meio de produção, como uma perda econômica, motivada pela ineficiência produtiva, relacionada as incapacidades biológicas dos sujeitos idosos. Entendemos isso como o resultado de um modelo econômico que relaciona o prejuízo a ideia de produtividade, assim, classificando os trabalhadores de acordo com a faixa etária e, indiretamente, determinando um de prazo de validade para a atuação laboral.

Neste sentido, a reflexão de Vaz (1998, p. 624) ratifica a discussão apresentada de que:

O contexto do modo de produção capitalista tornou mais visível a manipulação da “Idade da velhice”, revelada pela defesa dos interesses de classe dominante, que se apressou a «negociar» com o Estado a regulação da classificação de classes sociais e de grupos etários em função do critério da «produtividade».

Contexto econômico que, indiscutivelmente, dialoga com o processo de exclusão social, pois a ideia de descarte de sujeitos maduros, relacionada a noção de produtividade, reforça os estereótipos construídos historicamente sobre a velhice. Estereótipos que colocam os idosos como descartáveis, diante uma sociedade capitalista que, abandonou, estigmatizou e esqueceu das pessoas idosas, colocando-as como alguém não produtor na sociedade, e fazendo com que as famílias os rejeitassem e até suprimissem sua autonomia (AGUIAR; SANTOS; SILVA, 2013).

Descaracterização cidadã que gera sentimentos de angústia, solidão, tristeza e ansiedade, os quais, somatizados aos impactos biológicos da maturação, levam ao

aparecimento de doenças emocionais. Implicações que acabam acentuando os episódios de exclusão social e redução do direito à cidadania, em populações maduras. Entendemos essa situação como uma via de mão dupla, pois não há somente um silenciamento das vozes maduras, mas um processo de negação da sua presença física, em diferentes espaços sociais, o que leva a um processo de envelhecimento precoce.

Ainda, neste sentido, trazemos alguns apontamentos de como tem se desconstruído o direito à cidadania, a partir de determinados processos de exclusão civil e social, de sujeitos idosos, na sociedade contemporânea. Posto que, esse rompimento acontece, a partir do momento em que, influenciada por aspectos econômicos, sociais e históricos, a sociedade cria um contexto que coloca e determina como incapazes e dependentes, as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Percebe-se que nesse contexto muitas vezes é negado ao idoso à participação nas relações interpessoais (social), de modo que este segmento passa a ser excluído (desintegrado) de sua posição social, pois dentro do próprio ambiente social é notório o descaso com a velhice, com as pessoas que envelhecem que não conseguem exercer sua cidadania e a velhice serve como motivo de expropriação de sua autonomia (CAROLINO; SOARES; CÂNDIDO, 2011, p.4).

Não somente isso, o contexto é agravado pela sensação, reproduzida, de que a velhice torna determinados corpos descartáveis, diante as demandas sociais modernas, descaracterizando ainda mais seu direito à cidadania⁸. Processo que também é revelado pelo isolamento social em que esses corpos estão condicionados, sendo eles abandonados e excluídos de diferentes lugares sociais – trabalho, educação, família, lazer, política.

Isso tudo, proporcionado pelo preconceito e individualismo dos sujeitos pertencentes a outras faixas etárias, sujeitos que, sem empatia e responsabilidade social, não só violam, mas violentam, de diferentes formas, os corpos idosos, ao ponto de lhes consumir como seres autônomos. De acordo com Braga (2001, p.4):

Na etapa da velhice, é comum observarmos que as pessoas que cercam o idoso, frequentemente têm atitudes que contribuem para que ele vá perdendo a sua autonomia. Uma das piores formas de exclusão do idoso é seu isolamento em casa ou seu asilamento e na maioria das vezes a família, seguida pela sociedade e o Estado, aparece como principal responsável pela expropriação da autonomia do idoso.

Exclusão, que não somente isola, mas coloca a população idosa na incapacidade de exercer sua cidadania, seus direitos civis, sociais e políticos, pois os retira do convívio social,

⁸ Para fins dessa pesquisa consideramos que, o exercício da cidadania é constituído pela participação política consciente, econômica, cultural e social dos indivíduos na sociedade em que pertencem, independentemente da idade, raça ou sexo.

aprisionando-os aos pensamentos de incapacitação e dependência durante a velhice. Condição significativa para a perda da cidadania, tendo em vista que é a partir da convivência e de suas relações que os cidadãos satisfazem suas necessidades de integração, diálogo, afeto, participação e convivência.

Para Küchemann (2012, p.176), essa condição é de extrema relevância pois, os “idosos não vivem isolados: o seu bem-estar e o exercício de sua cidadania guardam estreita relação com a sociedade em que vivem”. Aspecto que influencia na (re)construção das relações sociais, (re)conhecendo e valorizando as habilidades e possibilidades das populações maduras, através da oferta de espaços, que dão voz a esse grupo. Desse modo, oferecendo-lhes condições para uma cidadania ativa, diante da diversidade social, política, econômica e cultural que implicam na vida em sociedade.

Ainda refletindo sobre como e de que modo essas situações de isolamento e exclusão são paradoxais, trazemos em discussão o texto legal lavrado, aprovado e tido como direito regido pela Constituição Federal de 1988. O texto determina a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, visando a redução das desigualdades sociais e regionais, bem como a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Direito fundamental que não é garantido em sua integralidade, tendo em vista que há um distanciamento entre o discurso constitucional e a sua legitimidade, quando aplicado a populações idosas. Distância percebida por meio do tratamento desigual que existe entre as faixas etárias, isso, a partir do momento em que observamos apenas algumas pessoas usufruindo de direitos como o trabalho, saúde e educação. Enquanto outras, são impedidas ou excluídas ao tentar acessar essas oportunidades.

Isso não se trata, apenas, de um descumprimento legal, mas também da negação do bem-estar às pessoas mais velhas, como consequência da privação dos direitos assegurados em lei. Dessa maneira, colocando em evidência o descumprimento do papel do Estado, como uma instituição garantidora de uma sociedade menos desigual. Ainda mais quando, tratamos de um público vulnerável, que foi ou está exposto a “altas taxas de analfabetismo, precariedade dos serviços de saúde, desemprego em massa, salário mínimo irrisório (considerado ‘inconstitucional’) (PERES, 2007, p. 76)”.

Reflexões que nos fazem entender a necessidade e a importância de proteger o idoso, pois, de acordo com Góes (2007), isso é cumprir os objetivos do país, é construir uma sociedade justa para com os que tanto contribuíram na construção do Brasil. Por isso, anular a cidadania da pessoa idosa, não é apenas uma forma de ataque individual, mas também de um

ataque ao poder público e legislativo, na medida em que isso é a origem de danos que causam gastos aos cofres públicos e ao poder constitucional.

(In)Diretamente, essas são questões que implicam na construção de um envelhecimento ativo e independente, pois é no exercício da cidadania que os sujeitos se (re)inventam e (re)encontram para encarar, com protagonismo, a maturação. É garantindo os direitos civis e sociais que os sujeitos maduros se sentem vivos, superando as barreiras biológicas, econômicas e sociais, através da valorização pessoal, das atitudes, convivências, ações e aprendizados, que levam a uma vida mais feliz.

Encaminhamos o texto sobre cidadania, buscando apresentar uma possibilidade de (re)conquista-la ou até mesmo, (re)construí-la, através da educação. Educação que pode ser utilizada como um instrumento de valorização pessoal, oferecendo, de modo igualitário, uma educação em sentido lato – cidadania, escola, esporte, lazer, saúde – (GÓES, 2007). Alternativa pautada pelo reconhecimento das experiências vivenciadas, das trocas, e compartilhamentos, como mecanismos para oferecer uma vida mais ativa à população idosa.

Nesse sentido, a educação pode ser compreendida como uma ferramenta de reinserção social de sujeitos idosos, pois:

Envelhecer é um privilégio para aqueles que alcançam essa etapa da vida. Por isso, a valorização das experiências vivenciadas no decorrer da existência dos idosos transforma-os em autoridades históricas para a transmissão de erros e acertos, que podem contribuir para a formação de uma consciência crítica sobre o presente (FERREIRA et. al., 2010, 363).

Portanto, promover a cidadania para além dos pares cronológicos, é valorizar a pessoa idosa, é colocá-la como um sujeito ativo, independente e participante do, no, para e com o mundo. É também, (re)inserir-lo no contexto social, respeitando e valorizando seus conhecimentos e práxis, que resistem a um cenário econômico excludente. É romper com as determinações sociais que colocam sujeitos idosos como seres descartáveis, partindo da ideia de uma sociedade produtivista e individualista.

Finalizamos o tópico cidadania e envelhecimento, ratificando a importância da (re)construção da cidadania ativa como uma possibilidade de independência e emancipação de sujeitos maduros. Uma cidadania que permita democratizar e gerar uma nova consciência participativa, a partir de um processo de reeducação, incluindo a constituição de uma nova cultura política, em que todos os cidadãos se assumam, enquanto sujeitos sociais, como agentes coletivos da solidariedade inclusiva (CORRÊA; BORTOLOTTI, 2008).

Assim, reconhecendo a relevância desse processo para a oferta de melhores condições de vida, durante a fase de maturação, buscando prevenir o envelhecimento precoce e promover uma vida mais independente, a partir da cidadania. Aspectos fundamentais, para analisar o contexto social atual e futuro, de uma sociedade que já está apresentando uma nova configuração social, desenhando-se para uma sociedade mais velha e menos jovem.

2. 3 Políticas públicas: a reconstituição dos direitos da pessoa idosa

O aumento da expectativa de vida é, na visão dos demógrafos, bem como de gestores públicos, um problema social que, conforme Remi Lenoir (1996, p.64, apud AIDAR, 2014, p. 149), “podem variar de acordo com a época e as regiões e podem desaparecer no momento em que subsistem os fenômenos designados por ele”. Perspectiva que levanta a necessidade de compreender e discutir as diferentes realidades sociais da contemporaneidade e, assim, dialogar a respeito de movimentos, ações e bandeiras necessárias para modificar as realidades, construídas como problemas sociais.

Sob esse contexto e suas demandas, surgem as políticas públicas, consolidadas a partir do campo das ciências políticas, as quais emergiram das necessidades postas por esses problemas. Assim, representando e levantando ações e movimentos que podem ser utilizados como mecanismos de auxílio à administração pública, nos enfrentamentos das consequências sociais, atreladas a fatores econômico, culturais, políticos, sexuais ou de gênero, e religiosos, que afetam (in)diretamente os cidadãos.

De acordo com Celina Souza (2006, p.6), “As políticas públicas repercutem na economia e nas sociedades, daí por que qualquer teoria da política pública precisa também explicar as inter-relações entre Estado, política, economia e sociedade.” Afirmativa que parte do pressuposto da necessidade de verificar e analisar a devida relevância social das pautas, para o planejamento e construção de ações, que ofereçam possibilidades de modificações socioeconômicas e culturais da sociedade.

Isso, não esquecendo o fato de que esse planejamento e construção deve levar em conta as questões políticas e econômicas do Estado. Considerando que, (in)diretamente, esses mecanismos abrangem custos e consequências, não somente para a área de determinada política, mas também para as demais. Pois, tratando-se da relação Estado e sociedade, as diferentes áreas estão sempre interligadas, em consonância e atentas, para o desenvolvimento do país, buscando possibilidades para reduzir as problemáticas existentes.

Neste sentido, buscamos levantar reflexões a respeito de – o que são, e como se com-

põem as políticas públicas nacionais —, examinando quais são suas interferências e seus impactos, na garantia e manutenção da segurança econômica e social das pessoas, principalmente idosas. Além disso, procura-se verificar as relações dessas políticas e suas contribuições para a promoção da cidadania, desenvolvimento socioeconômico e cultural do país.

Portanto, para (re)conhecer, compreender e relacionar esse conceito, utilizamos como base a autora Celina Souza, a qual apresenta as políticas públicas como:

[...] o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (SOUZA, 2006, p. 26).

Conceito que pode ser compreendido como uma ação do Estado, voltada a determinados setores da sociedade. Como uma ferramenta interdisciplinar, essa ação contribui com as mais diversas áreas da atenção básica, oferecendo subsídios para a promoção da equidade social. De acordo com Pereira e Silva (2010, p. 13), “nas sociedades contemporâneas, uma das principais características das políticas públicas é o seu caráter redistributivo, tendo em vista que as mesmas pretendem produzir oportunidades iguais para atores sociais desiguais”.

Para Bobbio (1993, p. 78), o conceito da igualdade de oportunidades, pode se dar por duas direções: 1º) que ela seja aplicada a todos os membros do grupo social, sem qualquer distinção de religião, raça, sexo, classe e etc.; 2º) que é necessária a compreensão das situações econômicas e sociais, de maneira diferente. Ainda, para o autor, o princípio da igualdade de oportunidades visa colocar todos os membros de uma sociedade em condições de vida, a partir de posições iguais (BOBBIO, 1993, p. 78, tradução nossa).

Oferecer condições iguais entre os sujeitos desiguais é fundamental para que haja a promoção da igualdade social e com isso, a equidade de oportunidades para uma vida melhor. É neste sentido que se estruturam as políticas públicas, considerando que,

[...] administração pública – informada por uma concepção crítica de Estado – que considere sua função atender a sociedade como um todo, não privilegiando os interesses dos grupos detentores do poder econômico, deve estabelecer como prioritários programas de ação universalizantes, que possibilitem a incorporação de conquistas sociais pelos grupos e setores desfavorecidos, visando à reversão do desequilíbrio social (HÖFLING, 2001, p. 39).

Para isso, é necessário compreender as desigualdades estruturais e sociais existentes como, por exemplo: o preconceito, discriminação, violência, renda, educação, lazer, cultura,

habitação, saneamento, alimentação e outras. São múltiplos os olhares que envolvem o conceito de desigualdade social e são fundamentais para a construção de políticas públicas, a partir das demandas identificadas. Ações que se consolidarão em medidas, capazes de promover condições da igualdade de oportunidades entre os cidadãos.

Portanto, pensar políticas públicas relacionadas ao envelhecimento e o cuidado com a pessoa idosa é algo de extrema relevância, visto que, há uma precariedade de investimentos públicos para atendimento às necessidades dessa população, fato que envolve a desinformação, o preconceito e o desrespeito aos cidadãos idosos (VERAS, 2009, p. 550). Isso porque,

[...]em um país tão marcado por desigualdades, como o Brasil, o processo do envelhecimento pode reforçar desigualdades em termos da qualidade de vida e do bem-estar entre diferentes estratos da população, contribuindo para aumentar a chance de exclusão dos idosos (BERQUÓ, 1999 apud UCHÔA, FIRMO; LIMA-COSTA, 2002, p. 25).

Destacamos que, como questão pública, esse fenômeno precisa ser focalizado, de modo positivo, para o desenvolvimento humano, pensando a velhice como questão pública, e não como problema social (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 19). A velhice, como problema social, tem sua origem em um contexto histórico de marginalização da figura construída em torno do termo “velhice”. No entanto, atualmente, com o aumento da expectativa de vida, esse contexto tem se modificado, ao ponto ser pauta pública.

Pauta pública que conquistou espaços legais, a partir da Constituição de 1988, através da introdução do conceito de seguridade social (CAMARANO; PASINATO, 2004). Além disso, conta também com um capítulo específico, referente a questões da família, da criança, do adolescente e do idoso. E, a partir de então, surgiram novas regulamentações e dispositivos constitucionais, referentes a proteção da pessoa idosa.

De acordo com Melo et al. (2017), essa necessidade tem sua origem nas condições de desigualdade, que exacerbam as diferenças sociais, principalmente em uma parcela da população vulnerável, os idosos, os quais, historicamente, foram negligenciados pelo Estado e no planejamento de políticas públicas. Por isso, atualmente, os órgãos públicos têm se preocupado em promover equidade, em grupo historicamente desassistido, para então,

[...]assegurar que o processo de desenvolvimento econômico e social ocorra de forma contínua, com base em princípios capazes de garantir tanto um patamar econômico mínimo para a manutenção da dignidade humana, quanto a equidade entre os grupos etários na partilha dos recursos, direitos e responsabilidades sociais (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 253).

Conjuntura que também motivou a elaboração de leis as quais, colocaram os idosos

como sujeitos de direitos. Desse modo, instituindo a PNI (Lei nº 8842 de 1994), com o objetivo de “[...]assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Política legislativa que foi complementada com a instituição do EI (2003), como um instrumento legal, que versa sobre direitos fundamentais e as necessidades de proteção dos idosos, reforçando as diretrizes da PNI.

Documento que, em seus primeiros artigos, confere garantias a essa população:

Art.3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (PNI, 1994).

Partindo disso, prosseguimos nossas discussões, com ênfase em políticas públicas, voltadas à prática de integração social para a promoção de um envelhecimento ativo. Entendemos que, através das áreas da educação, cultura, esporte e turismo é possível desenvolver políticas integrativas, capazes de romper com os estereótipos a respeito do envelhecimento. Além disso, tais práticas promovem melhores condições de vida a sujeitos em situação de vulnerabilidade social, isso porque oferece práticas cidadãs, de reinserção social, a idosos inativos.

Perspectiva tratada pela PNI (Lei nº 8 842 de 1994) em seu o Capítulo IV, Das Ações Governamentais, artigo n. 10º, VII, na área de cultura, esporte e lazer, ao colocar que é obrigação do estado: “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade”. Concepção legal que coloca o estado na obrigação de discutir pautas e pensar em políticas a respeito das desigualdades sociais e dos direitos da pessoa idosa.

Questão também justificada, pelo fato de que essa população, em sua maioria, possui níveis socioeconômico e educacional baixos. Para Camacho e Coelho (2010), essa condição acaba conduzindo a alta prevalência de doenças crônicas, não transmissíveis, as quais podem ser prevenidas através de políticas integrativas, uma vez que elas promovem tanto benefícios fisiológicos, quanto benefícios psíquicos e emocionais.

Ações políticas que, para serem concretizadas, devem partir da luta pelos direitos sociais e humanos do idoso, buscando (re)construir o acesso e o direito de ser cidadão ativo. Isso, direcionando essas políticas a uma população que é dependente dos serviços e atendimentos do Estado (FERNANDES; SOARES, 2012). E, portanto, ratificando que o Estado deve garantir uma infraestrutura de serviço, capaz de favorecer um conjunto de medidas, que garantam o

bem estar dos/as idosos/as e o exercício de sua cidadania (KÜCHEMANN, 2012, p.177).

De acordo com Campos e Gonçalves (2018), a construção de políticas redutoras de desigualdades sociais, durante o envelhecimento, são ações estratégicas que permitem prolongar a vida humana com qualidade de vida, autonomia e independência. E, a partir disso, possibilitar dar voz aos silenciados, oferecendo condições dignas de um envelhecimento ativo, com acesso as condições de vida, mesmo que mínimas, nas esferas culturais, econômicas, de lazer, educação, saúde e assistência.

Portanto:

[...]as políticas voltadas para o envelhecimento populacional possam ser efetivas é necessário que elas apresentem uma abordagem integrada em seus diversos setores específicos: saúde, economia, mercado de trabalho, seguridade social e educação (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 289).

Por fim, encerramos nosso diálogo sobre políticas públicas e envelhecimento, apresentando o fato de que, além de promover equidade para sujeitos em maturação, as políticas públicas promovem a inserção social. Aspectos de extrema relevância, ao se tratar de populações em envelhecimento, pois, “os idosos não vivem isolados e o seu bem-estar está intimamente ligado ao da sociedade como um todo” (CAMARANO, 2004, p. 593).

Relação de integração social que, não só (re)insere sujeitos excluídos de volta ao contexto social, mas também, oferece condições de vivência e aprendizado. De acordo com Salmazo-Silva (2012, p. 108), a inclusão nesses programas pode “[...]facilitar o desenvolvimento das relações interpessoais, intrapessoais e de solidariedade, aumentando a participação social, o exercício da cidadania, e o vínculo com a comunidade e consigo mesmo”.

Assim, entendemos o porquê da relevância social e política de pensar, elaborar e efetivar políticas públicas que, com equidade, promovam a igualdade social. Logo, (in)diretamente, elas contribuem para modificar realidades, estereótipos e exclusões sociais de origem histórica, racial, econômica ou cultural. Dessa maneira, oferecendo oportunidades de um envelhecimento ativo baseado na cidadania, para uma vida independente e emancipada.

No entanto, a Oficina de Dança, como objeto de pesquisa dessa dissertação, não pode ser considerada uma política pública, visto que, ela é compreendida como uma ação pública, caracterizada por ser uma política de governo. Isto é, a atividade em questão é uma política determinada pela administração pública, que está no poder municipal e, portanto, é de caráter temporário, cabendo ao próximo gestor público analisar se manterá, substituirá ou terminará com tal política.

Assim como essa política de governo, o município ainda conta com outras ações desti-

nadas a população erechinense como, por exemplo, os grupos de atividade das Unidades Básicas de Saúde – grupo de diabetes, hipertensão, atividade física –, e também, especificamente para idosos, o projeto Bem Viver. Contudo, ressaltamos que essas ações municipais não são políticas públicas garantidas em lei, e sim ações públicas de governo.

Porém, compreendemos como fundamental esse debate considerando a relevância dos impactos das políticas públicas nas esferas social, cultural, política e econômica para a promoção de um envelhecimento com cidadania. Dessa forma, buscando estabelecer relações de compromisso social com os idosos, demonstrando a relevância social das políticas permanentes a esse grupo.

2. 4 Educação não formal: contribuições para a promoção da cidadania

Numa sociedade extremamente desigual e heterogênea como a brasileira, a política educacional deve desempenhar importante papel ao mesmo tempo em relação à democratização da estrutura ocupacional que se estabeleceu, e à formação do cidadão, do sujeito em termos mais significativos do que torná-lo ‘competitivo frente à ordem mundial globalizada’ (HÖFLING, 2001, p. 40).

Consideração que dá abertura às reflexões acerca das políticas educacionais, inseridas no contexto das políticas públicas de Estado. Isso, em virtude da sua relevância, diante a produção de conhecimento, bem como da sua contribuição para a formação humana e cidadã, colaborando para as modificações sociais. Aspecto que leva em conta o seu potencial de oferecer oportunidades e condições de renda, lazer, cultura, e saúde, para a independência e emancipação social de sujeitos vulneráveis.

Damos início as nossas reflexões, partindo da necessidade de compreender as diferentes concepções que podemos encontrar em relação à educação, visto que, ela pode se dar de maneira formal, informal e não formal. De acordo com Gadotti (2005), nos sistemas educativos, deve haver uma harmonização entre o formal e o não formal, a fim de contribuir para a integração entre direitos humanos e educação. Prática viabilizada por meio da complementariedade dessas duas concepções, na medida que a educação não formal:

é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos [...] Na educação não formal, há a figura do educador social, mas o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos. [...] os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). [...] Há na educação formal uma *intencionalidade na ação*, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. [...] Ela capacita os indivíduos a se tor-

narem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. [...] atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma sua cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo, criando o que alguns analistas denominam o capital social de um grupo (GOHN, 2010, p. 16-20).

Assim, é possível identificar que toda educação, de certo modo, é uma forma de educação formal devido ao seu caráter intencional. Porém, existe uma diferença que distingue a educação não formal das demais concepções, o fato de ser mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Para Gadotti (2005, p.02), “os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de ‘progressão’. Podem ter duração variável e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem”.

Características que se defrontam com a formalidade e rigorosidade da educação tradicional, de cunho escolar, colocando a educação não formal como uma *práxis* educativa de menor relevância. De acordo com Severo (2015, p. 565), essa “adjetivação não escolar estabelece, a princípio, um caráter de negação à escola, o que pode remeter à ideia de que entre um e outro tipo de educação existe uma relação de contrariedade”. Compreensões que reforçam a ideia de espaços de ensino, não escolarizáveis, como espaços sem rigorosidade e, portanto, sem de capacidade oferecer aprendizado.

No entanto, tem se percebido um processo de desconstrução dessas determinações, considerando que surgiram diversas instituições, não escolares, com interesses educativos, seja através de seus princípios ou de suas ferramentas pedagógicas, configurando, assim, suas ações de caráter instrutivo, educativo ou pedagógico (SEVERO, 2015). Perspectiva que é tratada por Gohn (2010, p. 64), ao colocar que:

A participação de cidadãos(as) nas últimas décadas, no Brasil, tem ocorrido basicamente via quatro formas, a saber: movimentos sociais, ONGs, fóruns e assembleias, e em estruturas colegiadas institucionalizadas, como os conselhos de direitos ou conselhos das áreas sociais ou semi-institucionalizadas, como os Ops (Orçamentos Participativos).

Dessa maneira, oferecendo possibilidades de construir novos olhares a respeito da educação não formal, na medida em que se descaracteriza a sua passividade diante dos processos formativos e educacionais. Isso porque, a partir de algumas instituições, não escolares, é possível identificar seu caráter educativo, através de seus princípios, os quais são visualizados por ações culturais, de conhecimento e saberes, que refletem em aprendizados para o exercício da cidadania.

Ressaltamos que esse é um processo abrangente, que pode envolver e implicar na:

[...] aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc (GOHN, 2006, p. 28).

Aprendizagens construídas a partir das problematizações diárias dos sujeitos que, em espaços não formais de educação, são protagonistas da construção do conhecimento. Isso, devido a troca de experiências e conhecimentos de mundo, que os permite expor suas necessidades, dúvidas, desafios ou curiosidades; pensando e discutindo sobre e no mundo, no qual estão inseridos. Para Gohn (2006), isso é um artifício que busca conferir sentido e significação às ações humanas, em um sentido humanista.

Motivos que estabelecem uma relação entre educação não formal e os Projetos Sociais, uma vez que eles são elaborados de maneira intencional, para contemplar demandas sociais existentes e, com isso, promover a equidade para grupos de vulnerabilidade social. Relação que se concretiza a partir do momento em que ocorre a inclusão social, como uma das possibilidades de promover os direitos à cidadania, pois, resgata alguns ideais humanos esquecidos, o que coloca esses projetos, para além de assistencialismo compensatórios (GOHN, 2006).

Devido a relação existente entre educação não formal e Projetos Sociais, é que essa temática se tornou relevante para responder nosso problema de pesquisa. Tendo em vista que o objeto de estudo dessa pesquisa é uma Oficina de Dança a qual se apropria de práticas não formais de educação, para fortalecer vínculos e reduzir as desigualdades aos idosos do CRAS. Apropriação dada pela intencionalidade desse projeto, uma vez que foi pensado como uma ferramenta de promoção de sociabilidades e experiências a pessoas idosas, buscando uma:

a) Educação para cidadania; b) Educação para justiça social; c) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais, etc.); d) Educação para liberdade; e) Educação para igualdade; f) Educação para democracia; Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas g) Educação contra discriminação; h) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais (GOHN, 2006, p. 32).

Princípios fundamentais para a construção de sujeitos ativos, ou seja, mais independentes e autônomos, diante das agendas e demandas sociais, políticas, econômicas e culturais, colocadas pelos seus pares. Intencionalidades que (re)estabelecem o direito à cidadania, atra-

vés de aprendizados e trocas de conhecimento de mundo, que partem das experiências de vida desses sujeitos. Dessa forma, oferecendo condições para a construção de um coletivo empático, crítico, consciente de si e do mundo ao seu redor.

Relações que podem se concretizar através da educação não formal, pois ela permite:

Construir cidadãos éticos, ativos, participativos, com responsabilidade diante do outro e preocupados com o universal e não com particularismos, é retomar as utopias e priorizar a mobilização e a participação da comunidade educativa na construção de novas agendas. Essas agendas devem contemplar projetos emancipatórios que tenham como prioridade a mudança social, qualifiquem seu sentido e significado, penssem alternativas para um novo modelo econômico não excludente que contemple valores de uma sociedade em que o ser humano é centro das atenções e não o lucro, o mercado, o status político e social, o poder em suma (GOHN, 2006, p. 37).

Por fim, reiteramos o lugar e a importância da educação não formal, como instrumento colaborativo para o exercício da cidadania, em espaços não escolares. Logo que, nesses processos, principalmente tratando-se de grupos, é possível valorizar os sujeitos a partir do momento em que os ouvimos ou lhes damos um lugar de fala. Além disso, essa relação oferece condições para que sujeitos maduros sejam protagonistas de suas vidas, reestabelecendo a sua importância social.

Dessa forma, encerramos essa discussão, ressaltando que a relação existente entre educação não formal e os Projetos Sociais é de extrema relevância para romper com as desigualdades excludentes. Isso porque, promove a inclusão e o compartilhamento de conhecimentos entre a população em maturação, proporcionando condições para uma vida ativa através da cidadania, da justiça social, da liberdade, da democracia, da cultura, do lazer e do esporte.

A seguir, sustentaremos que a corporeidade e a dança estão para além do corpo-objeto que faz prática da dança, pois trazemos a debate o corpo na sua integridade, através da relação corpo e mente, como um corpo sujeito que se expressa, dialoga e convive por meio da dança. Ainda, sustentamos a ideia de que a dança é uma atividade de lazer, inclusão, diversão, socialização e educação, que a dança, como uma atividade física para idosos, está muito além dos seus benefícios fisiológicos, pois acolhe; é espaço, e dá espaço para sujeitos excluídos, emancipando-os.

3 CORPO CONSCIENTE: A DANÇA COMO UM ATO EMANCIPATÓRIO

Até esse momento, trouxemos reflexões teóricas fundamentais para a compreensão do problema de pesquisa, as quais já dialogaram com as temáticas do idoso, cidadania, políticas públicas e educação não formal. Ainda, na busca por aprofundar as bases conceituais necessárias para a análise desse objeto de pesquisa, decidimos construir o capítulo 3, intitulado CORPO CONSCIENTE: a dança como um ato emancipatório, para tratar dos demais conceitos necessários para essa pesquisa.

O capítulo 3 irá tratar das seguintes temáticas: a dança e o conceito de corpo consciente. Isso porque, buscamos identificar de que maneira as práticas corporais de dança podem intervir e contribuir para o processo de maturação ativa. Além disso, identificar quais são suas contribuições relacionadas a cidadania, lazer, cultura, esporte e atividade física. Para, a partir disso, compreender as relações que podem existir para a formação de um corpo consciente, através da dança.

3. 1 Dança: um olhar sobre a vida

Iniciamos nosso diálogo sobre a dança, partindo da compreensão do significado do processo de envelhecer de modo ativo. Tendo em vista que, com o aumento da expectativa de vida, isso tem se tornado uma temática relevante nas pautas das políticas públicas, nos programas de televisão, nas universidades e entre a população em geral. Nesse sentido, buscando compreender o conceito, trouxemos as considerações colocadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a respeito do envelhecimento ativo. De acordo com OMS (2005, p. 13):

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários.

De modo intrínseco, esse conceito traz uma relação direta à necessidade de desenvolvimento de políticas sociais, para a promoção dessa condição, principalmente, ao tratarmos desse estado para sujeitos vulneráveis. De modo extrínseco isso também revela a necessidade das questões relacionadas a segurança, cuidado e proteção ao idoso. Isso porque, ações voltadas à promoção da saúde e prevenção de doenças, em pessoas idosas, contribuem para a manutenção de sua capacidade funcional e autonomia, com possibilidade de um envelhecimento

mais saudável (LEITE et al., 2012, p. 70). Perspectiva que leva em conta o fato de que:

[...]quando o idoso está engajado em um programa de atividade física, regular e bem planejado, isso contribui para a minimização do sofrimento psíquico do idoso deprimido, além de oferecer oportunidade de envolvimento psicossocial, elevação da autoestima e implementação das funções cognitivas, fatores estes muito importantes no contexto dessa população (CASTRO et al., 2009, p.262).

Aspectos que estão determinados em lei e se complementam entre o PNI, o EI e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI) (portaria nº2 528, de 19 de outubro de 2006), a qual coloca que:

[...]quando o processo de envelhecer é aceito como um êxito, o aproveitamento da competência, da experiência e dos recursos humanos dos grupos mais velhos é assumido com naturalidade, como uma vantagem para o crescimento de sociedades humanas maduras e plenamente integradas.

Êxito que só representa um envelhecimento bem-sucedido quando contempla três componentes fundamentais para uma vida com qualidade: I) menor probabilidade de doença; II) alta capacidade funcional física e mental; III) engajamento social ativo junto à sociedade. Sob esse espectro, é que, nossa pesquisa procura compreender e verificar de que maneira a dança se relaciona e pode contribuir, para a construção dos processos de uma cidadania ativa, na maturação.

Portanto, prosseguimos nossa discussão, olhando a dança como uma atividade para além dos benefícios fisiológicos⁹, pois nos detemos a discutir a importância da dança e os seus impactos socioculturais para o exercício da cidadania em idosos. Isso porque, entendemos a dança como um emaranhado de expressões corporais que dão voz ao corpo idoso, amordaçado pelas dores e angústias da vida. Também, a partir da musicalidade e dos movimentos corporais, é possível viver, emitir e sentir, emoções e libertações, por meio de um corpo que é tomado pela arte de manifestar-se sobre e com ele.

Ao tratarmos da dança, como uma atividade para populações idosas, enxergamos possibilidades ligadas as condições psicossociais. Isso, devido ao seu potencial de promover o fortalecimento dos vínculos e relações, os quais influenciam nas questões emocionais, que são a porta para um envelhecimento ativo e bem-sucedido. Ao encontro disso, o estudo de Olivei-

⁹ Entendemos que a dança como uma prática de atividade física possui um elevado potencial relacionado aos benefícios fisiológicos correspondentes a capacidades físicas como flexibilidade, agilidade, equilíbrio, coordenação e outras condicionantes físicas. Não entendemos a dança somente neste sentido, mas também no sentido social, tendo em vista que oferece condições de sociabilidade, inclusão, cultura e lazer. Por isso, destacamos que, as questões relacionadas aos benefícios fisiológicos da dança são de grande relevância para a vida dos idosos, porém não são objeto de análise desta pesquisa e, portanto, não trataremos das condições de saúde que a dança pode proporcionar a esses sujeitos.

ra, Pivoto e Vianna (2009), mostra-nos que, a junção de música, movimento e convívio social despertou nos idosos o sentimento de bem-estar e de equilíbrio emocional, reestimulando o prazer na realização dos afazeres diários.

Desse modo, podemos olhar para a dança como uma prática capaz de desenvolver múltiplos benefícios sendo que, a partir dela:

[...] desenvolve a coordenação motora, agilidade, ritmo e percepção espacial, desperta e aprimora a musicalidade corporal de forma inteligente e natural, permitindo uma melhora na autoestima e a ruptura de diversos bloqueios psicológicos, possibilita o convívio e aumento do rol de relações sociais, torna-se uma opção de lazer e promove inclusive melhora de doenças e outros problemas (FLORES, 2002, p.8, apud GOBBO, 2005, p. 1).

Motivos que colocam essa prática corporal como um instrumento capaz de oferecer condições de (re)inserção da população, em maturação, no convívio social, pois, de acordo com FORTES (2008), “dançar pode ser a ferramenta para aproximar o idoso do convívio com os outros e retirá-lo do isolamento e da rotina a que se submeteu”. Desse modo, utilizando-a como um mecanismo de inclusão desses indivíduos, que acabam sendo excluídos socialmente devido as limitações, rotulações e preconceitos construídos com base na sua idade.

Concepções também afirmadas pelo estudo de Lago (2005, p. 88), o qual verificou que “[...]idosos que praticam o movimento corporal coletivo alcançam ganhos invejáveis em termo de socialização, passam do ambiente restrito familiar, para um mundo mais amplo, fora da família”. Também, trazemos a pesquisa de Gil et al. (2015, p. 241), que apresenta reflexões acerca de como

[...]a prática da dança contribuiu de forma significativa para o engajamento dos idosos em outras atividades, possibilitando, dessa forma, a participação e o sentimento de ‘pertencimento’ em diversos grupos de apoio social. Estas redes são positivas para a melhora dos aspectos biológicos (funcionais), psicológicos (bem-estar) e sociais (afetivos), assim como a possibilidade de explorar seus limites e a sua corporeidade.

De acordo com Okuma (1998, apud Fortes, 2008), a atividade em grupo é uma das melhores opções de atividade física para idosos, pois, ela facilita a integração e fortalecimento de amizades, superação de limites físicos e a dedicação de tempo para si mesmo, reduzindo as angústias, medos e inseguranças. Ao encontro disso, Leite et al. (2012, p. 70) trazem a “[...]importância da existência de espaços sociais, nos quais as pessoas idosas possam interagir, dialogar, formar novas amizades e vínculos, manter e desenvolver suas potencialidades, com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida”.

Além disso:

Numa idade de reforma e, portanto, de tempo livre e desocupado, por vezes difícil de otimizar, dançar pode representar pertencer a um grupo, caminhar para uma responsabilidade conjunta num horário a cumprir e num tempo que se preenche. Pode representar a descoberta de capacidades desconhecidas, de momentos de folguedo despreocupado, de desafios ou de partilhas. De convívio, de relacionamentos, de encontros (VARREGOSO; MACHADO; BARROSO, 2016, p. 257).

Por isso, entendemos que a dança é uma prática repleta de intencionalidades que implicam no exercício da cidadania. Ela, como prática de atividade física, recreativa, educativa, artística e cultural ou de lazer, oferece experiências e conhecimentos que influenciam na construção de sujeito ativos (VARREGOSO, 2007). Esse potencial, em grande parte, é fruto da dança, como uma atividade prazerosa, que motiva e facilita a inclusão de idosos, tanto na prática de atividade física, quanto na inserção social, pois, há uma maior adesão dessa atividade, quando comparada a outras práticas (SILVA; NITSCHKE; SANTOS, 2018).

Aspectos que também contribuem para os benefícios dessa atividade, em relação às possibilidades de convivência com seus pares. Sendo que essa prática proporciona o desenvolvimento de uma identidade coletiva e de pertencimento a um grupo. Isso, devido ao acolhimento, à inclusão, à troca de experiências, de histórias e de conhecimentos, que valorizam a vida dos sujeitos em maturação. Condições fundamentais para um envelhecimento ativo, a partir da reinserção social que a dança oferece, para sujeitos idosos.

Por esses motivos, compreendemos que a dança, como possibilidade de política pública, possui um elevado potencial para promoção de equidade e cidadania, em sujeitos vulneráveis. Considerando que, durante o envelhecimento, ela permite

[...]manter o corpo ativo, a mente sã, o convívio, a partilha de experiências e despertar o sentimento de bem-estar. Para além disso, através de atividades lúdicas e recreativas, combate o isolamento social e o sedentarismo, e possibilita a confraternização entre vizinhos e elementos da comunidade, o que facilita a aproximação e a comunicação entre pares (NUNES, 2015, p. 3).

Efeitos que ratificam a potencialidade e a importância da dança nessa etapa da vida, levando em conta o fato de ela ser uma atividade colaborativa, que oferece aspectos fundamentais para a promoção de envelhecimento ativo. Isso porque, contribui para a autonomia e independência dos idosos. Além de auxiliar no cumprimento dos princípios fundamentais para uma boa qualidade de vida que, segundo OMS (2005), envolvem as dimensões física, mental, emocional e social.

Reflexões que também são abordadas por Garcia e Garros (2017, p. 49), ao determinarem a dança como

[...] uma prática corporal que proporciona prazer, possibilitando melhorias em suas capacidades cognitivas, no fortalecimento de seu lado emocional, e como consequência possibilitando que os praticantes dessa atividade melhorem suas relações pessoais, sua socialização, sua autoconfiança, sua independência em atividades diárias e aumentem sua rede de apoio.

Por fim, reiteramos a relevância da dança, através de Projetos Sociais, não somente como prática de atividade física, mas, principalmente, de ressocialização de sujeitos em envelhecimento, das suas relações intergeracionais e sociais. De acordo com Varregoso, Machado e Barroso (2016, p.255-256), isso representa um constructo multidimensional que, “[...]muitas vezes encarado para os idosos, como sinônimo de funcionalidade, autonomia e independência, sendo considerado um satisfatório indicador de envelhecimento”.

Portanto, entendemos a dança como uma prática capaz de oferecer novas experiências e aprendizagens, como uma alternativa de viver e encarar o processo natural de envelhecimento. Sendo que, com e na dança, visualizamos a (re)construção de possibilidades que, até o momento, eram inexistentes ou desconhecidas para alguns idosos, as quais, no entanto, passaram a contribuir para o processo constitutivo de sujeitos mais independentes e emancipados, em prol de uma cidadania ativa.

3. 2 Corpo consciente: corpo-sujeito e corporeidade

Para compreendermos e aprofundarmos as discussões dos efeitos socioculturais da dança, oferecida como uma política de governo, entendemos a necessidade de tratar dos aspectos que compõe o ato de dançar, através da relação: cultura, corporeidade e corpo. No entanto, não iremos abordá-los a partir de seus conceitos propriamente ditos, mas da relação social e política existente entre eles.

Reflexões que partem da inter-relação conceitual, interligada ao viés da construção de sujeitos socialmente ativos. Por isso, não estamos olhando para o corpo-objeto e suas características fisiológicas, motoras e estéticas, mas do corpo-sujeito que, através da corporeidade, sente, expressa, dialoga e participa com o mundo. Corporeidade que inquieta o corpo-sujeito de modo que ele seja levado a tornar-se cidadão crítico, político e emancipado.

Fenômeno que, de acordo com Anterio (2011, p.72),

[...]está marcado pelo processo de desenvolvimento ou adaptação corporal, que é metamorfoseado do nascimento até a morte. [...]O corpo em movimento desloca não apenas volume e massa, mas informação, expressão, sentido existencial e significa-

do cultural. Os gestos revelam o sujeito em sua completude espaço temporal e oferece significados que podem ser valorizados pelo educador em sua tarefa educativa.

Por isso, buscamos em Paulo Freire as compreensões e reflexões acerca do corpo consciente e da corporeidade, partindo da cultura, como uma ação para a libertação. Desse modo, procuramos olhar para a Oficina de Dança como um espaço de formação de cidadãos para, com e no mundo. Relação que aprofunda as discussões sobre a Dança, como um instrumento de modificação das realidades existentes, em contextos de vulnerabilidade social, tendo em vista que, a partir dela, é possível dar vozes aos corpos, silenciados pelas opressões sociais.

Corpos que, silenciados, são impedidos de ser protagonistas de suas vidas, isso porque, impedidos de dizer a sua palavra, são distanciados do mundo, e, então, excluídos do direito à cidadania. Para Paulo Freire (1981, p. 40-41):

Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à cessa dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudadas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser.

Quando nos referimos a idosos em vulnerabilidade social e o direito de dizer sua palavra, estamos falando sobre o direito desses sujeitos em poderem ser os protagonistas de suas vidas, durante o processo de envelhecimento. Para além disso, estamos nos referindo a oportunidade de lhes devolver o direito à cidadania, através da corporeidade. Isso porque, a relação dança e corpo-sujeito, dá voz aos sujeitos que foram silenciados, e assim, por meio da linguagem corporal, reestabelecem laços de inserção social que oportunizam espaços de fala.

Relação estabelecida, a partir do momento que entendemos a Oficina de Dança como um espaço de educação não formal. Espaço construído sob um olhar humanizador, acolhedor, de trocas de conhecimento e cultura, mas também de lazer e inserção social. Um espaço, não físico, mas sim, político e social, que seja o lugar daqueles(as) que foram excluídos pela cultura do silêncio. Um lugar que seja político e social, que seja o lugar do ser, enquanto sujeito ativo, expressivo; que este seja um lugar libertador no mundo.

Libertação que acontece a partir do momento que os corpos assimilam conhecimentos e culturas, capazes de reestabelecerem as condições que os colocam como protagonistas, a ponto de transformá-los em corpos conscientes. É nessa perspectiva que os idosos, participantes dessa oficina, podem ser vistos como educandos, os quais, em processo de construção so-

cial, encontram possibilidades de serem emancipados, através do ato de (re)conhecer, pois, de acordo com Freire:

A educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos — também educadores — como consciências ‘intencionadas’ ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores — educandos também — na busca de novos conhecimentos como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. (FREIRE, 1981, p.106-107).

É neste sentido, de buscar (re)conhecer o conhecimento existente, que a Oficina de Dança tem por objetivo proporcionar espaços e momentos de inserção social, trocas e compartilhamento de experiências entre sujeitos em maturação. E, a partir disso, oportunizar momentos de prática, escuta e fala, para a transformação de vidas através da linguagem corporal, como um canal de comunicação e diálogo das populações silenciadas.

Em “Por uma Pedagogia da Pergunta”, Paulo Freire e Antonio Faundez colocam que a linguagem é:

[...]de natureza gestual, corporal, é uma linguagem de movimento dos olhos, de movimento do coração. A primeira linguagem é a linguagem do corpo e, na medida em que essa linguagem é uma linguagem de perguntas e na medida em que limitamos essas perguntas não ouvimos ou valorizamos senão o que é oral ou escrito, estamos eliminando grande parte da linguagem humana (1921, p. 26 – livro digital).

Experiências que desacomodam os corpos, ao ponto de potencializar descobertas e percepções de mundo ,durante o processo de envelhecimento, mas para isso, deve haver engajamento. Condição que exige disponibilidade dos corpos para que ocorra o processo de (des)construção, a partir do respeito e da compreensão consigo e com o outro. Além disso, é fundamental que esses corpos (re)conheçam as potencialidades de seus próprios corpos, conscientizando-os da articulação corpo e mente que os compõe como cidadãos.

Freire ao refletir sobre o corpo traz que:

A mim sempre me pareceu uma violência esta ‘distância’ fria do corpo que, pelo contrário, para mim é algo extraordinário. O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa a cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o que corpo que vive (FREIRE; FAUNDEZ, 1921, p.15 – livro digital).

Portanto, o corpo consciente é aquele que sente, que é o próprio ser, aquele que vive a sua história, que se constitui em consonância com a sociedade, que compreende e analisa as

relações de transformação política e social. No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p.22 – livro digital) coloca que, “[...]o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não ‘espaço’ vazio a ser enchido por conteúdos”.

Não somente isso, o corpo consciente também é aquele corpo que não aceita a consciência como algo estático, mas sim, uma consciência que parte da constante transformação, que envolva a consciência das inter transformações, das intra transformações e das transtransformações (PAREIRA; TODARO, 2015). Conjunto de transformações que, de acordo com Paulo Freire, acontecem quando

[...]minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, se preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (1996, p. 50 – livro digital).

Conscientização corporal que liberta e emancipa sujeitos de seus corpos oprimidos por determinantes sociais. No entanto, o corpo não se conscientiza sozinho, mas em sociedade, pois, na medida em que compartilha experiências e conhecimentos, oferece condições de construir sua consciência corporal. E por isso, de acordo com Gonçalves (2012, p.5), “admitir a existência de corpos conscientes implica o reconhecimento dos seres humanos enquanto expressões plurais de vida, com diferentes níveis de conhecimento”.

Neste sentido, é que a compreensão de

[...]um existir consciente e de uma consciência existenciada, a consciência do mundo e a consciência de si maturam juntas e em causa direta; uma é o cerne da outra. A relação entre ser mais e fazer o mundo mais humano, torna o homem mais humano, o corpo mais consciente de si e conscientiza-se de seu corpo no mundo. Corpo consciente que o homem assume ao comportar-se frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano e humanizando-se em meio ao mundo (PEREIRA; TODARO, 2015, p.5).

Partindo da relação homem-mundo, construída por Pereira e Todaro (2015), entendemos que há um processo de conscientização corporal, o qual pode ser estabelecido, a partir do conceito de corporeidade. Isso, tendo em vista que a corporeidade nos permite aprofundar as discussões sobre o corpo consciente, pois seu conceito estabelece as relações de sentido a esse processo de conscientização do corpo, como um elemento primordial para a construção da cidadania.

A corporeidade é a expressão do ser, ou seja, é o reflexo de seus pensamentos, suas emoções, suas sensações, seus sentimentos, sua cultura e seus saberes em seu cor-

po[...] é um fenômeno que se dá em uma esfera social, pois acontece na relação entre os seres humanos e com o meio em que vivem (SOARES; CRUZ, 2019, p. 262).

Pensando a corporeidade, em sua dimensão educativa, a partir das experiências culturais e de saberes, Martins (2015), em diálogo com as obras freireanas, coloca que, pela amplitude desses processos educativos, eles podem ser observados em diferentes esferas. O autor ainda destaca que essas esferas são a sociocultural e a emocional-afetiva, apresentando a relação da corporeidade como o corpo vivido, o corpo-sujeito e o corpo historicamente situado. Isso porque

[...]corpos-sujeitos, corpos conscientes e que via corporeidade podem ressignificar a vida em diferentes situações existenciais, visto que ao vivenciarem o processo de codificação e descodificação dos momentos vividos e que levam ao conhecimento de si e à aprendizagem, tornam-se protagonistas da própria vida e com possibilidades de compreender situações-problemas e transformá-los em fatos passíveis de resolução. A consciência do ser sujeito e a vivência da corporeidade permitem o vir a ser um sujeito humanizado, um ser consciente das condições sociais (SOARES; CRUZ, 2019, p. 278).

Encaminhamos nossas discussões, a partir da compreensão de que é necessário entender as múltiplas dimensões do corpo, para que possamos construir novas possibilidades de análise para os corpos-sujeitos, em maturação. Tendo em vista que, corpo é uma forma de relacionar-se e, então, é o que reabre espaços para o corpo na velhice, engendrando relações (BLESSMANN, 2004). Relações que colocam o corpo “velho” como um corpo em construção, um corpo-sujeito, distante da ideia de corpo-objeto.

Corpo-sujeito que se torna consciente, a partir do momento em que se apropria dos fatos e implicações cotidianas, (re)conhece, assimila, sente, e se expressa, dizendo sua palavra; assim, garantindo uma formação mais humana, através da corporeidade. Desse modo, oferecendo visibilidade a corpos invisíveis, a partir da libertação da cultura do silêncio, da liberdade de dizer a sua palavra e sair das amarras das opressões, que os colocavam apenas como corpo-objeto.

3. 3 Sociologia, educação e saúde: uma postura interdisciplinar

Construir uma dissertação de base interdisciplinar exige do pesquisador um olhar plural, diante seu problema de pesquisa, mas isso não é suficiente e, muito menos, determinante da interdisciplinaridade. Isso porque, a pesquisa interdisciplinar exige a construção de uma postura que permita a análise do problema, articulando os conceitos sem fragmentação, a tal

ponto, que seja possível discutir os resultados encontrados, com rigorosidade científica, e debater as questões propostas, por meio de um olhar que ultrapassa as gavetas conceituais e categóricas.

Considerando a temática dessa dissertação e sua inserção em um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, a postura interdisciplinar de análise ocupa um lugar fundamental para a construção dessa pesquisa. Logo, para analisar os impactos socioculturais da dança, em sujeitos idosos da cidade de Erechim/RS, sentimos a necessidade de incluir debates de diferentes áreas do conhecimento. E isso não significa incluí-los e analisá-los de forma fragmentada, mas sim, por meio de amarrações e demandas, que foram surgindo ao longo da construção do problema de pesquisa.

Neste contexto de demandas, explicações, debates conceituais e práticos é, que a interdisciplinaridade dessa pesquisa foi se construindo naturalmente, de tal modo, que ela se tornou essencial para o desenvolvimento da dissertação. Logo: os conceitos da saúde exigiam conceitos da sociologia, que exigiam conceitos da educação, que, por sua vez, exigia conceitos da saúde e da sociologia. Assim, construímos uma teia conceitual, capaz de discutir o problema proposto inicialmente.

Pesquisa que se coloca de maneira interdisciplinar¹⁰, na medida em que não analisamos individualmente os aspectos, conceitos e fenômenos que abrangem essa dissertação, mas sim, quando a analisamos, através das relações existentes entre eles. Condição que permitiu compreender e estabelecer diálogos entre as grandes áreas de estudo, possibilitando inter-relações entre as bases conceituais estabelecidas para responder ao problema de pesquisa.

Sabemos que, parece um tanto confuso, porém, são nessas relações que se construiu a postura interdisciplinar dessa dissertação, em diálogo com as demandas e discussões que compõem a temática proposta. E então, desse modo, foram se estabelecendo as bases teóricas e conceituais, exigidas pela pesquisa; essas, por sua vez, tratam: do envelhecimento, das políticas públicas, da cidadania, da educação, da saúde, da dança e do corpo. Mas, para que essa postura interdisciplinar fique clara, procuramos traçar o caminho percorrido pelos conceitos e pelas demandas que foram surgindo, durante a escrita.

Iniciamos nossa pesquisa tratando dos sujeitos que a compõe: os idosos. Isso porque, o envelhecimento populacional é uma realidade atual, que tem chamado a atenção das autoridades públicas e privadas, uma vez que temos um aumento do número de pessoas idosas, quan-

¹⁰ Construção possível devido a relevância das relações existentes entre as áreas apresentadas por essa pesquisa, as quais são impossíveis de serem analisadas a partir de fragmentações, logo que, os impactos socioculturais, assim como o fenômeno social do envelhecimento, são elementos que para serem compreendidos necessitam da colaboração das áreas da Sociologia, Educação e Saúde.

do em comparação a anos anteriores. Com isso, são levantados inúmeros debates, envolvendo entidades e órgãos públicos quanto a elaboração de leis e políticas de envelhecimento ativo. Medidas que visam oferecer melhores condições de vida, através de cidadania, saúde, cultura, esporte e lazer, para as pessoas em fase de maturação.

Tendo em vista que há um contexto histórico, social e econômico que construiu este-reótipos, a respeito dos sujeitos idosos e do processo de envelhecimento, que levou esses sujeitos a condições de desigualdade social. E assim, por muitos anos, manteve-os marginalizados devido à idade e as perdas, referentes as capacidades funcionais, físicas ou mentais; as quais estariam relacionadas a redução das habilidades produtivas. Dessa maneira, submetendo-lhes a processos de exclusão social, opressão e silêncio.

Porém, como nosso objeto de estudo são os idosos que participam de uma Oficina de Dança e estamos analisando os impactos socioculturais na vida desses sujeitos que dançam, encontramos a necessidade de tratar sobre a dança e seus benefícios. Isso porque, essa atividade, como um Projeto Social, foi elaborada para promover a qualidade de vida a idosos em situação de vulnerabilidade social, oferecendo benefícios socioculturais, que são de extrema relevância para (re)construção da cidadania.

Benefícios socioculturais que, através da troca de experiências e conhecimentos, expandem olhares, contextos, e possibilidades de aprendizagem reinserindo sujeitos através da escuta e da fala, conferindo-lhes um lugar social. E nesse contexto, de inter-relações e relações, foi possível desvincular a noção de dança, como apenas uma atividade corporal, e passar a lhe dar outros significados como, por exemplo, o caráter socializador, inclusivo e de reinserção, capaz de gerar impactos socioculturais na vida desses idosos. Assim, oferecendo condições de cidadania, como um instrumento de promoção, para um envelhecimento ativo.

Dessa maneira, apresentamos uma nova perspectiva sobre a importância da dança, como uma ferramenta de modificação social. Isso sendo possível, devido ao fato de a oficina ter um método de trabalho, pautado na formação coletiva de sujeitos, através de olhares horizontais que permitem a (re)construção coletiva, por meio da dança. Método que modifica as realidades dos sujeitos excluídos, a partir do momento em que possibilita, a eles, a expressão de suas palavras; e assim, reestabelecer relações que os colocam como um corpo-sujeito, consciente de si e do mundo o que cerca.

Relacionado a isso, precisamos compreender como se chegou a essa construção do grupo e a atuação dessa ação política, como uma prática educativa não formal, capaz de reestabelecer condições de cidadania e consciência de corpos idosos. Para isso, foi necessário a apropriação de conceitos, da grande área da Educação; conceitos que nos possibilitaram iden-

tificar que a oficina de dança, de forma intencional, é um espaço de acolhimento e de compartilhamento de conhecimentos e aprendizados. Não somente isso, a Oficina estreita as relações, que dialogam diretamente com as concepções de cidadania ativa, como um direito de participação política, social e cultural, para uma maturação independente.

A partir disso, é possível traçar as relações e inter-relações que colocam essa pesquisa como interdisciplinar, pois, os aspectos existentes na Sociologia, na Saúde e na Educação se amarram, de tal modo, que a articulação de seus conceitos explica e responde os problemas propostos pela dissertação; além disso, dá voz e vitalidade a sujeitos socialmente excluídos e reprimidos. Construção possível, a partir do momento em que o pesquisador adota uma postura interdisciplinar, que não fragmenta discursos, mas estabelece diálogos, que levam a compreender e identificar os impactos socioculturais, dessa oficina de dança, na vida dos idosos erechinenses.

Por fim, destacamos que as áreas do conhecimento dificilmente se colocam transversalizadas, sendo que, entre elas, sempre há articulações e diálogos, capazes de aprofundar conhecimentos, teorias, práticas, relações, conteúdos e objetivos. Nesse sentido, esta pesquisa de mestrado, tende, também, a indicar e tratar da importância da postura interdisciplinar, como um instrumento de análise, compreensão e resolução de problemas, em diferentes contextos e espaços sociais e públicos.

Por fim, essa postura científica não deve ser encarada como uma obrigatoriedade, muito menos como um dever do(a) pesquisador(a), mas sim, como uma ferramenta que contribui para a resolução de problemas, para uma sociedade mais justa, cidadã, democrática e igualitária. Também sabemos que é a partir da compreensão dos problemas sociais e da horizontalidade dos conhecimentos que identificamos, analisamos e encontramos respostas para os diferentes problemas de pesquisa. Assim, possibilitando que sejam lançadas outras provocações e inquietações científicas, a respeito de como determinados aspectos podem interferir na vida em sociedade.

Para prosseguirmos as discussões, que levam ao diálogo teórico-prático da pesquisa de campo, no próximo capítulo, trataremos os aspectos metodológicos do estudo de campo, problema desta dissertação. Trataremos de apresentar o local da intervenção de campo, os sujeitos, os instrumentos, as técnicas de pesquisa e análise de dados, que nos oferecerão subsídios para a análise mais aprofundada dessa discussão, intermediada pelas bases teóricas e pelos achados, através dos instrumentos de coleta.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Anteriormente, a este capítulo, foram apresentadas as questões e problemas de pesquisa desta dissertação, bem como os fundamentos teóricos, conceituais e as perspectivas, acerca da temática, que conduz esta pesquisa de mestrado. Neste capítulo, serão abordadas as questões metodológicas determinadas a esta pesquisa, portanto, o capítulo 4 será dedicado a apresentar a proposta de pesquisa, sugerida para alcançar os objetivos desta investigação, bem como os métodos utilizados para responder às questões levantadas.

Além disso, nele pretendemos apresentar os elementos que tornam exequível a realização deste trabalho, como o tipo de pesquisa, as formas de coleta, a construção e análise dos dados, as variáveis, a população e, principalmente, as justificativas das escolhas e os procedimentos para o desenvolvimento e obtenção do resultado final desta pesquisa. Para tanto, cabe destacar que as escolhas metodológicas, abordadas neste capítulo, não foram tomadas de modo aleatório, pois são partes fundamentais que garantem e fundam a rigorosidade científica deste trabalho.

4.1 Tipo de pesquisa

As pesquisas científicas partem de pressupostos da realidade do pesquisador, na medida em que, para Minayo (2013, p. 16), ela é a atividade básica da ciência, na indagação e construção da realidade, visto que, nada pode ter sido um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. Ademais, o ponto de origem de uma investigação científica está no fato de não haver uma resposta evidente (GATTI, 2001), para André (2007), ela deve atender a critérios de relevância científica e social, devendo estar fundamentada, teoricamente, e acrescentar novos conhecimentos aos já existentes.

Para isso, o processo investigativo deve buscar respostas, o que exige planejamento e disciplina, para delinear o caminho a ser construído pela pesquisa; sendo esses, aspectos fundamentais para entrelaçar perguntas e respostas. Nesse viés, objetivando responder os questionamentos levantados pela pesquisa, bem como compreender e correlacionar os seus objetos, é que optamos pela realização de uma pesquisa do tipo analítica inferencial.

Além disso, optamos, também, por adotar uma abordagem quanti-qualitativa, pautando-nos no pressuposto de que a utilização de apenas uma das abordagens seria insuficiente para responder as questões de pesquisa. Assim, como Minayo e Sanches (1993, p. 247), entendemos que “o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas

qualitativamente e vice-versa”. Perspectiva que justifica a escolha dessa abordagem, pautando-se na ideia de complementaridade, na medida em que as duas abordagens dialogam.

Isso, de tal forma, que é possível quantificar e descreve o grupo analisado e, a partir disso, aprofundar e refletir, por meio de análises qualitativas, as experiências, relações e colocações dos indivíduos entrevistados. E assim, atentando-se para aquilo que é exposto por Landim et al. (2006, p. 57), de que exige do(a) pesquisador(a) “um esforço dialógico de aproximação do objeto, aprofundando as reflexões em busca de compreendê-lo e explicá-lo em suas múltiplas dimensões”.

Com relação ao procedimento da pesquisa, optamos pela realização de um estudo de campo, isso em virtude de que é um método flexível; de acordo com Gil (2002, p. 53):

[...]o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não necessariamente é geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Essa escolha pondera que, entre as vantagens da pesquisa de campo, estão os levantamentos e (re)conhecimento da realidade, na sua integralidade. Além disso, há as questões relacionadas a profundidade com que o pesquisador pode observar e refletir sobre os fatos, possibilitando uma riqueza na análise da conjuntura do problema de pesquisa.

Ademais, cabe destacar que essa pesquisa é de caráter interdisciplinar, uma vez que, para Silva (2011, p. 587): “A interdisciplinaridade, em sentido restrito, caracteriza-se pela utilização de elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para a operacionalização de um procedimento investigativo.” Análise que converge com Polon e Polon (2017, p. 190), ao considerar que:

[...] nas abordagens interdisciplinares não se visa a diluição dos conhecimentos específicos historicamente construídos pelos campos da ciência, mas sim um diálogo favorável à compreensão dos fenômenos sociais de forma relacional. Entende-se que cada disciplina possui um viés epistemológico particular, bem como métodos próprios para atingir os fins especificados na estrutura de cada disciplina.

Característica que é identificada na construção desse problema de pesquisa, através do diálogo existente entre as áreas da educação, saúde e sociologia, relacionadas às pautas públicas. Isso porque,

“As Humanidades são, portanto, uma tentativa de construção do conhecimento complexo, promovendo o diálogo entre as disciplinas na formação do sujeito e as Ciências Humanas como um conjunto de conhecimentos com objetos relativos a ‘natureza’ humana” (POLON; POLON, 2017, p. 186).

Práxis importantíssima para a promoção de diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, o que contribui para uma formação cultural, social e intelectual. E dessa maneira, oferecem condições do fazer científico interdisciplinar, através da autonomia científica, do exercício da cidadania e da participação social, enquanto sujeitos críticos e agentes dos processos científicos, socioculturais e educativos.

4. 2 Lugar e sujeitos da pesquisa

O estudo de campo desta pesquisa foi realizado na cidade de Erechim/RS, isso devido a aproximação da pesquisadora com o objeto de pesquisa, mas também, por ser a cidade sede do *Campus* da UFFS, que oferece o Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), no qual está inserida esta pesquisa. Ademais, cabe destacar que há outras características relevantes, justificando a escolha do local de pesquisa:

- a) População atual, estimada em 105 059 pessoas, de acordo com o IBGE (2018);
- b) Com relação a população idosa, tem-se apenas os dados do Censo do IBGE - 2010:

Tabela 2 – População residente, por situação do domicílio, sexo e grupos de idade: dados de Erechim/RS

Grupo de idade	Situação do domicílio X sexo				Total
	Urbana		Rural		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
60 a 64 anos	1577	1882	164	127	3750
65 a 69 anos	1110	1428	95	97	2730
70 a 74 anos	814	1192	89	97	2192
75 a 79 anos	598	942	56	67	1663
80 a 84 anos	350	654	45	45	1094
85 a 89 anos	156	325	16	24	521
90 a 94 anos	49	135	6	6	196
95 a 99 anos	8	24	-	3	35

100 anos ou mais	1	3	-	-	4
TOTAL	4663	6585	471	466	12185

Fonte: Dados do IBGE – Censo 2010.

- c) Conta com uma Associação Municipal de Grupos de Idosos, Conselho Municipal dos Direitos do Idoso (COMID) e com demais grupos que atuam de forma autônoma;
- d) Apresenta e desenvolve, em nível municipal, ações públicas de atendimento as pessoas idosas, contando com programas oferecidos pela Secretaria de Assistência Social, através dos Centros de Referência e Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), além das ações ofertadas pelas Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e pela Secretaria da Saúde;
- e) Oferece Oficina de Dança para idosos, objeto de análise desta pesquisa.

Com relação aos sujeitos de pesquisa, adotamos alguns critérios de seleção, dentre eles, que os sujeitos, obrigatoriamente, devem ser considerados pessoas idosas. Por isso, convidamos a participar, e incluímos na pesquisa, apenas aqueles(as) que tiverem idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Faixa etária pautada nas determinações legais, adotadas pelo país, respeitando a idade, de acordo com EI, que caracteriza a população idosa dessa forma.

Outro critério que foi levado em conta, para a seleção, diz respeito ao fato de que os sujeitos devem estar inscritos a mais de três meses e ter, no mínimo, 50% de assiduidade nas atividades oferecidas pela oficina. Esta, realizada pelo Departamento de Esportes, da cidade de Erechim/RS, em parceria com os grupos de convivência dos CRAS, do mesmo município. Destacamos que o ano base da coleta dos dados, refere-se ao segundo semestre do ano de 2019.

Dessa maneira, determinamos a população da pesquisa como um universo definido, de acordo com os objetivos do presente estudo. Isso, com a finalidade de permitir a construção de uma análise sociológica, baseada em um estudo de campo da Oficina de Dança para idosos. Atividade que atende cerca de 60 (sessenta) idosos, assistidos pelos serviços oferecidos pelos CRAS do município de Erechim/RS. Para fins deste estudo, foram selecionados 47 (quarenta e sete) idosos que atenderam os critérios estabelecidos pela pesquisa.

4. 3 Técnica da pesquisa: instrumentos e coleta dos dados

Quanto à técnica da pesquisa, referente à coleta e análise dos dados, optamos pela utilização de 02 (dois) instrumentos, um questionário, quantitativo, e uma entrevista, qualitativa, os quais cumprem a demanda do problema de pesquisa deste trabalho. Esses, foram aplicados e analisados separadamente, e, posteriormente, analisados de modo a estabelecer as correlações existentes em seus resultados.

Com relação a um dos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa, temos um questionário misto (Apêndice 1), com perguntas fechadas e abertas, de fácil entendimento e interpretações, para que não haja interferência do pesquisador. Também permitindo que o entrevistado tenha a possibilidade de incluir considerações, que ele acredita serem relevantes e que não estavam presentes nas opções de resposta.

Desse modo, permitindo que surjam novos paradigmas, os quais não foram incluídos nos apontamentos determinados pela pesquisa. Considerando que, para Boni e Quaresma (2005, p. 75) esses tipos de questionário:

[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. [...]Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. A principal vantagem da entrevista aberta e também da semi-estruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse.

Isso, também justificado por Baquero (2009, p. 122), na medida em que:

[...] as perguntas fechadas são mais eficientes quando as possíveis alternativas de respostas são conhecidas, limitadas quanto ao número e bem distintas. As perguntas abertas são necessárias quando a questão é complexa, quando não se conhecem as suas dimensões significativas, ou quando o interesse da pesquisa é a exploração de um processo ou da formulação de uma opinião individual.

Para isso, utilizamos um roteiro para elaboração do questionário, o qual foi construído levando em consideração os objetivos, o lugar e os sujeitos da pesquisa. E também, cuidando alguns procedimentos para sua construção, de acordo com Barbetta (2014, p. 32), como:

- a) Separar as características (variáveis) a serem levantadas;
- b) Fazer uma revisão bibliográfica para verificar formas de mensurar as variáveis em estudo;
- c) Estabelecer a forma de mensuração das variáveis a serem levantadas;
- d) Elaborar uma ou mais perguntas para cada variável a ser observada;

- e) Verificar se a pergunta está suficientemente clara;
- f) Verificar se a forma da pergunta não está induzindo alguma resposta;
- g) Verificar se a resposta da pergunta não é tão óbvia.

A partir disso, construímos um instrumento que contou com blocos de perguntas, as quais foram subdivididas da seguinte maneira:

- a) Dados gerais de identificação;
- b) Percurso escolar;
- c) Dados socioeconômicos;
- d) Carreira profissional;
- e) Outras observações importantes como: morar sozinho, apresentar doenças, motivos de interesse nas oficinas, dentre outros questionamentos.

Quanto à aplicabilidade do questionário, decidimos que, em virtude da dificuldade dos participantes com relação à leitura e escrita, a aplicação seria individual e realizada pela própria pesquisadora, a qual não interferiu em nenhuma resposta. A coleta aconteceu de maneira individual, em que, a pesquisadora fez a leitura do instrumento e anotou as respostas, de acordo com colocações dos participantes. Todos os participantes da oficina de dança, enquadrados nos critérios de seleção dos sujeitos, foram convidados a responder o questionário.

Já com relação a construção de informações e dados mais aprofundados, sobre os impactos socioculturais, reflexões e perspectivas dos participantes deste estudo de campo, optou-se pela realização de uma entrevista. Esta, conduzida a partir de um roteiro de questões, que buscou indagar o entrevistado a respeito dos motivos, benefícios, sentimentos e percepções com relação a essa atividade, ofertada para as pessoas idosas no município de Erechim/RS.

Quanto ao número de entrevistados, restringiu-se ao máximo de 12 (doze) sujeitos, isso em virtude da saturação das respostas encontradas, durante a aplicação da entrevista. Circunstância que nos forneceu significativos fragmentos, que nos deram subsídios para a construção de uma análise mais aprofundada e atenta do problema de pesquisa, bem como suas relações e reflexões, a partir da fala dos entrevistados.

Com relação a essa escolha, dos indivíduos, optou-se por uma escolha de forma intencional, visto que os participantes são de localidade demográficas diferentes da

abrangência dos três CRAS. Isso, levando em conta que, essas áreas apresentam características díspares, por isso, do total de 12 (doze) idosos entrevistados, foram escolhidos 04 (quatro) indivíduos de cada localidade. Outro cuidado que tivemos, foi em optar por escolher sujeitos do sexo feminino e masculino, levando em conta que podem haver percepções dessemelhantes entre os indivíduos de acordo com os aspectos demográficos e sexuais.

Os/As selecionados (as) foram convidados para entrevistas individuais, as quais aconteceram em sala privada, no Ginásio Municipal Bela Vista, local em que são realizadas as atividades da Oficina de Dança. As entrevistas foram intermediadas pela própria pesquisadora, que usou um roteiro de entrevista (Apêndice 2) composto de 9 (nove) questões. A entrevista foi gravada em recursos de áudio, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 3).

Posteriormente a realização dos procedimentos práticos e legais dessa entrevista, foi realizada a transcrição das falas dos sujeitos entrevistados, exatamente de acordo com as suas reflexões, análises, colocações, palavras, gírias, oclusões e silêncios, gravados nessa etapa. Por fim, cabe destacar que nesse estudo de campo, foram consideradas as percepções e observações da pesquisadora e, também, monitora da Oficina de Dança.

Ademais, para garantir a rigorosidade científica, qualidade e a confiabilidade da pesquisa, foi realizado um pré-teste do questionário elaborado e do roteiro de entrevista, com um grupo similar aos sujeitos desta pesquisa. Visando verificar se o instrumento de coleta estava de acordo com os objetivos da pesquisa e se era de fácil compressão aos sujeitos. Isso, buscando detectar possíveis falhas, para a correção das dúvidas e dificuldades encontradas pelos participantes nessa pré-testagem.

De acordo com GIL (2002, p. 119):

O pré-teste não visa captar qualquer dos aspectos que constituem os objetivos do levantamento. Não pode trazer nenhum resultado referente a esses objetivos. Ele está centrado na avaliação dos instrumentos enquanto tais, visando garantir que meçam exatamente o que pretendem medir.

Com relação a ética desta pesquisa, os participantes somente puderam acessar e responder o questionário e a entrevista, após a leitura completa e o aceite dos termos descritos no TCLE. Antes da aplicação do questionário e entrevista, foram consideradas às questões éticas que envolvem a pesquisa, como a validação e aprovação do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Federal da Fronteira Sul (Anexo 1).

Dessa forma, os/as participantes da pesquisa terão garantias previstas na Resolução nº

466/2012, que trata de pesquisas científicas que envolvem seres humanos, dentre elas: a garantia do anonimato; do sigilo; do direito de desistir de não responder o questionário e a entrevista; bem como do livre acesso aos dados quando de seu interesse, mediante a apresentação de um TCLE.

4. 4 Técnica da pesquisa: análise dos dados

Quanto a construção, correlação e análise dos dados do questionário misto, foi utilizado o programa estatístico básico, Excel, para uma sistematização dessas respostas, construindo um banco de dados de informações. Do qual, a partir das tabulações feitas, caracterizou-se o grupo estruturado e, também, correlacionou-se os resultados encontrados, a fim de verificar algumas evidências também apresentadas pela revisão bibliográfica desta pesquisa.

Desse modo, sendo possível, a partir da quantificação de dados, “descrever variáveis isoladamente, outras vezes se descrever as associações que ligam uma variável a outra” (BABBIE, 2001, p. 384). Para isso, contamos com a construção de gráficos e tabelas que nos permitiram traçar o perfil dos participantes dessa pesquisa.

Como método de análise dos dados da entrevista, optamos por utilizar o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin, na medida em que esse método permite oscilar entre a objetividade e a subjetividade, podendo “[...]ser uma análise dos ‘significados’ (a exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos ‘significantes’ (análise lexical, análise dos procedimentos)” (BARDIN, 2011, p. 41).

Considerando que essa técnica nos permite uma maior flexibilidade, na análise dos resultados apresentados por esta pesquisa, ao passo que essa é uma técnica que consiste em:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 2011, p. 15).

Após a transcrição e compilação dos dados das entrevistas, foi possível iniciar a análise de conteúdo. Para isso, seguimos as orientações das três etapas para a análise de conteúdo proposta por Bardin(2011): 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento do material e interpretações. Durante o processo de pré-análise, foi possível

identificar algumas categorias recorrentes, isto é, palavras e sentidos que se repetiam ao longo da entrevista. Na segunda etapa, do processo de análise de conteúdo, foram sistematizadas as informações e buscou-se dialogar com a base teórica já apresentada.

No procedimento final, de análise dos dados qualitativos, foram selecionados alguns trechos, e desenvolvidas as interpretações, em articulação com as bases teóricas e nas demais etapas de pesquisa. Por fim, dialogando com conceitos chaves da sociologia, educação e saúde, podemos analisar e discutir a respeito do problema de pesquisa apresentado anteriormente. Além disso, esse processo permitiu que, além de respostas, identificássemos novos problemas e possibilidades de pesquisa.

Nos próximos capítulos, iniciaremos o tratamento dos dados encontrados no trabalho de campo. Para isso, dividimos o tratamento em dois capítulos “De que idosos falamos?” e “Vozes Idosas: investigação, conhecimento e percepções de mundo”. Neste primeiro capítulo de análise, tratamos dos dados quantitativos da pesquisa, para a construção do perfil sociodemográfico dos participantes da Oficina de Dança. No segundo momento, fizemos a análise qualitativa do estudo de campo, para isso, construímos categorias de análise, a partir de Laurence Bardin.

5 DE QUE IDOSOS FALAMOS?

Este capítulo está dedicado para a construção, análise e discussão de parte quantitativa dos dados, proveniente dessa pesquisa de campo. Compilação feita no programa Excel, através de planilhas, gráficos e tabelas que auxiliam na visualização dos dados encontrados. A partir disso, trataremos de apresentar as reflexões, relações e discussões vinculadas ao problema de pesquisa, buscando atingir os objetivos propostos, no início dessa dissertação.

Dessa forma, traçaremos o perfil dos participantes da oficina de dança, ofertada a idosos da cidade de Erechim/RS, através de características pessoais e socioeconômicas, encontradas por meio da aplicação de um questionário misto, com questões fechadas e abertas. Ainda, neste capítulo, buscamos fazer articulações do perfil encontrado, com as bases teóricas e os aspectos interdisciplinares dessa pesquisa. Dessa forma, oferecendo aspectos e características relevantes para a análise de conteúdo, abordada no próximo capítulo.

5.1 Procedimento metodológicos de campo

Conforme a proposta de pesquisa, a seleção da população entrevistada foi intencional. Esta, composta por sujeitos idosos, acima de 60 anos, participantes e assíduos¹¹ da Oficina de Dança, oferecida pelos três CRAS da cidade de Erechim/RS. A partir dessas características, conseguimos atingir um universo de 47 (quarenta e sete) entrevistados, que responderam ao questionário aplicado pela pesquisadora.

Os dados apresentados neste capítulo estão em compromisso com as normativas do Comitê de Ética, estando a pesquisa submetida e aprovada pela Plataforma Brasil. Essa pesquisa conta com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente, assinado pelos participantes, para que seja possível fazer a divulgação dos dados obtidos, mantendo o sigilo e anonimato dos participantes.

A aplicação dos questionários foi realizada no final do segundo semestre, do ano de 2019, entre os meses de outubro e novembro; conforme determinado pelo cronograma de pesquisa. A coleta dos dados aconteceu durante a realização da Oficina de Dança, sendo que os participantes, de modo individual, eram submetidos a aplicação do questionário, sempre se atentando à privacidade do entrevistado.

O perfil sociodemográfico, desta pesquisa de mestrado, foi construído a partir das res-

¹¹ Nos procedimentos metodológicos dessa pesquisa, determinados que a assiduidade ficou entendida como pelo menos 50% de presença nos últimos 3 meses.

postas obtidas na aplicação de um questionário misto, de perguntas abertas e fechadas, o qual foi aplicado, individualmente, com cada entrevistado. Já para apresentar as respostas das questões abertas, obtidas através do questionário, utilizamos pseudônimos¹² que garantem o anonimato dos entrevistados.

5. 2 De que idosos falamos: perfil sociodemográfico

Iniciando a exploração dos dados, obtidos no Questionário (Apêndice 1), apresentamos – de quais sujeitos estamos tratando –, sendo eles, participantes dos três CRAS da cidade de Erechim, inscritos na Oficina de Dança, como uma atividade votada para idosos. Destacamos que, de acordo com as determinações metodológicas, foram inclusos na pesquisa, e entrevistados, apenas aqueles(as) com 60 anos ou mais, de acordo com as normativas do EI. A partir dessa seleção, prévia e intencional, apresentamos um grupo de 47 participantes, inscritos e assíduos, a mais de três meses na oficina.

A cerca do perfil dos respondentes, verificamos que, dos 47, apenas 7 sujeitos são do sexo masculino, evidenciando um grupo majoritariamente feminino, com 40 participantes desse sexo. Perspectiva que está ao encontro do que afirma Küchemann (2012) sobre o processo de feminização da velhice. Isso porque, as mulheres têm apresentado maiores expectativas de vida do que os homens, devido aos cuidados que elas têm com a vida.

Diferentemente das mulheres, os homens têm maior envolvimento em situações de perigo, que colocam a vida em risco, em virtude disso, são mais expostos a óbitos, relacionados a causas naturais ou não naturais, assim como é colocado pelo IBGE (2019). Na tabela abaixo além de podermos verificar as questões relacionadas ao processo de feminização da população idosa, também podemos identificar as médias de idade dos sujeitos:

Tabela 3 – Distribuição dos entrevistados por sexo e idade

	HOMENS	MULHERES
Número de entrevistados	7	40
Faixa de idade	60 a 85 anos	60 a 84 anos
Médias das idades	69,7 anos	69,3 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

¹² Os pseudônimos utilizados na tabulação dos dados foram, Dançarino 1, Dançarino 2 e assim sucessivamente, também utilizamos o código CX, CY e CZ para designar a qual dos CRAS os participantes estão inseridos.

A respeito da faixa etária do grupo entrevistado, temos uma amplitude significativa entre as idades mínima e máxima, variando da faixa dos 60 anos até 85 anos. Fato que demarca a construção de um grupo heterogêneo, composto por sujeitos com um intervalo de 25 anos de idade entre alguns deles. De acordo com os dados do IBGE(2018), alguns desses sujeitos já atingiram, ou ultrapassaram a média da esperança de vida ao nascer, sendo que, no Rio Grande do Sul, essa média é de 78 anos, o que coloca alguns participantes com esperança de vida de 6,5 anos, a mais, do que com relação as estimativas do Instituto.

No entanto, as percepções da pesquisa de campo nos mostraram que a idade deve ser utilizada apenas como um marcador cronológico e não como um marcador de condição de vida do sujeito. Isso porque, as condições de envelhecimento sofrem influência de diferentes fatores que, podem ser biológicos, econômicos, históricos ou culturais. Como, por exemplo, alguns idosos participantes da pesquisa, com idades próximas a 60 anos, apresentavam condições de vida mais debilitadas do que alguns participantes de 70, 80 anos de idade.

Quanto à questão de cor da pele utilizamos, o princípio de auto identificação, adotado pelo IBGE (2013). Considerando que assim é possível respeitar as percepções dos participantes, com relação a cor da pele ou raça, permitindo que eles mesmos se autodeterminem. Levando em conta o direito de resposta dos participantes, encontramos que, dos 47 entrevistados, 35 se autodeclararam brancos, 10 pardos, e 2 indígenas.

Com relação ao estado civil, curiosamente, a pesquisa verificou 4 dos(as) entrevistados(as), solteiros(as), sendo todos(as) do sexo feminino. Fato não comum para um grupo dessa faixa etária, tendo em vista que as questões culturais, envolvendo a educação e formação desses sujeitos, traz consigo a ideia de construção de família. Aspecto que é confirmado quando temos uma maioria dos(as) participantes que casaram e tiveram filhos.

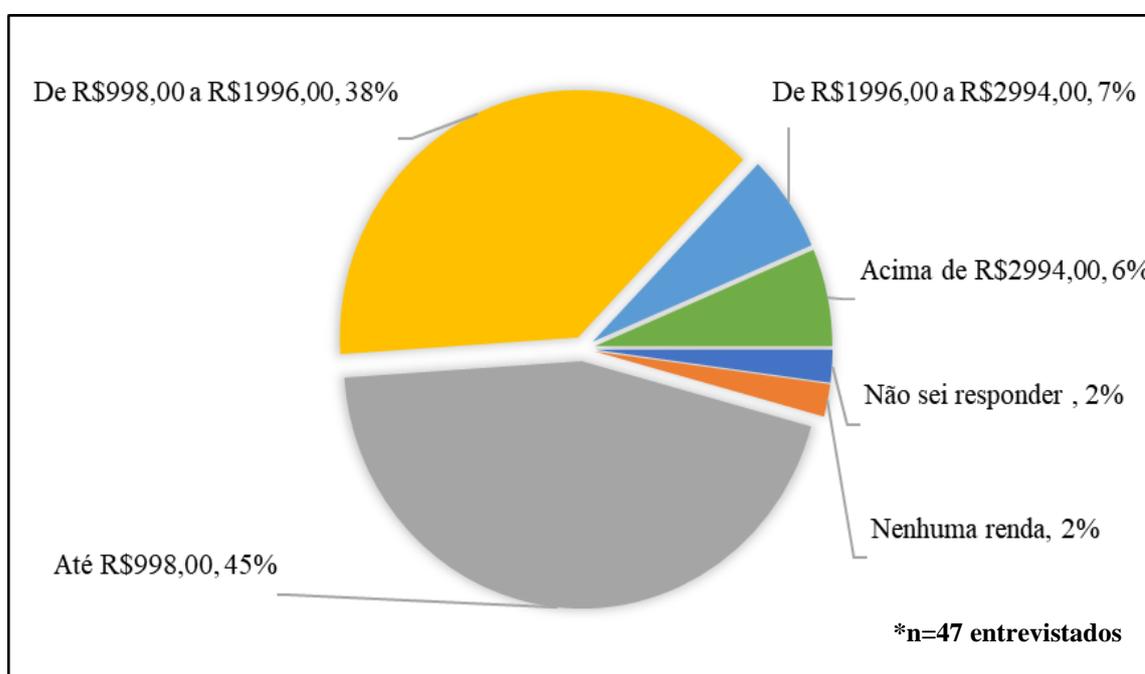
Tabela 4 – Estado civil

	HOMENS	MULHERES
Solteiro(a)	0	4
Casado(a)	3	15
Divorciado(a)	0	3
Viúvo(a)	3	18
Outro	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Partindo para análise sobre o rendimento familiar mensal, verificamos que entre os respondentes, 21 deles contam com uma renda de até R\$998,00 (equivalente a um salário mínimo no ano base de 2019), e 18 disseram contar com uma renda entre R\$998,00 e R\$1996,00 (equivalente a dois salários mínimos no ano base de 2019). Apenas 1 dos participantes declarou não ter nenhuma renda e 1 deles não soube responder. Dos 47 entrevistados, apenas 4 deles contam com algum tipo de renda extra. E, também verificamos que, em média, 2 (duas) pessoas dependem dessa renda.

Gráfico 1 – Distribuição de renda familiar



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Condições econômicas que confirmam a ideia de que os sujeitos, assistidos pela Oficina de Dança, possuem vulnerabilidade econômica, de acordo com os rendimentos mensais. Tendo em vista que, de acordo com o IBGE (2020), a média de renda *per capita* do Rio Grande do Sul é de R\$1842,98, ou seja, é R\$844,98 a mais do que a renda de 21 dos(as) entrevistados(as) dessa pesquisa. Enquanto, 18 dos(as) entrevistados(as) relataram uma renda dentro da faixa de R\$998,00 e R\$1996,00, o que não significa que estejam próximos a média de renda apresentada pelo Instituto, pois existe a relação dos dependentes dessa renda.

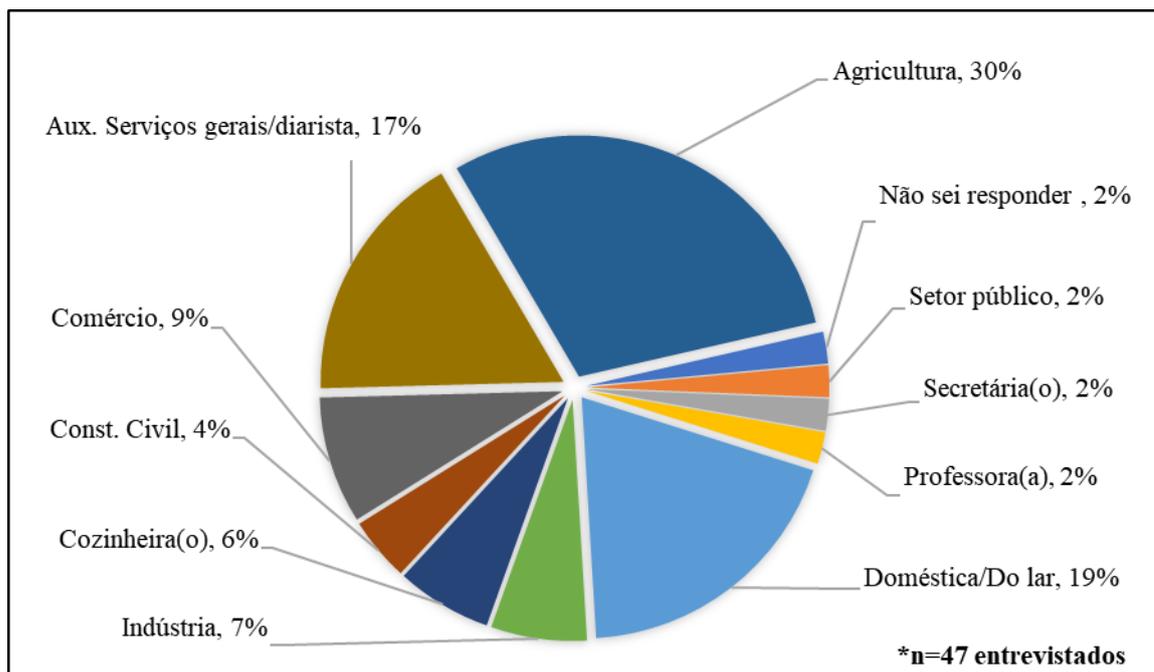
Ainda, essa condição ratifica as questões de desigualdade social, já apresentadas nesse trabalho. Desigualdade de renda, que é realidade de vida dos sujeitos participantes desta pesquisa. Aspecto que, de acordo com Feliciano, Moraes e Freitas (2004), facilita a exposição aos

riscos de adoecer e morrer, devido as precárias condições econômicas. Além disso, Nunes (2019) acrescenta que as desigualdades sociais também são a causa da fome, da mortalidade da pouca escolaridade, da violência e desnutrição.

Também nos preocupamos em identificar com que idade os(as) entrevistados(as) ingressaram no mercado de trabalho. As respostas nos levaram a uma média geral de 11,8 anos como marco para início da carreira laboral. Porém, essa média varia quando calculada de acordo com o sexo, sendo que se verificou uma diferença de anos entre os homens e mulheres, eles apresentando uma média de 8,7 anos, enquanto elas, iniciam o trabalho 2,8 anos após, apresentando uma média de idade de 11,5 anos para o início das suas atividades laborais.

Além disso, podemos perceber que nesse grupo, de 47 sujeitos, as profissões retratadas, antes da aposentadoria, acabaram se repetindo, sendo elas:

Gráfico 2 – Distribuição de profissão antes da aposentadoria

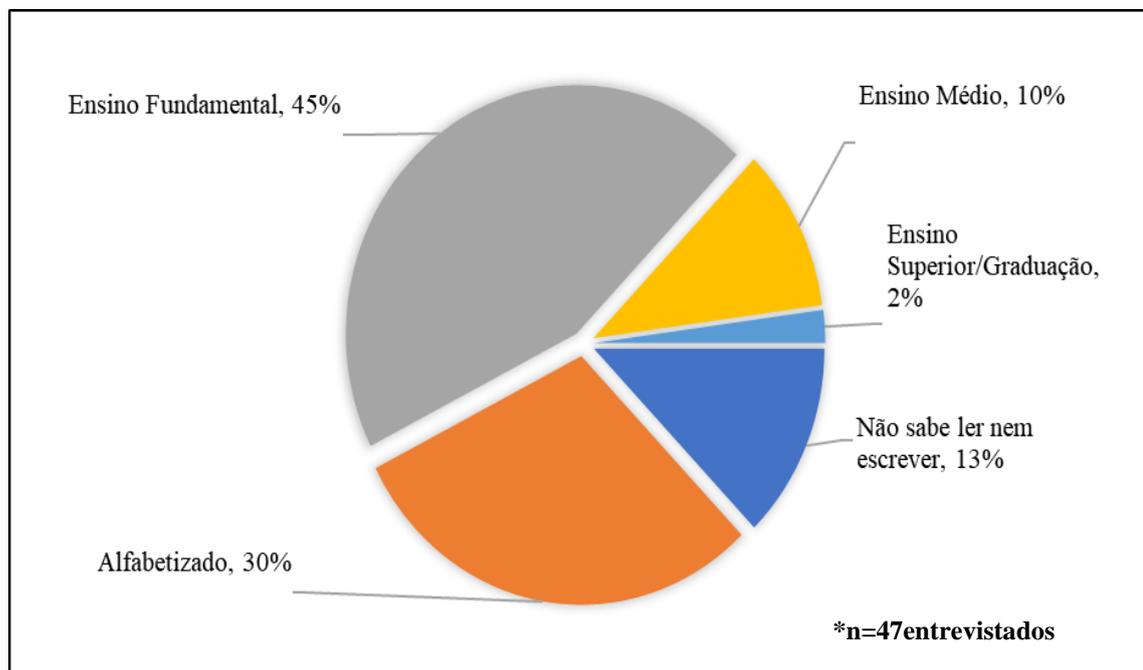


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A respeito da escolaridade, o grupo apresentou uma tendência de baixa escolaridade, ou seja, pouco êxito escolar. Fato que pode ser relacionado ao conjunto de profissões, citadas acima, as quais, exigem menor escolaridade, o que também explica a repetição das profissões, encontradas entre os participantes. Ainda, isso se torna mais evidente, quando temos apenas 5 integrantes com formação completa em Ensino Médio e 1 com Graduação completa, o restan-

te, enquadra-se em outras modalidades, apresentadas abaixo:

Gráfico 3 – Distribuição dos entrevistados por escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

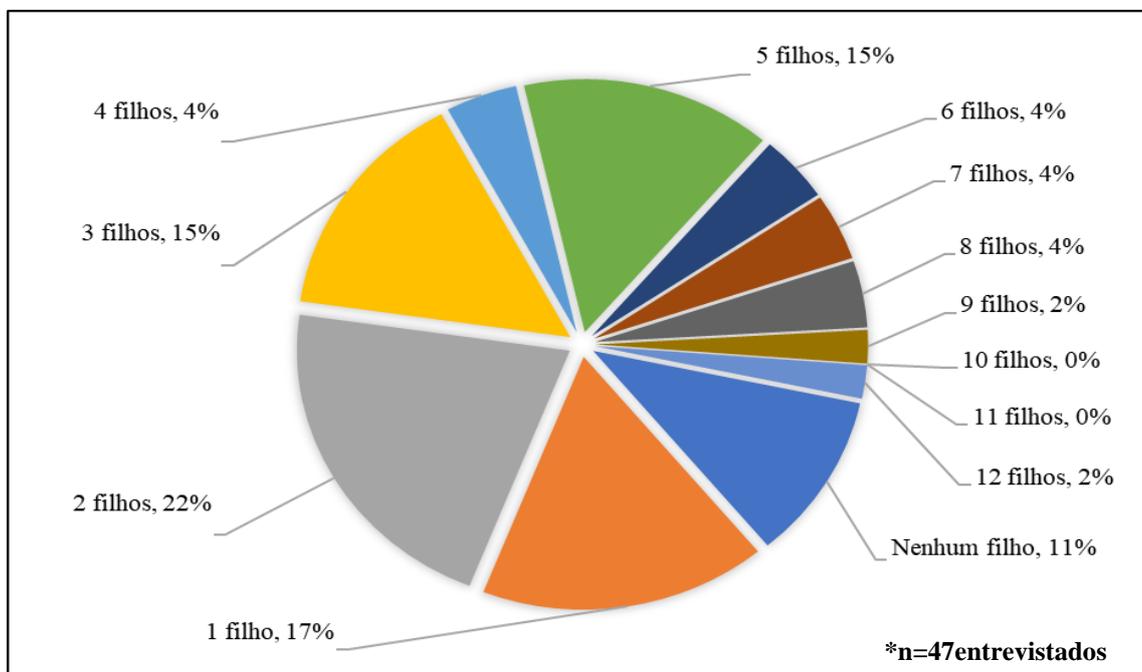
Trajetória escolar que não explica somente os lugares profissionais ocupados, mas também explica as questões relacionadas a renda *per capita*, pois, há uma tendência, na qual, profissões de baixa exigência escolar possuem baixos salários. Questões que implicam nas condições de vida desses sujeitos, uma vez que as desigualdades sociais os impediram de estudar, ou não lhes motivaram a isso. Além disso, essa conjuntura, de baixos salários e escolaridade, acaba impedindo oportunidades de lazer, cultura e esporte.

Prosseguindo as questões referentes a pesquisa, buscamos identificar as condições de moradia desses idosos. Verificamos, que mesmo diante das dificuldades financeiras, 40 dos(as) idosos(as) possuem casa própria, enquanto 3 moram de aluguel, 1 mora em local emprestado, e 3 assinalaram outras formas de residência. Sendo que, do total de entrevistados, 16 deles disseram morar sozinhos, o que pode estar relacionado a independência durante o envelhecimento ou, também, ao abandono familiar.

Quanto a ter filhos, encontramos 5 participantes que não tem filhos (4 mulheres e 1 homem), aspecto que também é comum entre sujeitos dessa faixa etária, oriunda de famílias tradicionais que valorizam as questões relacionadas a construção de família. Considerando que os sujeitos vêm de uma formação familiar tradicional, de uma realidade da zona rural, busca-

mos analisar a quantidade de filhos, por entrevistado, observando a moda¹³ apresentada pelo número de filhos, entre os participantes:

Gráfico 4 – Distribuição de entrevistados pelo número de filhos



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Já com relação a longevidade dos pais dos dançarinos, encontramos médias de idade, próximas as estipuladas pelo IBGE (2018) para a região a Sul. Apresentando, mulheres (mães dos participantes) com média de longevidade de 71,1 anos, enquanto os homens (pais dos participantes) com média de longevidade de 65,3 anos. Desse modo, demonstrando que há, sim, uma significativa diferença de longevidade, existente entre mulheres e homens, na qual chega a ser de 5,8 anos de vida, a mais, para as mulheres. Diferenças que dialogam com as questões, já discutidas acima, a respeito do processo de feminização do envelhecimento.

Quanto a questões de doença, dos 47 entrevistados, 26 disseram ter alguma doença, 2 não souberam responder. No entanto, 35 dos participantes disse tomar algum tipo de medicação. Fato que deixa implícito que não há consonância entre o entendimento da relação existente, com o uso de remédio e a presença de doenças. Aspectos que nos remetem as questões da baixa escolaridade, pois, a ausência dos processos educativos, dificulta a interpretação e compreensão dos contextos de mundo, suas teorias e relações.

Sabendo da importância da atividade física, para a promoção de uma vida mais ativa,

¹³ O elemento que possui maior frequência, isto é, o número que aparece mais vezes no determinado conjunto.

fizemos um levantamento de quantos participantes já haviam praticado algum tipo de atividade física, chegando a um número de 24 participantes, que tiveram alguma experiência com atividade física, antes da oficina de Dança. Sendo que, aproximadamente, metade dos participantes, nunca teve nenhum contato com atividade física, situação explicada pela vulnerabilidade econômica que priva os direitos de lazer, cultura e esporte.

Também nos preocupamos em compreender quais seriam as motivações que os levaram a participar e permanecer na Oficina de Dança. Desse modo buscando conhecer as motivações, para oferecer subsídios e estratégias para a manutenção de outros grupos. Com relação as motivações, permitimos que o respondente assinalasse mais do que uma das motivações. Abaixo, segue a análise das respostas, marcadas pelos entrevistados:

Tabela 5 – Fatores motivacionais

Fatores	Quantidade de participantes que marcaram a opção
Saúde física	47
Saúde mental	41
Estética/aparência	29
Gratuidade	38
Fazer novos amigos	45
Lazer e diversão	40
Aprendizado e conhecimento	43
Autoestima/motivação pessoal	42
Inserção social (bailes, apresentações, palestras e outros)	47
Autonomia e segurança	41

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Partindo da visualização das respostas, temos como, de maior incidência, a motivação pela inserção social e pela saúde física. Motivações que ratificam a importância da Oficina de Dança, como um espaço de inclusão, e promoção de uma vida mais independente. Apontamentos que ratificam as concepções de Varregoso (2007) e Fortes (2008), de que a Dança pode ser encarada como uma atividade física, recreativa, educativa, artística, cultural ou de lazer, que aproxima o idoso do convívio social, retirando-o do isolamento.

Após a análise das motivações, assinaladas pelos participantes, pedimos que os mesmos avaliassem a oficina de Dança, obtendo os seguintes resultados: 10 participantes classificaram, a oficina, como bom; 14 como muito bom; 22 como excelente e 1 pessoa não soube responder. Dados que nos permitem avaliar a Oficina como uma política pública de boa aceitação, entre os participantes, questões que também são observadas através do engajamento e compromisso, dos mesmos, com a atividade.

Também perguntamos, se após o ingresso na Oficina de Dança houve alguma modificação, no sentido de sentirem-se mais ativos, autônomos e confiantes a participar de atividades sociais, políticas e culturais, na sociedade. Como resposta, obtivemos 45 opções sim, o que identifica que, de alguma forma, essa prática ofereceu condições para que os(as) idosos(as) se sentissem mais independentes.

Sentimento que apresenta uma relação estreita com a (re)construção do exercício da cidadania, através das oportunidades que a oficina oferece, logo, as motivações e os estados sentimentais dos sujeitos nos permitem identificar a reaproximação dos direitos de ser cidadão. Direitos, de acordo com Carvalho(2018) e Cerquier-Manzini(2010), são fundamentais para a igualdade, garantindo participação, locomoção e segurança na vida em sociedade.

Em uma das questões abertas, com relação a – se de algum modo, a oficina de Dança proporcionou novas experiências de vida aos participantes –, obtivemos 46 respostas sim. Assim, confirmando que, de alguma maneira, essa atividade teve a capacidade de proporcionar novas experiências. Perceber que essas experiências se classificaram como oportunidades positivas, que se repetiam ao longo das entrevistas.

“Apresentações, encontros” (D13.CX).

“Amizades, passeios” (D14.CX).

“Fazer amizade e autoconfiança” (D15.CX).

“Mais feliz e animada” (D16.CY).

“Alegria, movimento e disposição” (D17.CY).

“Aprender a dançar e conviver, motivada” (D18.CY).

“Interação e amizade” (D24.CY).

“Gincanas, apresentações, dança, palestras e saúde” (D44.CZ).

“Apresentações, gincana, palestras, aprendizado social” (D43.CZ).

Finalizando o questionário, perguntamos aos participantes sobre os pontos positivos e

negativos da oficina. Como pontos negativos, encontramos apenas 3 respostas, as quais tratam: a necessidade de variar as atividades feitas na oficina; questão religiosa, relacionada com a dança; e a ausência de professor em um período anterior a essa oficina.

Já, com relação aos pontos positivos, tivemos repetições das colocações e, por isso, selecionamos alguns:

“Aprendizados” (D5.CX).

“Convivência, amizade e integração” (D8.CX).

“Melhor da saúde física e mental” (D11.CX).

“Saúde, convivência e bem estar” (D18.CY).

“Amizade, saúde e apresentações” (D19.CY).

“Descontração, arejar a cabeça e saúde” (D24.CY).

“Alegria, interação e caminhar sozinha”. (D33.CY)

“Alegria, amizade, saúde, bem estar, fazer novas amizades, brincadeiras para desenvolver a memória” (D35.CZ).

“Convívio com os amigos e fazer novos amigos” (D38.CZ.).

“Alegria e dança” (D40.CZ).

“Amizade, alegria, dança, amor das professoras e dedicação; respeito e integração” (D44.CZ).

“Amizade, descontração e autoestima” (D45.CZ).

Por fim, questionamos os entrevistados sobre sugestões de políticas públicas de seu interesse, que poderiam ser ofertadas pelo município de Erechim. Questão que causou um certo desconforto nos participantes, que necessitaram ser estimulados para responder, e, a partir disso, conseguiram sugerir algumas opções, como: canto, natação manicure, crochê, culinária, costura, pintura, artesanato, bocha, informática e outros.

Desconforto que tem origem no desconhecimento ou pouco entendimento sobre o conceito abordado nessa questão. Isso, devido as dificuldades existentes em interpretar e compreender determinados aspectos, que exigem determinado grau de escolaridade ou consciência crítica, construída através do capital cultural de cada sujeito.

5. 3 O que isso nos diz sobre a pesquisa?

Após a exposição das respostas, encontradas no questionário aplicado com os idosos

participantes da oficina de Dança, a pergunta que persiste é: O que isso, esses dados, dizem-nos sobre a pesquisa? Então, a articulação dos achados, com a literatura e as informações disponibilizadas por órgãos, normativas e documentos federais, podem nos descrever – de quais idosos estamos falando. Para assim, traçarmos o perfil dos entrevistados e termos subsídios para (cor)relacionar as respostas, dadas no questionário, com as encontradas no roteiro de entrevista.

Iniciamos nosso destaque, apontando que, do grupo de 47 entrevistados, pudemos perceber a presença majoritária de mulheres, fatores que estão relacionados ao fato do cuidado com saúde e bem-estar ser maior entre mulheres, bem como o fenômeno de interação social ser maior com relação ao sexo feminino. Assim, como identificamos na revisão bibliográfica que há um fenômeno de feminização da velhice, nosso trabalho de campo também nos permitiu identificar que nos grupos estudados esse fenômeno é repetido quando temos um expressivo número de mulheres entre os participantes.

Também ficou evidente que a população de sujeitos, participantes dessa oficina, é, em sua maioria, de cor de pele branca. Essa situação pode ser explicada através das seguintes possibilidades:

- a) cultura local e questões étnicas;
- b) preconceito social e econômico; ou
- c) menor expectativa de vida entre sujeitos negros, pardo e indígenas.

Com relação ao estado civil, a pesquisa apresentou um fato curioso, uma quantidade significativa de mulheres solteiras, o que é algo fora da curva para a população e a faixa etária que estamos tratando. Isso, devido aos momentos culturais e históricos construídos, na infância e a adolescência dos entrevistados. E por isso, pode-se perceber uma mudança inicial de cultura, em que as mulheres passam a ser solteiras e não ter filhos.

No entanto, percebemos a presença da cultura machista, nesse mesmo tempo histórico, pois encontramos uma diferença, relacionada a idade de início do trabalho, entre homens e mulheres. Assim, ratificando que a mulher deveria cuidar da casa, e/ou não tivera perfil para o trabalho, ou pela ideia construída de sexo frágil, e, por isso, inseria-se tardiamente no mercado de trabalho.

Ainda, com relação a carreira profissional, percebemos que, de acordo com as profissões dos entrevistados, encontramos atividades que, em sua maioria, não exigem escolarização. Relação confirmada quando contabilizamos um número mínimo de entrevistados com ensino médio, restringindo-se a um participante com graduação. Circunstância que coloca os

sujeitos em condições, não apenas de remuneração, mas de retorno financeiro menor do que aqueles que possuem maior tempo de estudo.

Questões relacionadas a escolarização, também apresentam uma relação com as questões referentes ao exercício da cidadania. Isso porque, a baixa escolaridade e apropriação do capital cultural interferem nas construções críticas de mundo, intervindo nas percepções referentes aos direitos civis, políticos e sociais. Situação que exclui sujeitos vulneráveis, colocando-os na cultura do silêncio, sem voz nem vez, em uma sociedade que oprime pobres, negros, mulheres, idosos e demais vulneráveis.

Outro aspecto curioso, encontrado nesta pesquisa, é o fato de que 16, dos entrevistados, disseram morar sozinhos, caracterizando a independência ou abandono das pessoas idosas. Porém, pela vivência com o grupo, entendemos que essa relação está ligada a independência, a partir de um envelhecimento com mais saúde, conhecimento e capacidade de autocuidado. Assim, desconstruindo a ideia do idoso como aquele que é velho, inútil ou incapaz, que necessita de cuidado, ou que deve ser isolado (BRAGA, 2001. AGUIAR; SANTOS; SILVA, 2013. CAROLINO; SOARES; CÂNDIDO 2011. KÜCHEMANN, 2012. PERES, 2007).

Nosso questionário permitiu, ainda, dialogar com a literatura apresentada, a respeito da longevidade e a diferença entre homens e mulheres. Sendo que encontramos uma longevidade dos(as) entrevistados(as) e de seus pais, em consonância ou acima da média das expectativas do IBGE. Também, ficou evidente o processo de feminização, com as mulheres vivendo mais que os homens, mesmo que em anos anteriores, quando os cuidados com a saúde e as perspectivas de envelhecimento eram outras.

Já, com relação à saúde, encontramos um grupo que está atento aos cuidados com medicação e as necessidades para a manutenção de suas vidas, demonstrando ter consciência da manipulação de medicamentos e da importância da atividade física para esse processo. Porém, um fato que deve receber a atenção é que, mesmo sabendo desses cuidados necessários à saúde, muitos não têm a compreensão que o uso de medicamento está ligado ao fato de prevenção ou tratamento de alguma doença. Situação caracterizada pela dificuldade de interpretação e compreensão de algumas situações, que podem estar interligadas a questão de escolaridade.

Já, com relação a atividade física, esse grupo tem conhecimento prático sobre a importância dessas atividades para o envelhecimento ativo. No entanto, cerca de metade dos participantes nunca tiveram nenhuma experiência com esse tipo de atividade. Condição que pode ter relação com as seguintes possibilidades explicativas:

- a) rompimento da infância e adolescência;
- b) questões financeiras;

- c) questões culturais;
- d) questões pessoais.

Por fim, ao perguntarmos sobre as sugestões de políticas públicas, que eles gostariam de participar ou ter no município, percebeu-se a dificuldade de expressar a opinião ou, talvez, refletir e compreender sobre os direitos de cidadão, para exigir do município esse tipo de atividade. Circunstância que confirma o impedimento do direito à cidadania, através da participação e compreensão dos direitos civis, políticos e sociais.

Portanto, esse questionário nos permitiu traçar um perfil socioeconômico dos entrevistados, que se torna visível, a partir dos itens abaixo, que desenharam o grupo em pesquisa:

- a) pessoas idosas com 60 anos ou mais;
- b) maior público feminino;
- c) de cor, de pele, branca;
- d) casado(a) ou viúvo(a);
- e) baixa escolaridade;
- f) baixa renda;
- g) dificuldade de interpretar, relacionar e até compreender algumas questões cotidianas.

6 VOZES IDOSAS: INVESTIGAÇÃO, CONHECIMENTO E PERCEPÇÕES DE MUNDO

Este capítulo é dedicado para a apresentação e análise de conteúdo produzido, a partir das vozes idosas, que ganham espaço e lugar de fala, por meio de uma entrevista feita por roteiro. Aqui, buscamos construir, através de um processo investigativo, os conhecimentos e percepções de mundo, que os participantes trazem, ao longo de suas vidas. Para isso, organizamos um roteiro de perguntas fechadas, elaborado pela pesquisadora, a fim de dar voz a população idosa.

O capítulo se organizará, de tal modo, que iniciaremos tratando de apresentar os entrevistados (nome fictício, idade, sexo, e CRAS pertencente), para fins de organizar a construção da análise e situar o leitor, no transcorrer do texto. Em seguida, faremos a apresentação das categorias, construídas durante a análise de conteúdo, das respostas obtidas no processo investigativo. Após, trataremos das vozes desses sujeitos, como instrumentos de análise, para discutir a respeito dos elementos e percepções, explícitos e implícitos, em suas respostas.

6.1 Procedimentos metodológicos para análise dos dados

Conforme a metodologia de trabalho utilizada, a população entrevistada foi determinada de maneira intencional, procurando acolher as percepções de diferentes sujeitos, participantes dos três CRAS. Tendo em vista que cada grupo apresenta características peculiares, com diferenças tanto individuais, quanto coletivas, que devem ser consideradas na análise. Isso porque, mesmo que todos estejam localizados em áreas de vulnerabilidade social, os participantes dos Centros apresentam características distintas, relacionadas a questões culturais e territoriais de cada bairro.

Ratificamos que, além disso, a intencionalidade da população também levou em conta as percepções, observadas pela pesquisadora, durante a realização da oficina, as quais foram anotadas no diário de campo e consideradas durante o processo de análise dos dados. Diário que nos permitiu conhecer e perceber as diferenças e peculiaridades existentes entre os três CRAS, identificando, não somente diferenças socioespaciais, mas também, diferenças geopolíticas existentes entre os bairros¹⁴.

¹⁴ A fim de perceber as diferenças entre os participantes de acordo com cada região, determinaremos nomes fictícios também aos CRAS dos quais serão nomeados em: CRAS X, CRAS Y, CRAS Z. Estes localizados cada um em diferentes bairros da cidade de Erechim/RS.

Circunstância que também implicou na exigência por diferentes propostas metodológicas de trabalho, para a realização da oficina de Dança. Diagnóstico que foi fundamental para organizar o planejamento de trabalho, de forma que respeitasse as peculiaridades e demandas de cada grupo atendido pela oficina. Dessa maneira, permitindo que o processo de ensinagem da dança não prejudicasse nenhum dos grupos, tratados nessa pesquisa, oferecendo uma atividade de qualidade a todos.

Por esses motivos, intencionalmente, decidimos entrevistar participantes dos três CRAS, a fim de construir uma análise mais aprofundada, para verificar algumas percepções consideradas no diário de campo, como, por exemplo, diferença de cuidados com vida, escolaridade e conhecimentos de mundo, articulando e relacionando-as aos demais achados nos três¹⁵ instrumentos de análise. Desse modo, inicialmente convidamos 4 (quatro) participantes de cada CRAS para responder a entrevista, conduzida pela pesquisadora em sala privada e gravada em áudio, isso, mediante o aceite e assinatura do TCLE, pelos participantes.

Dos entrevistados, também de maneira intencional, buscamos selecionar dois homens e duas mulheres por grupo, com exceção de um grupo, constituído apenas por mulheres. Isso, procurando analisar se há diferentes percepções e impactos socioculturais entre os sexos. A partir da análise prévia de 12 (doze) entrevistados, percebeu-se a saturação das respostas, observadas durante as entrevistas, sendo essa, a condição determinante para o tamanho da população utilizada nessa etapa da pesquisa.

Portanto, neste segundo momento da pesquisa de campo, entrevistamos 12 (doze) idosos(as), dos 47 (quarenta e sete) sujeitos que compõem a população da pesquisa. Deste conjunto, de 12 entrevistados(as), 4 entrevistados são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. No quadro abaixo, descrevemos os(as) participantes, a partir da determinação dos nomes fictícios, para fins de respeitar a identidade dos mesmos, mantendo a responsabilidade ética dessa pesquisa:

Quadro 1 – Conhecendo os entrevistados

Nome fictício	Características pessoais	Sigla
Dançarino 01	Mulher, 68 anos, participante do CRAS X.	D1.CX
Dançarino 02	Homem, 63 anos, participante do CRAS X.	D2.CX
Dançarino 03	Mulher, 78 anos, participante do CRAS X.	D3.CX
Dançarino 04	Homem, 75 anos, participante do CRAS X.	D4.CX

¹⁵ Os três instrumentos de análise utilizados por essa pesquisa foram: questionário, entrevista e diário de campo.

Dançarino 05	Mulher, 64 anos, participante do CRAS Y.	D5.CY
Dançarino 06	Mulher, 64 anos, participante do CRAS Y	D6.CY
Dançarino 07	Mulher, 60 anos, participante do CRAS Y.	D7.CY
Dançarino 08	Mulher, 70 anos, participante do CRAS Y.	D8.CY
Dançarino 09	Mulher, 79 anos, participante do CRAS Z.	D9.CZ
Dançarino 10	Mulher, 66 anos, participante do CRAS Z.	D10.CZ
Dançarino 11	Homem, 60 anos, participante do CRAS Z.	D11.CZ
Dançarino 12	Homem, 63 anos, participante do CRAS Z.	D12.CZ

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para prosseguirmos a análise qualitativa dos dados, encontrados nessa pesquisa, como já mencionado anteriormente, nos procedimentos metodológico, utilizamos do método de análise de conteúdo (Apêndice 5). Método, que durante a fase de pré-análise, ofereceu-nos subsídios e instrumentos que possibilitaram a construção de categorias de análise, a partir da transcrição e compilação dos dados. Categorias que nos permitem identificar e analisar aspectos que respondem ao problema de pesquisa, exposto na introdução desta dissertação.

Portanto, durante a exploração dos dados, na fase de pré-análise, foi possível identificar aspectos que nos levaram a construção de 5 categorias de análise para essa pesquisa, as quais apresentamos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Categorias de análise

Categoria de análise	Resumo
Categoria 1: Percepções, experiências e vivências	Dificuldades do envelhecimento Importância do grupo Se sente bem Experiência familiar com dança Gosto pela dança
Categoria 2: Redes e transformações	Convidado Transformações Mudança de vida Melhorias nas condições de vida.
Categoria 3: Contextos e sentimentos	Vivências negativas antes do ingresso na oficina Vivências positivas após o ingresso na oficina

	Bem-estar Pertencimento Acolhimento
Categoria 4: Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências	Apresentações Conhecer lugares Eventos e palestras Oportunidades Convivência Interação
Categoria 5: Cidadania: (in)compreensões e oportunidades	Convívio social Motivação Inserção social Aprendizados Lazer Bem-estar Saúde Oportunidades

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Desse modo, a seguir, buscamos analisar e dialogar com os referenciais teóricos e demais etapas de investigação dessa dissertação, procurando identificar respostas e argumentos, para as perguntas apresentadas, como problema desta pesquisa. Problema que está diretamente relacionado a existência, ou não, de impactos socioculturais, a partir da oficina de Dança como uma política de governo do município de Erechim/RS.

6. 2 Sob o olhar dos idosos: percepções, experiências e vivências

A construção dessa primeira categoria de análise partiu das questões, referentes as visões a respeito do processo de envelhecimento, suas nuances e compressões, acerca do que é e como se dá esse processo, na vida dos sujeitos participantes da pesquisa. Essa categoria também buscou conhecer as trajetórias e experiências pessoais, com a prática corporal de dança, ao longo da vida dos entrevistados.

Para isso, iniciamos a apresentação e discussão da primeira categoria, transcrevendo as respostas obtidas, a respeito do que é envelhecer:

*Acho que **estou bem**, tenho disposição de trabalhar, tô bem. Gosto das crianças e de idosos. Ficar velho é ficar de cadeira de roda (D3.CX.).*

Bom, no meu modo de pensa sou uma pessoa que aceito tudo, respeito. Dá idade por exemplo não adianta ficar assim preocupado, eu tô velho, tô no fim, mas de repente não é bem assim tudo tem o tempo certo. (D4. CX.).

*Envelhecer é ter **saúde**, ter uma boa **qualidade de vida** (D5.CY).*

*Olha, envelhecer pra mim é assim ó, agora eu **tô vivendo o melhor momento**, queria ter 20 anos atrás o que eu tô vivendo agora, aproveitando com a minha idade de agora né!? Fazendo coisas que eu não fiz quando eu era nova, se eu tivesse agora essas oportunidades não sei se casava, verdade, eu **não tive liberdade** de sair dançar, fazer essas coisas que a gente assiste na tv, eu sempre queria fazer aquilo, e agora que eu tenho oportunidade. É a melhor idade. (D6.CY).*

Olha, o meu envelhecer, no meu ver é que Deus não me chamou ainda que eu tô aqui (D8.CY).

*Olha, antigamente a gente pensava de uma maneira, agora a gente pensa de outra porque aquela época a gente pensava, envelhecer tá ficando velha, agora não, **mudou bastante** a gente **quer viver melhor** (D9.CZ).*

*Pois olha, o envelhecimento pra mim eu acho que eu **comecei a viver**, depois que entrei pro grupo de idosos, depois que entrei no CRAS, depois que comecei quantos **amigos** arrumei, quanta gente que eu conheci[...]. Tive uma **infância difícil**, uma **adolescência difícil**, mas a **velhice tá sendo maravilhosa** (D10.CZ).*

*Envelhecer com **saúde**, com **alegria** (D12.CZ).*

Como se pode observar, a partir da leitura das transcrições acima, percebemos que alguns dos participantes não encaram o envelhecimento como algo ruim, mas sim, como uma fase de (re)começo. Isso porque, o processo de maturação permitiu o início de uma nova fase da vida, na qual os idosos estão podendo aproveitar as oportunidades, momentos de lazer e diversão que foram interrompidos ao longo dos anos.

Oportunidades interrompidas ou negadas, devido ao contexto histórico e econômico, no qual esses sujeitos viveram a sua juventude. Contexto histórico-social marcado pelo período da Ditadura Militar, a qual proibia qualquer tipo de aglomeração de juventudes, restringia os direitos de liberdade de expressão, perseguia imigrantes e aplicava outros tipos de violência contra a vida humana.

De acordo com Salmazo-Silva et al. (2012), essas vivências e desfechos sociohistóricos e culturais, quando associados a fatores internos e externos, podem tornar as pessoas idosas mais, ou menos, vulneráveis diante dos eventos cotidianos. E por isso, temos idosos mais oprimidos, retraídos e excluídos pela sociedade, que desconhece seu passado de medo, dor e privações.

Outro aspecto diz respeito ao contexto econômico, visto que temos um grupo de parti-

cipantes com origens familiares humildes, de um cenário de baixa renda e dificuldades de moradia, trabalho, alimentação, educação e saúde, assim como é colocado por Nunes (2019). Circunstâncias que explicitam as desigualdades sociais a que esses sujeitos estavam expostos, a partir da atuação de um modelo econômico capitalista que oprime e exclui sujeitos subalternos.

Questões que influenciaram na construção desses sujeitos, na sua formação cidadã e crítica. Além disso, também ficaram subentendidos, entre os silêncios e as recordações, não só de um passado de trabalho e privações, mas de um presente que tem modificado a realidade de suas vidas. Processos que refletem nas boas experiências de vida, que os participantes dizem estar participando.

Por outro lado, podemos observar que entre os entrevistados, três participantes relataram as dificuldades que veem com o processo de maturação.

*Envelhecer faz a gente ficar mais **fraco**, não pode mais fazer tanta coisa (D1.CX.).*

*É bem **cansativo** porque a gente começa a **sentir dores** e tal e coisa (D7.CY).*

*A pessoa **pega doença** mais fácil, não é qualquer comida que pode comer, e a maioria não faz exercício[...]No começo era pior coisa que tinha, **eu não admitia** (D11.CZ).*

Dificuldades que apresentam estreita relação com as questões decorrentes da redução das capacidades funcionais. De acordo com Veras (2009), a incapacidade funcional pode ser compreendida com a redução das habilidades físicas e mentais. E por isso, sua aproximação com a ideia de condição ou estado físico, que acompanha a velhice. Porém, esse aspecto também pode estar interligado a uma visão pessimista, ligada a ideia de rendimento e dinamismo, relacionada a produtividade capitalistas (UCHÔA, 2003).

Já para o participante D2.CX., o processo de envelhecimento não representa nenhuma mudança em sua vida.

*Eu **não achei nada**[...]. Não mudou, eu **sou igual antes**, eu sou voa trança, não achei diferença, eu trabalho ainda, abro valeta, roço, e não sinto canseira. Os outros dizem eu gostaria de ter o corpo dele: força e empurro até carro (D2.CX.).*

Ainda, essa primeira questão do roteiro, indagava sobre como ele(a) se sentia dentro desse processo de envelhecimento. Respostas que nos permitiram identificar relatos positivos ligados ao bem-estar, ligado a essa fase da vida:

*[...]eu sou **feliz**, me **sinto bem**, eu sempre fui uma pessoa alegre e nesses **grupos** alegre mais ainda a gente graças a Deus (D1.CX.).*

*Acho que **estou bem**, tenho disposição de trabalhar, tô bem. Gosto das crianças e de idosos. Ficar velho é ficar de cadeira de roda (D3.CX.).*

*E eu me **sinto bem** porque a **gente tá ocupado** com alguma coisa, porque basta que eu deixei de trabalhar cedo porque, por motivo de saúde, então não foi uma opção se não eu trabalhava até a recém [...] é interessante a **gente estar ocupado pra alguma coisa** (D4. CX.).*

*64 anos, me **sinto bem**, tenho meus netos, me sinto bem, tenho os filhos, graças a Deus não me dão problema nem nada. (D5.CY).*

É a melhor idade. (D6.CY).

*Me **sinto feliz**, feliz, feliz ainda mais com essas ginásticas que a gente faz aqui nas quintas, vim **encontrar as colegas** encontra você, a gente se sente muito bem. (D7.CY).*

*E assim eu me **sinto bem** nesse envelhecer porque **antigamente eu não tinha essas atividades**, eu **me sinto bem** agora. E não adianta dizer não quero envelhecer, eu faço cada ano tem que fazer um bolo e sempre tem que botar uma velinha a mais (D8.CY).*

*A **vida tá bem mais melhor** com o trabalho tudo que fazem é muito bom, é **muito bom envelhecer** sabe que a gente tá envelhecendo, mas dessa maneira (D9.CZ).*

*Me **sinto bem** porque a gente tá envelhecendo né, Graças a Deus (D12.CZ).*

A partir das falas dos participantes, e dos demais dados, podemos identificar que, mesmo com as dificuldades encontradas no transcorrer da vida, os sujeitos se sentem felizes, durante o processo de envelhecimento. Sentimento que também foi encontrado nos gestos, olhares e silêncios, durante a entrevista, momento em que os entrevistados demonstraram a satisfação de estar nesta fase da vida, podendo ter novas experiências e aprendizados, a partir da inserção social.

Estado de bem-estar em que se aproxima a relação de envelhecimento ativo, o qual, de acordo com Ferreira et al. (2010), pode ser identificado pelas associações positivas de saúde, independência e alegria. Ainda, essas percepções vão ao encontro do que a OMS (2005, p. 13) determina como envelhecimento ativo, pois “permite que as pessoas percebam seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida[...]”.

Prosseguindo nossa investigação, questionamos nossos entrevistados quanto ao contato e sua experiência com a dança. Isso, buscando compreender suas trajetórias, experiências e vivências com essa prática corporal. Durante a análise, foi possível perceber que as experiências com dança estiveram sempre muito próximas do contexto familiar, ou seja, as experiências vieram acompanhadas de algum familiar.

*Eu só **dançava** em baile, e quem me ensinou a **dançar foi meu pai**. Eu era menina e nós ia nos bailes eu já dizia as primeiras músicas eu quero dançar com o pai, porque ele sabia e me ensinava, ali eu aprendi e gosto, **eu gosto da dança**, se eu pudesse dançar todo dia eu dançaria, mas não posso (D1.CX).*

***Não sabia dança**, aprendi a dançar com Maria nos grupos. Começamos dá uns trote nesses pavilhão de grupo de colégio (D2.CX)*

*Ijuí, eu morava lá, nós ia nos **bailinho** eu comprei até o violão e o pandeiro pra tocar. Sim, meus **pais eram músicos** a gente **dançava desde muito pequenos**. (D3.CX).*

*Sim, dançar **eu dancei**. Tinha 8 anos e uma **irmã** minha me ensinou a dançar, isso faz muito anos (D4.CX).*

*Nossa, minha primeira experiência com dança eu tinha **16 anos**, fui num baile de carnaval, nossa eu adorei. Nossa, 16 anos, sábado, pra ir na segunda feira com a mesma turma, meu **irmão** mais velho e mais umas 10 gurias mais velha do que eu e meu pai não deixou, acabou ali meu carnaval. Depois eu fui começar a dançar com 20, 20 e poucos anos, que meu pai faleceu aí naquele tempo tinha que fazer luto, 1 ano de luto. Daí eu fui nos bailes mais para dar risada nunca pra arrumar namorado assim, mas fui poucas vezes (D6.CY).*

*Eu sempre **gostei de dançar**, sempre morei no interior era colona e daí nós podia ir nos baile e o **pai**, antigamente tinha aquelas escola no interior, e eles sempre fazem um ou dois baile por ano para ter alguma entrada. Daí nós podia ir naquele baile porque o pai era presidente, daí nós ficava até o fim do baile. Daí no outro dia tinha o matine, e nos ia, mas nos tinha que tá em casa no sol entra. Gostava, gostava, **gostava de dançar**. (D8.CY).*

*Eu tinha meus **irmãos** que eram **músicos**, os mais velhos, eu já nasci dançando, nós ia nos bailão, mas naquela época começava as 7 horas da noite, e nos ia até as vezes 7 da manhã. A gente **dançava a noite inteira**. E eu sempre **gostei de dançar**. (D9.CZ).*

*Eu a dança, puxei pra minha mãe, a **mãe gostava muito de dança**. Eu **adoro**. Desde pequeno eu ia junto com minha **tia** era solteira e daí eu ia junto com a tia, a **avó** dizia, mas tu vai junto, e nós ia, a tia ensino eu, vicio (D12.CZ).*

Daqueles que não citaram o contexto familiar, relacionado a experiência com dança, podemos observar que, de algum modo, os participantes já haviam tido algum tipo de contato com essa prática corporal.

*Eu **nunca fui em baile**, nem de solteira, casei com 16,5 anos e meu marido com 18, eu nunca fui em baile. E agora **depois de velha**, já digo, é que temo aproveitando ir nos baile dança senão não ia, mas é **muito bom** (D5.CY).*

***Não dançava**, só nos baile da terceira idade, mas fazia **muito tempo que eu não ia** mais e aí com a dança eu gostei. Eu até dançava, íamos nos bailes do interior (D7.CY).*

*Depois de **mais velha**, eu não era assim, como eu te disse, a minha **adolescência era bem...** Onde que meu **pai** deixava ir. Meu marido gosta de sair, a gente se enturmou aí a gente sai, a gente saia menos, mas agora não se para mais em casa. Lá pelos **50 anos** que eu comecei mesmo, agora eu **tô vivendo**. (D10.CZ).*

***Eu dançava**. Gostava e gosto de dança. **Danço** qualquer tipo de música (D11.CZ).*

Com isso, foi possível identificar que, de alguma forma, para todos os entrevistados a experiência com a dança já esteve presente em suas vidas, seja através de contextos familiares, amigos ou eventos. Também, de modo implícito, podemos identificar a relação de bem-estar que essa prática proporcionou, e ainda proporciona, a esses sujeitos. Tendo em vista que ela é uma atividade para além da atividade física, propriamente dita, pois, para sujeitos em maturação, essa prática é sinônimo de diversão, lazer, amizade e recordação.

Concepções que dialogam com as considerações do estudo de Oliveira, Pivoto e Viana (2009), ao apontar a junção da música, do movimento e do convívio social, como uma articulação que desperta nos idosos o bem-estar e o equilíbrio emocional. Além disso, a dança tem a capacidade de aproximar os idosos e retirá-los do isolamento, do sedentarismo e da rotina a que estão submetidos, permitindo a confraternização entre os pares e a comunidade (FORTES, 2008. NUNES, 2018).

Nas entrelinhas desse processo, sentimos a alegria dos participantes, através de respostas entusiasmadas, das risadas e dos olhares. Para muitos, essa foi a primeira vez que tiveram a oportunidade de olhar e refletir, não somente sobre o processo de envelhecimento, mas também sobre a trajetória da dança em sua vida. Assim, submetendo-se a momentos de recordação e reflexão, através do compartilhamento de histórias da juventude até envelhecimento.

Por fim, a categoria de análise, percepções, experiências e vivências nos mostrou as influências históricas e econômicas que estão presentes no processo de maturação dos entrevistados. Não somente isso, identificamos também que, de alguma forma, os idosos possuem esclarecimentos relacionados a essa etapa de vida, os quais foram identificados por meio das questões relacionadas as capacidades físicas vindas com a velhice.

Contudo, mesmo diante das limitações, contextos e influências que envolvem essa fase da vida, os participantes encaram essa etapa com felicidade, bem-estar e aproveitamento da vida. Com relação a dança, ficou nítido a relação familiar existente com essa prática corporal. Ainda, identificamos o gosto pelo ato de dançar, o qual foi transmitido com muita alegria, através de lembranças da juventude e da família.

Finalizamos essa categoria, expondo a percepção, da pesquisadora, quanto ao estranhamento, percebido com relação aos idosos, em participar de uma entrevista. Estranhamento relacionado ao poder de fala que lhes foi dado, tendo em vista que, até o momento, esses sujeitos eram silenciados e socialmente invisíveis. Isto é, uma sensação de inquietação dos participantes por estarem em um lugar de fala e de escuta. Sentimento que, no transcorrer da entrevista, foi se transformando e dando espaço para a alegria e o prazer de dizer a sua palavra, a

sua opinião, seus sentimento, significados e ensinamentos.

6.3 Oficina de dança: redes e transformações

Prosseguindo nossa análise de conteúdo, construímos a categoria Redes e transformações, a qual nos trouxe informações que permitiram identificar como e de que maneira se deu o ingresso desses idosos na Oficina de Dança, como um Projeto Social, oferecido pelo poder público municipal. Intencionalidade que busca compreender de qual maneira esses sujeitos chegaram até a atividade, ou seja, entender como houve a troca de informação que os levou até o serviço do CRAS.

Para o nosso conhecimento, a mobilização se deu pelo “boca-boca” de amigos, conhecidos, ou de profissionais do serviço municipal do CRAS, ou através das Unidades Básicas de Saúde, como mostram as respostas a seguir:

*As gurias do **CRAS** que me **convidaram** para ir junto assistir se eu gostava ou não gostava. Eu fui indo e agora tô aí faz tempo (D1.CX).*

*As gurias do **CRAS**, elas até **foram lá em casa** para fazer a inscrição (D3.CX).*

*[...] eu já tenho problema de depressão e daí sim fiquei mais mal ainda, tava me tratando no **postinho**, aí a Dra., a **Dra.** me encaminhou para a **psicóloga** ali mesmo e a psicóloga que pediu pra mim ir no **CRAS** que tinha as oficinas lá e que ia ser bom pra mim. Aí foi aonde eu comecei a ir e me senti melhor, meu Deus do jeito que eu tava sabe eu tô bem graças a Deus. Foi muito bom. (D5.CY).*

*Uma **vizinha**, iam em 3 ou 4 só e me convidaram pra ir também. Ela disse para eu ir na URI, mas, na URI era longe e na segunda e na segunda eu não podia porque eu trabalhava (D7.CY).*

*Porque eu participava no **CAPS** por causa do meu filho, e lá eles falaram que eu tinha direito de sacolas básicas porque eu perdi tudo, só a dignidade não, e me passaram pro **CRAS**. Ali eu comecei, aí me **convidaram** pra participar desse curso e eu amei, eu adorei. Fui convidada até pra ser candidata de rainha então (D9.CZ).*

*Eu fui numa **reunião do posto de saúde** do meu bairro e uma **senhora** tava lá e disse que o **CRAS** do Linho tinha esse tipo de atividade, que tinha ônibus, lanche, para fazer exercício (D11.CZ).*

Redes dialógicas que possibilitaram a chegada desses idosos até a Oficina de Dança, e assim, permitiram a construção de um coletivo de idosos que, unidos pela prática corporal da dança, puderam se reencontrar e transformar suas vidas. Ainda, fica claro a importância do poder público nesses casos, tendo em vista que houve uma aproximação e uma preocupação dos serviços públicos com a reinserção e inclusão social de pessoas idosas.

Atitude pública que age de modo a atender as exigências e legislações vigentes, com

relação a proteção do idoso, pois, de acordo com o EI, é dever do Estado “[...]garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade” (Lei nº10 741/2003, artigo n. 90º). Assim, como é sua obrigação “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade” (Lei nº 8 842, artigo n. 10º, VII, item e).

Perspectiva que aponta para o fato de as políticas públicas serem o reflexo do Estado em ação (SOUZA, 2016. HÖFLING, 2001). Isto é, o fato da aproximação, do diálogo e do convite para participar da Oficina de Dança é uma intervenção do poder público, como uma ação de busca ativa por sujeitos vulneráveis que necessitam desse atendimento. E, portanto, caracterizando o Estado em ação, como órgão garantidor da vida.

Redes dialógicas que se construíram, também, através dos primeiros participantes da Oficina, os quais se identificaram com o espaço e o compartilharam com demais conhecidos. Relação que se intensificou a partir do momento em que passamos a ter vivências socioculturais, em diferentes contextos da cidade. Vivências que levaram ao aumento gradual do número de participantes, principalmente do CRAS X, no qual tínhamos maior dificuldade de adesão ao grupo, em virtude do local estar localizado em um bairro de maior vulnerabilidade social.

Portando, as redes de diálogo, construídas entre amigos e serviços públicos, permitiu que sujeitos vulneráveis tivessem acesso a um lugar social, no qual pudessem ser parte desse lugar e se sentissem sujeitos reinseridos no contexto social. Isso porque, através desse espaço social, é possível, não só dançar, mas sentir, falar, lembrar, conviver e pertencer. Dessa forma, reinserindo sujeitos excluídos por uma sociedade gerontofóbica, que silencia corpos idosos.

Dando continuidade à análise, dessa categoria, questionamos os entrevistados quanto à existência, ou não, de transformações de vida, as quais estariam ligadas a ideia de como os sujeitos se sentiam antes e após o ingresso nessa oficina.

*Houve **sim**, porque eu parava em casa só **fechada**, eu tava com uma **depressão**, eu fechava tudo a casa ficava fechada o dia inteiro. Daí começaram as **gurias** me **convidar** pra eu ir, um dia eu ia, um dia não ia, mas comecei a ir e **mudou** bastante **minha vida**. E se eu ficar só em casa, eu fico só deitada, ou se não só comendo, daí não dá. Foi **mais do que bom** e é só em último caso pra eu falhar. (D1.CX).*

*Eu **mudei um pouquinho**, um pouquinho só. Mudei, mais correria, mais festa, me deixou **mais feliz**. Quando falta isso parece é mal imotivo. É **bom conversar** com gente mais estranha assim. (D2.CX).*

***Mudou muito**, eu era muito **gorda** já me empareiei. Sai se **distraia** (D3.CX).*

*Sim, depois que eu assisti aquelas palestras eu mudei meu **comportamento**, porque até ali eu era assim por exemplo, se me cobrassem alguma coisa que eu deixei mal feita, tipo eu deixei a luz acesa. (D4.CX).*

*Muito. Muitos **desafios** eu já digo porque ir se apresentar que nem a gente foi ali no 25 eu nunca imaginei de ir lá **eu e fazer uma apresentação** para o público, foi um **desafio**. Teve transformações (D5.CY).*

*Com certeza. **Tudo de bom, alegria de tá com as pessoas, soltar o corpo** que primeira aula contigo eu achei que não ia pra frente, tu tava lá e eu tava aqui não sai do lugar, agora meu Deus do céu (D6.CY).*

*Teve, porque eu tinha bastante problema de coluna, gravíssimo, e essas **aulas me ajudaram muito**, muito, muito (D7.CY).*

*Muito, muito, muito, eu não quero me queixar da vida, mas **no interior não tinha essas coisas**, no interior não tinha, **só trabalhar** (D8.CY).*

***Tudo**, eu sou outra pessoa, é difícil eu sentir tristeza, ficar nervosa. **mudou completamente pra melhor**, eu sei até lidar na internet (D9.CZ).*

*Deus o livre, eu que te digo, muitas vezes eu chego em casa e até me pergunto se eu não ultrapassei as brincadeiras, porque bastante as vez apimentada, mas é **muito bom**, quando **eu volto pra casa eu volto outra pessoa**, as vezes venho aqui assim sabe, meio cansada não de física, mas de ideia, sabe tu sempre tem problema, mas quando chego em casa sou outra pessoa. Eu não desisto tão fácil não, ao menos que parem (D10.CZ).*

*No **começo eu me sentia assim**, tinha pessoa bem mais velha, eu era quase o mais novo até eu disse bah o que tô fazendo aqui, mas é **tudo de bom**, vale a pena (D11.CZ).*

***Houve, mais disposto, mais alegre** (D12.CZ).*

A partir dos trechos acima, podemos perceber que, de forma unânime entre os entrevistados, a oficina de Dança, de alguma forma, transformou suas vidas. Dos 12 (doze) entrevistados, nos três CRAS, foi possível observar que as repostas se encaminharam para o mesmo sentindo, de que houve, sim, transformações após as aulas de dança. Dessas, identificamos que, para além dos benefícios físicos, a oficina proporciona oportunidades de sociabilidade, inclusão social, convivência, cultura, lazer, alegria e diversão.

Transformações que, de alguma forma, impactaram esses idosos, fazendo com que se sentissem mais dispostos, independentes e ativos, diante do processo de envelhecer, bem como, diante das dificuldades pessoais. Através das expressões e dos silêncios, durante a entrevista, foi possível identificar que muitos dos idosos encontraram bem como nesse espaço de dança, um espaço de inserção e participação social, um espaço de voz e vez, um espaço de acolhimento.

Acolhimento que zela, cuida, e proporciona momentos de diversão, de afeto e inclusão bem como, através da linguagem corporal, têm se colocado como potenciais instrumentos de

modificação na vida dos sujeitos maduros.

6. 4 Contextos e sentimentos: a dança como um espaço de acolhimento e boas experiências

Contextos e sentimentos foi a categoria de análise construída para tratar de discutir os aspectos relacionados a como os sujeitos se sentiam e se sentem, a partir do ingresso na Oficina de Dança. Tendo em vista que, a partir dos relatos dos entrevistados, percebemos que a dança tem exercido a função de facilitador para o desenvolvimento de um espaço que acolhe e promove boas experiências. Condição que coloca a dança como um instrumento capaz de modificar a vida de sujeitos idosos, a partir do momento que acolhe e dá lugar social a esses sujeitos.

*O que eu sentia antes, era **triste**, pra baixo, **quieta, sozinha**, só **pensando o que não prestava** porque isso vem tudo na cabeça da gente. Depois que eu comecei a frequentar essas oficinas **foi uma beleza**, mudou 100% a pessoa que eu era e a pessoa que eu sou. **Me sinto bem** graças a Deus, bem mesmo (D1.CX)*

*Hoje me sinto **mais feliz**. (D2.CX).*

*Antes eu trabalhava na rua, cuidava os varredor de rua, trabalhei um tempo na prefeitura, 18 anos, 18 anos não é 18 dias, levantava de madrugada ia lá fazia um café, tomava um cafezinho depois pegava os carrinhos e a vassoura e ia varrer. Eu trabalhei nessa cidade e conhecia rua por rua, depois a gente começou ali no CRAS. **Me sinto bem, gosto de vim**, acho falta os dias que não tem (D3.CX).*

*Bom eu sinto assim que como eu sempre fui uma pessoa que conservei amizade com as pessoas tenho **pegado mais amizade** com as pessoas, eu sempre procuro fazer amizades. Olha que fala do pessoal do Progresso ali é perigoso, mas isso é em toda parte, mas tem gente boa ali. Essa **convivência** (D4.CX).*

*Meu Deus, eu me sentia **muito mal**, que eu tava **bem ruim** mesmo, agora meu Deus, **tô 100%**. Venho, não faltou mesmo, adoro vir. **Fico mais feliz**, mais **animada**, mais **contente**, mais **disposta**, eu **não saía nem caminhar agora saio** lá de casa até o postinho, porque o fato de **sai de casa já é um desafio**. E tudo é um aprendizado o que a **gente aprende muito**, com essas palestras foi **muito bom**, coisas que a gente não sabia tipo o que a gente tem direito, tudo foi **muito bom** (D5.CY).*

*Eu sempre fui uma **pessoa alegre**, pra dizer a verdade **brincalhona e alegre**. Agora me **sinto mais feliz** ainda, **realizada** do que eu gosto (D6.CY).*

*Agora muito, **muito bem**, não vejo a hora que chegue quinta-feira pra gente vim, e **antes** a gente fazia outras coisas, **só trabalhava**, trabalhava e trabalhava, hoje não, dá para tirar umas horas pra gente sair e vir e **ver vocês e aproveitar** (D7.CY).*

*Vou ser franca e branca, quando me disseram que vai ter uma oficina de dança, porque meu marido tinha **falecido**, e minha filha sempre me cobrava, mãe vai nas caminhadas, eu disse pra ela que ia começar uma oficina nas quartas de como dan-*

*çar, e ela disse porque a mãe não vai, eu disse ah eu não sei. Daí eu não fui, ela me ligou de novo, e pediu porque eu não fui, eu disse não faz nem um ano que o pai faleceu e eu vou tá lá dançando, e ela disse isso é uma atividade pra mãe, a mãe sempre gostava de dançar. Só que o pai, realmente nunca dancei com o meu marido. E eu vim e **não me arrependi**, eu não vejo a hora que vem quarta de manhã e quinta, eu deixo tudo, **esqueço os problemas** (D8.CY).*

*Antes eu era um pouco **triste, depressiva, bastante depressiva**, por causa do meu filho, minha **família praticamente me abandonou**, eu sentia um pouco de **tristeza**. Mas quando eu entrei ali no CRAS que eu comecei a participar e ir nos matines daí a coisa **melhorou**, comecei a **conseguir mais amigos**, pessoas assim que **apoiaram** bastante, ali no CRAS me apoiaram sempre, sempre. Tô **bem mais melhor, sou outra pessoa**. (D9.CZ).*

*Eu antes, pra te dizer a verdade eu já procurei outros lugares que eu poderia me exercitar, que eu poderia, eu cheguei a frequentar um grupo assim, aonde que tinha psicóloga o que, assim como eu não consigo (**dinheiro**), eu parei e aqui em contínuo. Me **sinto muito bem**, muito, muito, sou bastante **depressiva** sabe e daí um dia tu entra numa depressão e tu vem aqui no outro dia tu **esquece já**. A mente em primeiro lugar né! (D10.CZ)*

*Antes de eu entrar nessa oficina eu **ficava em casa**, deixava tudo pra traz - Ahh deixa pra fazer depois. E depois que eu vim pra cá eu comecei a fazer mais **exercício e tô reagindo** porque eu fiz cirurgia de coluna era pra eu tar de cadeira de roda e o médico conseguiu, mas eu tenho dores fortes, tomo remédio pra aguentar a dor. E a dor é mais forte que o sono, eu **durmo muito pouco**. (D11.CZ).*

*Eu tava sempre **triste**, a gente **não tinha com quem conversar**, minha mãe ela não consegue mais, a gente fica **triste, duro, travado, fica sentado**, levanta numa cadeira senta na outra. Ahh, hoje me **sinto bem mais disposto**, com **vontade** caminhar, de trabalhar de fazer trabalho assim sabe (D12.CZ).*

Os relatos dos entrevistados convergiram ao ponto em que todos os participantes expuseram uma sensação de melhora, após o ingresso na Oficina, seja porque se sentiam mais felizes, motivados, dispostos; ou pelas atividades propostas, pelas amizades, pelo próprio ambiente. Condições que ressignificam contextos e sentimentos na vida de sujeitos em maturação, pois oferecem estímulos que lhes colocam como cidadãos ativos, participantes e independentes.

As percepções relatadas, antes do ingresso na Oficina de Dança, demonstraram um passado de angústia e tristeza, o qual representa uma relação de mal-estar, que, por alguns participantes, foi explicada pelos quadros de solidão, depressão e isolamento. Questões decorrentes de um contexto social excludente, que coloca as pessoas idosas em condições vulneráveis, representadas pelo olhar gerontofóbico que as retrata como inúteis e, então, as exclui da sociedade, levando-as a solidão e a tristeza.

Relações que colocam os sujeitos idosos como corpos descartáveis. Corpos que, de acordo com Aguiar, Santo e Silva (2013), são rejeitados pela sociedade e pela própria família, suprimindo-os a autonomia de serem sujeitos ativos. Ainda, esse mal-estar, relacionado as

vozes idosas dessa pesquisa, vai ao encontro daquilo que Carolino, Soares e Cândido (2011) colocam em seu estudo, como a negação da participação social do idoso nas relações interpessoais, desintegra, ao ponto de fazê-lo perder sua posição social.

No entanto, após o ingresso nesta Oficina, tem-se o fenômeno de reinserção social, modificando hábitos de vida que contribuem significativamente para uma vida melhor, mais ativa e independente, quando tratamos de sujeitos em envelhecimento. De acordo com Castro et al. (2009), isso tem relação com o engajamento do idoso com o programa de atividade física, o qual contribuiu para a minimização do sofrimento psíquico, oferecendo oportunidades de envolvimento psicossocial e elevação da autoestima.

Além disso, essas atividades, como promotoras de uma vida melhor, são direitos exigidos pelo PNI (1994) e pelo EI (2003). Direitos que, no decorrer da análise, foram identificados, através das possibilidades do direito à vida, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à convivência, à liberdade e à cidadania. Logo, a dança, como um espaço de transformação, garante um conjunto de medidas para o bem-estar e exercício da cidadania dos idosos (KÜCHEMANN, 2012).

Ainda, os achados da entrevista nos permitem ir ao encontro das percepções Salmazo-Silva (2012), de que a inserção dos idosos nesses programas facilita as relações interpessoais e intrapessoais, aumenta a participação social, o exercício da cidadania e os vínculos. Condições que são facilitadas devido a dança ser uma prática corporal coletiva e alegre, que leva a ganhos significativos para a saúde física, mental e social (FORTE, 2008. LAGO, 2005. GIL et al., 2015. VARREGOSO, 2007. SILVA; NITSCHKE; SANTOS 2018. NUNES, 2015. GARCIA; GARROS, 2017).

Dando sequência a investigação sobre Contextos e sentimentos, buscamos ampliar as compreensões, retomando voltando uma das questões para a relação do sujeito com o coletivo. E então, ao questionámo-los a respeito de suas percepções sobre o grupo e como ele, sujeito integrante, se sentia naquele grupo.

*Eu me sinto **pertencida** ao grupo, uma que **eu** também **sou** do **grupo** e eu **gosto**. (D1.CX).*

*Eu me **sinto feliz, contente** a gente **aprende** melhor, não faltando é a conta, se falta depois não sabe o que fazer, os outros sabem as coisa e a gente não sabe. mesmo que tu aprender a fazer uma comida, uma massa, não sabe a quantia (D3.CX).*

*Eu me sinto **bem**, porque todo mundo **trata bem** a gente e eu tento tratar bem todos porque se tivesse alguém olhando meio de enviesado daí eu fora (D4.CX).*

*Eu acho **ótimo**, me sinto **bem**, me sinto **feliz**. e as **palestras** falam muito de **aceitar** as pessoas do jeito que são porque muitas vezes a gente acha que não, que tem que ser*

do jeito que a gente quer (D5.CY).

*Me sinto **bem**, é uma **amizade**, uma **família** porque a gente chega no grupo, na aula de ontem, o professor pede cada vez que a gente chega o não fique conversando assunto triste, mas não da aquele intervalo e começa pe pe pe, ele disse entrou na porta e esquece as coisas triste né. Deu intervalo da música e da duas lá, por isso por aquilo no fim vira em **risada** toda vez ele fala isso e não adianta. Sim a gente quer **compartilhar**, **conta** uma coisa ela **conta** outra (D6.CY).*

*Eu acho **maravilhoso** e me **sinto bem**. É muito **bom** (D7.CY)*

*Acho que é um grupo **muito bom**, porque eu falo pra todo mundo, se perguntam aonde tu vai eu digo “Ah eu vou no nosso grupo lá no grupo de dança lá é **muito bom**”. Porque tem gente que não acredita que isso **acontece**, mas é só ver pra crer né. Mas eu me **sinto muito bem**, muito, muito, muito, muito **acolhida**, eu **não deixo de vir** (D9.CZ).*

*Muito **bem**, me **faz uma falta**, e não sei se eu assim, todo mundo me pergunta, por que não veio, porque não veio, é sinal que a **convivência** é uma **família**. Muitas vezes a **família**, **família não é tão importante** como o **grupo** (D10.CZ).*

*Muito **bem**, me sinto com **alegria** em vir no **grupo** (D12.CZ).*

Diante dos destaques apresentados, ficou evidente que a Oficina de Dança está para além do sentido de ser “apenas uma oficina ocupacional de dança”, pois tem se colocado como um espaço de inserção e inclusão social de sujeitos idosos. Reconfigurando suas vidas, proporcionando-lhes novas possibilidades, de um envelhecimento mais acolhedor e divertido, através da dança.

Aspectos que se tornaram visíveis com o passar dos meses, visto que, percebeu-se uma maior interação entre os participantes, o afeto, o respeito e a alegria em poder fazer parte desse grupo. Ainda, identificamos que a sensação de bem-estar e pertencimento levou a uma maior procura da atividade. Não somente isso, os contextos e sentimentos a tornaram tão relevante que a infrequência dos inscritos era baixíssima.

Questões que ratificam a importância de espaços sociais à população mais velha que, excluída, necessita de programas e atividades que forneçam subsídios capazes de promover a (re)construção social do idoso, como um indivíduo ativo, autônomo, saudável, emancipado e independente. Aspecto que, para Leite et al. (2012), é de extrema relevância, pois permite a interação, o diálogo, as amizades e os vínculos que melhoram a qualidade de vida.

Por esses motivos, podemos colocar a Oficina de Dança como um instrumento de modificação de realidades sociais, no sentido em que permite a construção de um espaço social de acolhimento, afeto, sociabilidade e aproximação dos pares. Isso porque, para Garcia e Garros (2017), a dança é uma prática que melhora as capacidades cognitivas e emocionais, fortalecendo as relações pessoais e de socialização, que estimulam a independência das atividades

diárias e das redes de apoio.

Assim, descaracterizando-a de um espaço apenas de lazer e prática corporal, como muitas vezes é classificada, e reafirmando-a como um espaço que contribui para modificação das realidades de vida, de sujeitos excluídos pelo meio. Modificações interligadas ao bem-estar, ao acolhimento e ao pertencimento dos idosos vulneráveis.

6. 5 Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências

A construção da categoria de análise “Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências”, talvez seja uma das mais importantes categorias a serem discutidas, tendo em vista que, através dela, podemos identificar aspectos relacionados as questões socioculturais e vivências. Logo, a Oficina apresenta intencionalidades que vão da construção de um espaço de convivência, até à Educação para a cidadania.

Intencionalidades que, de modo intrínseco, colocam a oficina de dança como um espaço de educação não formal, visto que ela segue as concepções de Gohn (2010) e Gadotti(2005), a partir do momento que se coloca como flexível, menos hierárquica, com duração variável, contribuindo para a integração entre direitos humanos e educação. Ademais, esse contexto de formação de sujeitos é utilizado como um artifício, que busca conferir sentidos e significações às ações humanas (GOHN, 2006).

Aspectos que podem ser identificados, diretamente ou indiretamente, nas respostas obtidas na entrevista. Relatos que materializam a Oficina de Dança como um espaço formativo para a cidadania, a justiça social, os direitos sociais, políticos, culturais, da liberdade e igualdade.

*Teve, nós fomos se **apresentar** na FRINAPE, com todo grupo, fomos lá apresenta. Fomos no 25 de julho **apresentar** também. Pra nós isso é como um **aprendizado**, nunca tivemos antes nada, agora que tamo tendo isso aí. Agora depois de **velha**, de mais velha que pude ter esses **aprendizados** (D1.CX).*

*Eu morava no interior, na colônia, **conhecia male mal** os passarinho e galinha, boi, trigo, feijão e arroz, ervilha e mais outras coisas. **Eu não conhecia nada aqui**, fomos no mato da comissão, no Ypiranga (D2.CX).*

*Óia, esse grupo aí é bom que a **gente sai**, se **diverte**, **proseia** com as pessoas dos **outros grupos** que tem gente conhecida ou outros que sou estranho. Nós fomos **dançar na praça** (D3.CX).*

*Sim aqui, depois que tenho vindo aqui fomos no **evento** do dia dos gaúcho no Sentinela. As **palestras** eu gosto (D4.CY).*

***Palestras** no 25, ou lá mesmo no CRAS. Tem uma **integração** do grupo, **interagimos**, isso é muito bom (D5.CY).*

Claro tive **oportunidade** de participar em **eventos**, nossa, 25 de julho eu me apresentar no 25 de julho é uma grande coisa né, quer melhor que isso? A gente está sempre junto, **conversa espontânea**, ninguém fechado, **amizade**, **conhecimento** (D6.CY).

Muito bom, a gente **aprendeu** muita coisa, fizemos diversos **encontros**, **palestras**, tudo muito bom. Várias **palestras** que eu **nunca tinha ido**, ou que **nem era convidado** e agora a gente é e vai **participa** (D7.CY).

Aprendi muito, muito, eu falei esses dias, eu queria ter agora os meus 45, 50 anos, mais não, o que tem de coisa boa, e não as maldade, porque tem as maldades que a gente pode aprender e também as coisas boas, mas aqui a gente **aprende** só as **coisas boas**. Eu sempre quis **apresentar**, mas meu marido dizia que eu não era pra essas coisas, e eu deixei muita coisa de lado. Quando nós tivemos a **apresentação** no 25 julho eu não me apresentei porque eu não me sentia bem, eu **não tinha coragem**, francamente, eu não sei o porquê eu fiquei assim, sempre pensava assim faz dois anos que o marido dela faleceu e ela tá lá se apresentando no 25 de julho. (D8.CY).

Sim, fomos se **apresentar** quantas vezes, isso aí é uma **alegria**, um **prazer** pra gente, muito bom, **ótimo**, **maravilhoso**. a gente **aprende** muita coisa, sinceramente a gente aprende muito, aprende até a **conviver** com as pessoas. (D9.CZ).

Meu Deus do céu, quando eu conto pras minhas amigas, que eu tenho amigas de anos né, que a gente se **apresentou**, que nos fomos no 25, que nós se **apresentemos**, as pessoas ficam assim, tem gente que já quer vir junto né. Eu acho **maravilhoso**, nunca pensei que eu ia conseguir dizer assim que eu me **apresentei** por mais simples que seja é **maravilhoso**. Tu sai de lá assim parece que eu vivi um **sonho**, até porque jamais eu imaginei que eu ia me **apresentar** em algum lugar (D10.CZ).

Eu sempre digo assim, eu não entro num lugar pra fazer só um número, eu entro pra **somar**. Eu quero sempre ser mais **útil** na equipe, eu não gosto de ficar esperando. E aqui tem **parceria**, chega e um diz bom dia o outro bom dia, então você se **sente em casa**, você não vê ninguém de mau humor, ninguém te tratando mal. Eu acho que o dia que eu vim aqui e as pessoas me tratarem mal eu vou sair, mas até agora não achei motivo nenhum pra sair, eu **gosto de estar aqui** na segunda (D11.CZ).

Teve **aprendizado**, eu não sabia dança, só dançava valsa e bandinha, **aprendi** a dança vanerão a rancheira (D12.CZ).

Os aprendizados, observados nas respostas dos participantes, deram-se de diferentes maneiras, mas, de alguma forma, todos puderam conhecer novos espaços; participar de atividades, que não tinham acesso; e, inclusive, ter novas experiências e vivências, mesmo já tendo vivido muitos anos. Questões que, indiretamente, estão relacionadas ao contexto histórico e econômico em que esses sujeitos cresceram, sendo eles de regiões rurais, longe dos grandes centros urbanos e, geralmente, de baixo desenvolvimento econômico.

Características que explicam a alegria e a satisfação de participar no Festival de Dança da cidade, realizado no Centro Cultural 25 de Julho. A sensação e a energia, extravasada pela oportunidade de subir no palco, compartilhá-lo com grupos renomados e receber certificação por isso. Sensação que envolve o estranhamento e a euforia de conhecer um espaço cultural de distinção, dificultado para pessoas de baixa renda, com arquitetura diferenciada, poltronas

e tapetes vermelhos, camarins e crachás. Experiência socializadora que motivou, incluiu e marcou a vida desses idosos.

Experiência que abriu outras oportunidades de reconhecimento ao grupo, seja em aberturas de eventos, confraternizações da Assistência Social, gincanas, passeios culturais – na cidade ou em outras atividades, oferecidas ao grupo de dança. Vivências que, não apenas marcaram os sujeitos, mas lhes ofereceram (re)significados, trocas, aprendizados, socializações e reconhecimento social. Reconhecimento que veio junto da curiosidade, uma curiosidade daqueles que querem aprender, falar, ouvir, discutir e sentir as perdas, os ganhos, os problemas, as risadas, os lugares e os espaços.

Portanto, poder conhecer e compartilhar espaços – até então desconhecidos, da cidade em que moram –, participar de palestras e apresentações culturais foi uma forma de aprendizado. Além disso, os participantes da pesquisa identificam o bem-estar, no grupo, e a convivência, como aprendizados de crescimento pessoal, visto que, esse conjunto de atividades e experiências propiciam momentos de inserção social. Inserção que oferece condições de diálogo e vivências para sujeitos socialmente excluídos.

A partir dessas colocações e percepções, fica visível que a aprendizagem não é algo estanque, singular e fragmentado, que ela não tem idade, nem lugar específico para acontecer, mas, sim, é algo fluído, plural, coletivo, natural e que acontece em qualquer lugar. Por isso, as aprendizagens nos acompanham ao longo da vida, acontecendo de maneira constante, (re)significando experiências, conceitos, comportamentos e concepções de vida.

Assim, as respostas encontradas nos permitiram confirmar que, sim, a Oficina de Dança é um espaço de educação não formal, materializado através das intencionalidades, que resultaram em aprendizados, trocas e vivências. Condições que vão ao encontro das concepções da Gohn (2010, p.16), ao retratarem que a educação não formal é “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos”.

Relações de aprendizado que têm ligação direta com as possibilidades de participação e lugar de fala. Por isso, o direito de poder dizer a sua palavra nos levou a questionar os entrevistados, a respeito das condições de diálogo com os colegas, professores e colaboradores que, direta ou indiretamente, têm contato com os participantes da oficina.

*Tem que ter **amizade**, porque se vem um pra **valentia** e os outros pra se **divertir**, o que que adianta (D1.CX).*

*Sim tem **diálogo** esses dias tinha até a diretora, interna sabe, uma meio mandona sabe, percebe até o zelo pro próprio idoso, uma **proteção**, falei que eu só tenho de*

agradecer (D4.CY).

Muito bom, a gente tem bastante diálogo com o grupo, com os professores, assim, muito bom. (D5.CY).

E podemos conversar, pedir qualquer coisa para as professora, estão sempre prontas. (D7.CY).

Tem diálogo, as profes são muito atenciosas, eu nunca achei umas profes que me ajudaram tanto, me deram ânimo (D9.CZ).

O diálogo, 100%, eu sempre, sempre, e já tive que falar com a psicóloga e as outras profes do CRAS, sempre tive diálogo com elas (D10.CZ).

O pessoal daqui é show de bola, as monitora, as professora, as psicóloga, é um lugar que tu pode confiar e não vai ver ninguém mal-humorado te atendendo. (D11.CZ).

Tem diálogo, dá pra conversar, e se eu tenho alguma coisa pra conversar eu venho direto. (D12.CZ).

Ao tratarmos do diálogo, como um elemento de aprendizado em um contexto de educação não formal, percebemos que 8 participantes colocaram elementos positivos, relacionado ao contato com os sujeitos que, de alguma maneira, estão envolvidos na Oficina de Dança. Questões que remetem ao direito à cidadania, posto que, poder dizer sua palavra é um direito fundamental de todo e qualquer cidadão.

Com relação aos 4 participantes, que não definiram sua opinião, podemos subentender que houve incompreensão vocabular da questão. Ao longo da entrevista, ficou notório a dificuldade de entendimento vocabular, por parte de alguns entrevistados, que, ao desconhecerem determinadas palavras, sentiam-se inseguros para responder à questão. Estranhamento que, de certo modo é até opressor e remete a ideia da imposição da cultura do silêncio.

Por fim, a Oficina de Dança, como um espaço de inserção social de sujeitos excluídos, coloca-se como uma atividade intencional, que se apresenta como como um espaço de educação não formal. Espaço educativo que valoriza, reconhece, troca e promove aprendizados sociais e culturais a sujeitos que tiveram suas vidas interrompidas por motivações históricas, culturais e econômicas.

Aspectos que foram identificados a partir da importância que os entrevistados demonstraram, enfatizando a relevância das apresentações culturais, dos passeios, eventos e palestras, em suas vidas. Atividades, culturais e sociais, que são impactos socioculturais significativos na vida de idosos, participantes dessa oficina de dança. Impactos que inquietaram esses sujeitos, tirando-lhes do seu estado de conforto, apresentando a euforia do novo, do desconhecido.

Espaço educativo que oferece oportunidades de conhecer o desconhecido e experienciar o conhecido. Espaço que oferece oportunidades de convivência e interação, através da ocu-

pação de espaços. Espaço que oferece oportunidades que rompam com a cultura do silêncio, através do direito de poder dizer a sua palavra. Para Freire (1981, p.40-41), dizer a sua palavra é “[...]expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar”.

Espaço que é aprendido, inserção social, diálogos e vivências. Espaço que interage com e no mundo, oferecendo oportunidades de viver e sentir. Espaço que oferece condições de (re)construir um corpo-sujeito que seja consciente de si e do mundo. Um corpo consciente que sente, escreve, luta, ama, odeia, fala, sofre, morre e vive (FREIRE, 1985).

6. 6 Cidadania: (in)compreensões e oportunidades

Nossa última categoria, de análise construída, diz respeito à Cidadania: (in)compressões e oportunidades. Essa, considerada o ponto mais importante da pesquisa pois, buscou ouvir os entrevistados a respeito da cidadania e como essa Oficina de Dança pode interferir nesse processo. A relevância da categoria está posta, a partir do momento em que ela permite o entrelaçamento e a articulação das categorias, levando às respostas do problema de pesquisa.

A partir das concepções construídas, sobre o conceito de cidadania, questionamos os idosos a respeito da temática, para identificarmos as compreensões, significações e as relações de efeito da participação, na oficina de Dança, para a prática cidadã. Com o questionamento veio o silêncio do sim, o sim com sentimento de preocupação se a resposta estaria “certa ou não”. O sim, da insegurança e estranhamento, a respeito da palavra cidadania, a qual, para muitos, sequer fazia sentido algum.

Mesmo mediante exemplificações, sobre o que seria o exercício da cidadania, ainda ficou nítido o estranhamento e a insegurança com a palavra, o que, por si só, representa as (in)compreensões acerca dos direitos e deveres do sujeito, como o um ser independente e ativo, diante a vida em sociedade. Considerações que podem ser percebidas nos trechos abaixo:

Sim, tem mais confiança. A gente faz mais amizade com as pessoas, porque é bom a gente conversa, faz brincadeira, é bom mesmo porque a gente é unido, por a gente ser do grupo (D1.CX).

Sim, eu gosto, eu sempre peço pra Maria que dia que é o movimento ali pelo CEU, ali. (D2.CX).

Sim. A gente faz as coisas assim, faz uma mão, se a gente não sabe pede pra professora, mesmo que ir no colégio aprender o a e i o u (D3.CX).

Sim, pra mim melhorou sim. Claro que as vezes eu esqueço algumas coisas, gosto de leitura, mas a vista não ajuda. Gosto de saber de leis. (D4.CX).

*Sim. É que antes a gente só **fica em casa**, ali só em função da **casa** e deu, assim a gente tem **oportunidades** de **conhecer pessoas**, ir se **apresentar**, coisa que nunca imaginei que fosse né (D5.CY).*

*Eu acho, importante **sim**, **muda** porque o meu diploma de participação do festival da dança eu já passei pra minha sobrinha pra tudo, todo mundo sabe que a tia tá dançando, é legal. Porque a gente acha assim que o 25 de julho foi sempre pra **classe alta**, essa **oportunidade** imagina nosso grupo, na verdade o que é o 25 de julho a participar das danças de renome, a gente nunca, um grupo de **bairro** nossa isso aí (D6.CY).*

*Tem, porque me sinto mais **ativa**, **confiante** (D7.CY).*

*Sim, mais **ativa**, eu por exemplo, se preciso ir lá no centro e vou, se não sei aonde que é eu peço pras pessoas, mas tem que saber pra quem pedir né. Geralmente era tudo ele quem fazia, eu não sabia fazer nada, tive que **reaprender** (D8.CY).*

*Foi **importante sim**, porque se **apresentar** no 25 de julho quando que a gente foi, e a gente foi **convidada** até pra ir pra Marcelino **participar** do grupo de jovens (tradicionalista). (D9.CZ).*

***Muito**, muito, muito, como por exemplo, no dia da nossa **apresentação**, na cidade aonde eu nasci até de lá me ligaram (nossa vocês estavam), aí eu até disse pra minha filha, nossa que que é isso parece que é só uma **apresentação**, mas em vez não, **repercutiu**. (D10.CZ).*

*Sim, eu **conheci** bastante pessoas que eu não conhecia (D11.CZ).*

*Tem, a gente fica mais **confiante**, **aprende** outras **atividades diferente**, **participa** em outros **lugares**. (D12.CZ).*

Os grifos, dos trechos acima, levaram-nos a um resumo dessa categoria, o qual foi construído a partir das palavras: convívio e inserção social, motivação, aprendizados, lazer, bem-estar, saúde e oportunidades. Resumo, que na análise de conteúdo, levou-nos a identificar as (in)compreensões a partir do momento em que percebemos o estranhamento com a palavra, também percebemos a aproximação gerada, através dos entendimentos de mundo.

Isso porque, ao identificarmos a cidadania como uma condição social, desdobrada a partir dos direitos civis, políticos e sociais (CERQUIER-MANZINI, 2010. CARVALHO, 2018), percebemos que os participantes têm, minimamente, entendimento disso. Entendimento que está desarticulado com os significados da palavra cidadania, mas ao mesmo tempo, articulado as condições que os levam para o exercício da cidadania.

Podemos ressaltar as compressões acerca do conceito, quando os idosos relacionam a cidadania as boas práticas que a Oficina de Dança proporcionou as suas vidas, como, por exemplo, os aprendizados, as oportunidades, a convivência, as questões de estado de bem-estar (confiança, disposição, alegria). Aspectos que colocam os participantes, dessa atividade, como cidadãos ativos, pois, de acordo com Rivas (2007, apud GORCZEWSKI; MARTIN,

2011), isso, representa uma condição social, que permite o indivíduo participar das oportunidades da vida.

Condição que aproxima os sujeitos da garantia dos seus direitos, posto que, essa atividade oferece oportunidades baseadas nos princípios do direito civil e social. Em diálogo com Carvalho (2018), podemos identificar a oficina como uma representação do direito social, na medida em que busca oferecer o bem-estar para todos, reduzindo as desigualdades. Ainda, de acordo com o autor, essa atividade também representa o direito civil, ao prezar pelo direito à vida (CARVALHO, 2018).

Portando, a partir das reflexões acima, identificamos dois aspectos fundamentais para a pesquisa: a oficina é um espaço de direito civil e social; e os participantes, de maneira indireta, reconhecem o que é ser cidadão. Relações que impactam, de modo significativo, na vida dos sujeitos idosos dessa pesquisa pois, proporcionam condições que estimulam a formação cidadã, no sentido da construção de um sujeito consciente de si e do mundo.

Quanto as incompreensões sobre cidadania, trazemos, não somente, o fato do receio, e da incerteza vocabular, mas também, as percepções do diário de campo e dos questionários, que nos mostraram os silêncios e acomodações, referentes ao poder exigir os seus direitos, através da palavra. Questões que têm relação direta com ausência de pensamento crítico, geralmente associado a baixa apropriação cultural, e, também, pelo desconhecimento daquilo que lhes é direito.

Incompreensão, também identificada, quando, no questionário, perguntamos quais outras atividades (políticas públicas) os participantes gostariam de ter acesso, e as respostas vieram, apenas, após os estímulos da pesquisadora. Estímulos exigidos porque percebeu-se um desconforto e, até um receio, da ideia de pedir algo para alguém. Situação que pode ter sido influenciada pelo fato da pesquisadora ser a professora da Oficina de Dança.

Silenciamentos que também podem ser entendidos como incompreensões do direito à cidadania, visto que, com o passar do tempo, ficou nítido o estranhamento dos idosos em poder se expressar, escutar, falar, sentir, brincar, rir, reclamar e exigir. Condição que para muitos não era comum, tendo em vista a origem tradicional que os educou e privou, ensinando apenas a trabalhar, sem questionar ou discordar dos donos dos meios de produção.

Para finalizar, a categoria sobre cidadania e suas (in)compressões e oportunidades, trazemos as colocações dos entrevistados, a respeito da importância que essa atividade tem desempenhado em suas vidas. Com isso, podemos identificar que esta experiência, de prática corporal da dança, ofereceu condições de superação das dificuldades de vida, acolhimento, aprendizado; e, principalmente, forneceu condições de inclusão social, de sujeitos idosos em

condições de vulnerabilidade social.

Para eles, a importância da atividade pode estar ligada a momentos de lazer, de inserção, bem-estar, saúde física e mental, autoconhecimento, diversão, convivência e, pelo simples fato, de poder falar e existir num espaço social. Importância que ratifica a compreensão indireta a respeito do exercício da cidadania, visto que, os aspectos citados são materializações que representam uma cidadania ativa, através de um corpo-consciente que sente e vive esse espaço social.

Os trechos, abaixo, trazem os grifos que conferem a importância dada a essa atividade, na vida dos sujeitos entrevistados:

*Importante porque a gente **sai de casa**, se **espairece** com os outros **companheiros** que tem no grupo né, e tira muita besteira da cabeça da gente. Porque se a gente tá em **casa**, eu sou uma pessoa assim que penso o que **não presta**, e pra mim não é bom, o médico mesmo disse que **eu não posso ficar em casa** que eu tenho que sair por causa da **depressão**. É **importante** mesmo, pra pessoa que não vem e vim algum dia, vai ver como é **bom** isso aí. (D1.CX).*

*Se **divertir**, de **falar** com a gente, mais **confortável**. (D2.CX).*

*Eu acho **bom**, não é ruim, é fácil, qualquer coisa que explica a gente já sabe fazer. (D3.CX).*

*É uma velhice **contente** porque de qualquer maneira quando se anda **triste** eu tento curar o máximo, **rindo** de manhã, eu me **sinto bem** mesmo. Eu sempre tô pensando que tal dia tem tal coisa, eu me **sinto bem**, e sei de tudo que tão fazendo por mim, por tudo que seja já é o máximo, eu tenho que agradecer, eles tão me dando valor (D4.CX).*

*Pra **saúde**, eu tenho problema de coluna, então esses alongamentos essas danças fazem **muito bem**. É muito importante (D5.CY).*

*Pra **saúde**, **espiritual corporal** tudo, é muito importante (D6.CY).*

*Porque tu **move a cabeça**, **corpo** e se **encontra** com as pessoas, tudo, acho que é uma coisa que você pode se **encontrar** com as **pessoas**, a **cabeça** age mais fácil, é um **conjunto** de coisas **boas** para o **corpo** e para **mente** (D7.CY).*

*Eu acho que essas **oportunidades** agora, isso vem, surge da prefeitura, dos idosos porque a gente não se mexe, eu acho ne **legal**, legal, legal. É muito importante, porque tem pessoas que dizem eu não vou lá porque dançar é pecado, não dançar não é pecado só tem que saber como dançar. Isso **renova** as **pessoas**. (D8.CY).*

*Porque é mais **divertido**, porque minha vida foi bastante **difícil** quando casei, vim trabalhar na cidade antes de casa, depois casei comecei a ter os filhos, e a gente não tinha experiência porque os pais da gente não tinham experiência, então era só faze **filho** e **trabalha**, **trabalha**, **trabalha**. Depois que ele se foi, porque eu **sofri** muito, ele bebia, batia nas crianças e eu ia socorrer as crianças, eu apanhava junto. Quando as pessoas falam pra eu me separar, eu dizia, mas eu tenho meus filhos eu tenho que pensar nos filhos não tenho que pensar em mim, eu tinha que pensar nas crianças. E essa atividades, **nem tinha**, eu **não saia pra lugar nenhum**, **não tinha tempo**, só **trabalhar** porque fiquei viúva tinha que dar de comida, colégio e tudo (D9.CZ).*

*É uma **oportunidade**, uma **oportunidade** que eu jamais imaginei ter um dia, nós temos o grupo de idosos, mas não é a mesma coisa que aqui, aqui a gente **dá tudo de si**, eu acho cansado, **canso** aqui, mas é **muito bom** e a **saúde** agradece (D10.CZ).*

*É um meio de **sair** de **casa**, de **não** ficar lá **sentado** sem fazer nada, tu já sabe que aquele dia tu vai ter aquele compromisso que tu vai **ir** se **encontrar** com teus **amigos**, vamos **dançar**, **brincar**, **pular**, isso aí é show de bola. E eu me sinto **útil** aqui. (D11.CZ).*

*Atividade que ocupa **cabeça**, a gente vê uma **conversa** diferente, alguma **conversa** me ajuda (D12.CZ).*

De acordo com os aspectos apresentados nessa categoria, os entrevistados relataram elementos que nos remetem, também, ao impacto sociocultural que uma oficina de dança, mesmo que semanal, pode provocar na vida de sujeitos idosos. Impactos que promovem o fortalecimento, o conhecimento, o aprendizado, a troca, a experiência, o convívio e a inclusão de sujeitos em maturação. Impactos sociais e culturais que contribuem para (re)construção de sujeitos ativos, independentes e protagonistas de suas vidas.

Impactos socioculturais que são fruto de um conjunto de intencionalidades, postas para a reinserção, de sujeitos vulneráveis, a grupos de convivência, buscando romper com processos excludentes, devolvendo-lhes a dignidade da vida. Isso, tendo em vista, que a sociedade não está educada, a ponto de compreender o processo de envelhecimento e suas nuances.

Finalizamos essa análise destacando que, entre as (in)compreensões e oportunidades de cidadania, os sujeitos idosos, dessa pesquisa, apresentaram fatos e experiências que os colocam em processo de ressocialização. Processo de (re)construção e (re)conhecimento de si e do mundo, a partir de um espaço que oferece acolhimento e liberdade, através de um corpo que se torna consciente. Consciência de fala, de sentimento, de medo, de dor, de vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, realizada em torno dos impactos socioculturais da dança como uma política pública para a cidadania de idosos, mostrou-se uma importante intervenção e investigação social. Com a intenção de identificar as percepções e reflexões, acerca desses impactos para o exercício da cidadania e inclusão social, de idosos da cidade de Erechim/RS, foi necessário revisitar conceitos teóricos e dados, coletados no trabalho de campo.

Os conceitos teóricos, que compõe a revisão bibliográfica desta dissertação, abordaram temas relativos a envelhecimento, cidadania, políticas públicas, educação não formal, dança, corpo-consciente e corporeidade. Elementos fundamentais para compreender o problema de pesquisa, através da articulação de conceitos, percepções e dados. Assim, utilizando desses argumentos para sustentar e dialogar com os achados dessa intervenção.

Na revisão bibliográfica, procuramos entrelaçar os aspectos interdisciplinares que compõe essa dissertação, aspectos que são representados a partir do momento em que utilizamos “[...]elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para operacionalização de procedimento investigativo (SILVA, 2011, p.587)”. Sendo que utilizamos das áreas da Educação, Sociologia e Saúde, para poder atender os nossos objetivos de pesquisa, levando em conta que, “[...]nas abordagens interdisciplinares não se visa a diluição dos conhecimentos específicos historicamente construídos pelos campos da ciência, mas sim um diálogo favorável à compressão dos fenômenos sociais de forma racional (POLON; POLON, 2017, p.190).”

Articulações que permitem uma análise interdisciplinar do processo de envelhecimento, através dos diferentes fatores que influenciam e interferem nesse processo. Por isso, trazemos as discussões a respeito da expectativa de vida, da desigualdade econômica, do processo de feminização da velhice, das nomenclaturas e diferenças regionais. Isso, procurando contextualizar essa fase da vida, a partir das suas diferentes nuances e possibilidades.

Ainda, sobre a revisão bibliográfica, trazemos os conceitos de políticas públicas, educação não formal, dança e corpo-consciente, buscando esclarecer aspectos que envolvem a oficina de dança. Esclarecimento referentes a potencialidade da dança, como um instrumento de transformação social, do qual, nesta pesquisa, implicou em impactos socioculturais, na vida dos idosos vulneráveis.

Dentre os objetivos propostos por essa pesquisa estava: traçar o perfil dos participantes da oficina de dança, considerando as características pessoais e socioeconômicas. Esses dados foram obtidos através de um questionário, aplicado aos idosos participantes da Oficina de Dança, que respeitaram os critérios de inclusão, determinados pela pesquisa e assinaram o

TCLE.

Com isso, foi possível identificar as características mais marcantes do grupo de 47 entrevistados(as), determinando um perfil, marcado por: uma faixa etária entre 60 e 85 anos, com um grupo majoritariamente feminino, predominantemente branco, casado ou viúvo, de baixa escolaridade e renda, com histórico laboral de profissões que exigiam pouco ou nenhum estudo. Ainda, as questões abertas permitiram identificar um grupo com dificuldades de interpretar, relacionar e compreender algumas questões cotidianas.

Dados que são de extrema relevância para compreender alguns fenômenos e contextos que envolvem essa pesquisa e dialogam com outras pesquisas. O primeiro aspecto, diz respeito ao processo de feminização da velhice, de acordo com Küchemann(2012), quanto mais madura a população fica, mais feminina ela se torna. Outro aspecto, relevante, é o enquadramento de baixa renda do grupo, o que explica a vulnerabilidade social desses idosos, uma vez que, a maturação exige condições dignas de vida (VERAS, 2009).

Ainda, devemos nos atentar a baixa escolaridade do grupo, o que não é uma surpresa, tendo em vista o contexto histórico e econômico em que esses idosos estavam inseridos, durante os anos de escolarização. Contexto que demandava por um início muito precoce da atividade laboral e, portanto, um abandono escolar muito precoce. Aspecto que reflete nas decisões, debates e resolução de problemas, pois, percebe-se a ausência do pensamento crítico, que foi substituído pelo silêncio do trabalho, da necessidade, e da desigualdade.

Os outros objetivos que propusemos a essa pesquisa foram: verificar os impactos e interesses de aprendizados dos idosos, participantes da oficina; descrever e refletir sobre esses impactos socioculturais, da dança para a prática da cidadania e inclusão social dos idosos. Para isso, realizamos uma entrevista com 12 (doze) participantes, escolhidos intencionalmente, entre os 47 sujeitos que compuseram o grupo de análise dessa intervenção. Os registros de áudio foram analisados através do método de análise de conteúdo de Laurence Bardin, o qual nos ofereceu subsídios para atingir os objetivos dessa pesquisa, através da construção de categorias de análise.

Desse modo, determinamos 5 categorias de análise: I) Percepções, experiências e vivências; II) Redes e transformações; III) Contextos e sentimentos; IV) Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências; V) Cidadania: (in)compreensões e oportunidades. A partir disso, foi possível verificar que a oficina de dança, como um instrumento de modificação social, oferece oportunidades e possibilidades que geram impactos socioculturais, relacionados ao exercício da cidadania e inclusão de idosos.

Impactos que na categoria (percepções, experiências e vivências) ficou demarcado pe-

lo sentimento de bem-estar, relacionado ao processo de envelhecimento e pelas demarcações positivas da dança, como prática desde a juventude.

Na categoria, Redes e transformações, identificamos o Estado em ação, através da atuação do município, enquanto órgão responsável por políticas públicas que garantam a vida. Atuação que parte das secretárias na busca por idosos, em situação de vulnerabilidade social, que gostariam de participar das oficinas, oferecidas pelo poder municipal da cidade. Além disso, a categoria demonstrou que as redes dialógicas se intensificaram, com a satisfação dos participantes, que convidaram outras pessoas para participar da atividade.

Ainda, nessa categoria, ficou nítido que a atividade de dança proporcionou transformações na vida desses idosos. Transformações que, segundo os participantes, têm relação estreita com as mudanças e melhores condições de vida que a oficina oferece. Implicações também percebidas através dos silêncios, risadas, curiosidades, entusiasmos e convivências, que oferecem possibilidades de reinserção social.

Contextos e sentimentos é a categoria de análise em que verificamos os estados sentimentais dos sujeitos, antes e após entrar na oficina, bem como as suas percepções do grupo. Achados que nos levaram a demarcar outros impactos socioculturais, os quais ficam resumidos pelo sentimento de bem-estar, pertencimento e acolhimento do grupo, para com os participantes.

Ainda, essa categoria nos ofereceu elementos para entender o quão significativo esses espaços são para a vida de idosos vulneráveis, isso porque, a oficina de dança se coloca como um espaço de reinserção social. Um espaço que acolhe e recebe a todos e todas, sem distinção e preconceito. Além disso, as atividades proporcionam momentos de lazer e esporte, momentos de alegria e descontração, de convivência e liberdade de expressão.

Circunstâncias que são de extrema relevância para a socialização de sujeitos excluídos e oprimidos, por aspectos gerontofóbicos que os colocam como incapazes e inúteis. Prosseguindo nossas considerações da pesquisa, a categoria IV – Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências –, pode ser entendida como a mais significativa para verificar os impactos socioculturais dessa atividade.

Categoria que nos permitiu olhar para a dança como um espaço de educação não formal, tendo em vista que ela educa para a cidadania, para a liberdade, para a igualdade, para os direitos civis, sociais e políticos (GOHN, 2006). Ela considera os aprendizados do mundo da vida, os compartilhamentos de experiência, as interações e transmissões (GOHN, 2010). Por isso, pode ser entendida como um espaço educativo, de diálogo e vivências.

De acordo com os entrevistados, podemos destacar alguns aspectos, que marcaram es-

sa categoria, como, por exemplo: as apresentações; passeios; eventos e palestras; convivência e interação. Percepções que ratificam a importância de oferecer possibilidades, conhecidas ou desconhecidas, a esses sujeitos, posto que, elas lhes conferem a (re)construção de conhecimentos, trocas, experiências e aprendizados que os incluem socialmente e culturalmente.

Por fim, na última categoria de análise, uma das mais importantes – Cidadania: (in)compreensões e oportunidades –, podemos verificar que os participantes compreendem, de maneira indireta, os significados e sentidos do exercício da cidadania. Isso porque, ao serem questionados sobre cidadania presenciamos os silêncios, estranhamentos e incertezas através das respostas tímidas e receosas. Situação paradoxal, tendo em vista que os sujeitos são participantes de uma oficina planejada como uma ação para a cidadania, porém, essa prática não garante aos idosos a compreensão conceitual do que é ser cidadão.

Compreensões indiretas que estão relacionadas a influência da dança, no exercício da cidadania, através do convívio e da inserção social, da motivação, dos aprendizados, lazer, bem-estar, saúde e oportunidades. Oportunidades que estão ligadas a ideia, concepção de cidadania, como a oportunidade de usufruir dos direitos civis, políticos e sociais (CERQUIER-MANZINI, 2010; CARVALHO, 2018).

Na mesma categoria, podemos verificar que há incompreensões referentes ao exercício da cidadania, entre as quais podemos citar: o estranhamento e desconhecimento da palavra cidadania, a insegurança de se colocar como uma pessoa de direitos. Ainda, o questionário e as práticas nos ratificaram essas incompreensões, a partir do momento em que os idosos se sentem inseguros em dizer a sua palavra.

As considerações dessa pesquisa, apontam para a importância das políticas públicas, voltadas para idosos como um instrumento de inclusão e socialização, para o exercício da cidadania. Isso porque, atividades desse caráter têm potencial de (re)construir sujeitos oprimidos e silenciados, através da reinserção em atividades culturais, sociais, de convivência, troca e compartilhamento.

Destacamos, também, que a pesquisa nos possibilitou identificar a importância dessa atividade, para um envelhecimento ativo e independente. Um envelhecimento que torne corpos-objetos em corpos-sujeitos, conscientes de si e do mundo que os cerca, através da dança como um instrumento da prática cidadã.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ronaldo A.; SANTOS, Ellen F.; SILVA, Luiz A. G. da. Envelhecimento populacional: o impacto social e psicológico da capacidade funcional e autonomia na longevidade. **Revista FAEF**, 2013.
- AIDAR, Maria A. M. **O “fardo” da velhice e do envelhecimento: subjetividades e políticas públicas no Brasil**. 2014. 226 p.. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- ALVES, José E. D.; CAVENAGHI, Suzana. Transições Urbanas e da Fecundidade e Mudanças dos Arranjos Familiares no Brasil. **Cadernos de Estudos Sociais**, v.7, n. 2, p. 91-114, julho/agosto, 2012.
- ANDRÉ, Marli. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 1, n. 1, p. 119-131, set. 2007.
- ANTÉRIO, Djavan; SILVA, Pierre N. G. da. Corpo subjetivado: conceitos e significados para a educação. **Caderno de Educação Física**, Cândido Rondon, v. 10, n. 18, p. 67-73, 2011.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de Survey**. 1º reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BAQUERO, Marcello. **A pesquisa quantitativa nas Ciências Sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- BARBETTA, Pedro A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 9º ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora Almedida Brasil, 2011.
- BLESSMANN, Eliane J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004.
- BOBBIO, Norberto. **Igualdad y libertad**. Barcelona: Editora Paidós, 1993.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005.
- BRAGA, Pérola M. V.. Envelhecimento, ética e cidadania. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, v. 6, n. 52, nov. 2001.
- BRASIL. **Política Nacional do Idoso**: (lei nº 8842/1994). Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm >
- BRASIL. **Estatuto do idoso**: (lei nº 10.741/2003). Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10741.htm >

BRASIL. **Portaria 2.528/2006**: Ministério da Saúde. Dispõe sobre aprovação da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html >. Acessado em: 12/07/2019.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm > Acessado em: 10/05/2019.

CAMACHO, Alessandra C. L. F.; COELHO, Maria J. Políticas públicas para a saúde do idoso: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 2, p. 279-284, 2010.

CAMARANO, Ana A. E a vida se alonga além dos 60: como? In: CAMARANO, Ana A. (orgs.). **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p. 588-594, 2004.

CAMARANO, Ana A.; PASINATO, Maria T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana A. **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, p. 253-292, 2004.

CAMPOS, Ana C. V.; GONÇALVES, Lucia H. T. Perfil demográfico do envelhecimento nos municípios do estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, supl.1, p. 636-43, 2018.

CASTRO, Juracy C.; et al. Níveis de qualidade de vida em idosas ativas praticantes de dança, musculação e meditação. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 255-265, 2009.

CAROLINO, Jacqueline A.; SOARES, Maria de L.; CÂNDIDO, Gesinaldo A. Envelhecimento e cidadania: possibilidades de convivência no mundo contemporâneo. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2011.

CARVALHO, José A. M. de. WONG, Laura L. R. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 597-605, mar. 2008.

CARVALHO, José M. de. **Cidadania no Brasil**. 24º ed., Editora Civilização Brasileira, 2018.

CERQUIER-MANZINI, Maria L. **O que é cidadania**. 4º ed., Editora Brasiliense, 2010.

CORRÊA, Darcísio; BORTOLOTTI, José C. K. O desenvolvimento e as perspectivas da cidadania no Brasil. **Direito em Debate**, v.17, n. 29, jan. 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3º ed., São Paulo: Editora Atlas, 1995.

FELICIANO, Adriana B.; MORAES, Suzana A. de; FREITAS, Isabel C. M. de. O perfil do idoso de baixa renda no Município de São Carlos, São Paulo, Brasil: um estudo epidemiológico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p.1575-1585, nov., 2004.

FERNANDES, Maria T. de O.; SOARES, Sônia M. O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil. **Revista Escola Enfermagem**, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 1494-150, 2012.

FERREIRA, Olívia G. L. et al. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 357-364, dez. 2010.

FORTES, Flavia M. A superação das limitações da terceira idade através de danças adaptadas. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: < <https://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/1577/1/v.2,%20n.3,%202008-419-433.pdf> >. Acessado em: 10/07/2019.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta** [versão digital]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1921.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessário à prática educativa** [versão digital]. 25ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade** [versão digital]. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **Institut international des droits de l'enfant (ide)**. Sion (suisse), 18 a 23 de out. 2005. Disponível em: < http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>

GARCIA, Marina C.; GARROS, Danielle dos S. C. O efeito da dança na qualidade de vida do idoso. **Revista da Sobama**, Marília, v.18, n.1, p. 37-52, jun., 2017.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Priscila R.; et al. Hábitos de lazer e atividade física durante o curso de vida em idosos praticantes de dança. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 227-245, 2015.

GOBBO, D.E. A dança de salão como qualidade de vida para a terceira idade. **Revista Eletrônica de Educação Física**, Curitiba, v.2, n.1, 2005.

GÓES, Tatyane K. da S. O Conteúdo Sóciojurídico do Direito de Inclusão Social do Idoso. **Estudos**, Goiânia, v. 34, n. 5/6, p. 371-382, jun. 2007.

GOHN, Maria da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 4ª Reimpressão, São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, mar. 2006.

GONÇALVES, Luiz G. A noção de corpo(s) consciente(s) na obra de Paulo Freire. **Conselho Pastoral dos pescadores**. 2012. Disponível em: < <http://www.arquivo.cppnac.org.br/corpo->

consciente/ >

GORCZEWSKI, Clóvis; MARTIN, Nuria B. **A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática**. 1º ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

HÖFLING, Eloisa de M. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 55, p. 30-41, nov. 2001.

HOUAISS. **Dicionário de Língua Portuguesa**, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua: Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Editoria: Estatísticas sociais, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017?fbclid=IwAR26Si7qBnrcaWBilx6_kCbgBgn91PiFTaTxZclRazVUYQ9MALJ_r9M2i-4>. Acessado em: 08/03/2019.

_____. **Características Étnico-raciais da População**. Classificações e Identidades. PETRUCELLI, José L.; SABOIA, Ana L. (orgs). Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>. Acessado em: 23/08/2020.

_____. **Em 2017, expectativa de vida era de 76 anos**. Editoria: Estatísticas sociais, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>>. Acessado em: 19/05/2019.

_____. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. População, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acessado em: 24/05/2019.

_____. **PNAD Contínua: Renda do trabalho do 1% mais rico é 34 vezes maior que da metade mais pobre**. Editoria: Estatísticas Sociais, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25702-renda-do-trabalho-do-1-mais-rico-e-34-vezes-maior-que-da-metade-mais-pobre>>. Acessado em: 13/05/2020.

_____. **IBGE divulga o rendimento domiciliar per capita 2019**. Editoria: Estatísticas Sociais, 2020. Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26956-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-2019>>. Acessado em: 13/05/2020.

_____. **Em 2018, expectativa de vida era de 76,3 anos**. Editoria: Estatísticas Sociais, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos>>. Acessado em: 18/03/2020.

KÜCHEMANN, Berlindes A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 1, abril, 2012.

LAGO, Leandra P. **A socialização do idoso e o movimento corporal coletivo**. 2005, 107 p.

Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

LANDIM, Fátima L. P.; et al. Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v.19, n. 1, p.53-58, 2006.

LEITE, Marinês T.; et al. Estado cognitivo e condições de saúde de idosos que participam de grupos de convivência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 4, p. 64-71, 2012.

MARTINS, Rosa M. L.; RODRIGUES, Maria de L. M. Estereótipos sobre idosos: Uma representação social gerontofóbica. **Revista Millenium RE**, n. 29, p. 249-254, jun. 2004.

MARTINS, Ernesto C. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p. 163-180, jun. 2015.

MELO, Laércio A. de; et al. Fatores socioeconômicos, demográficos e regionais associados ao envelhecimento populacional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 494-502, 2017.

MINAYO, Maria C. de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n. 3, p.239-262, set. 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed.. Petrópolis: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria C. de S.; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MIRANDA, Gabriella M. D.; MENDES, Antonio da C. G.; SILVA, Ana L. A. da. Desafios das políticas públicas no cenário de transição demográfica e mudanças sociais no Brasil. **Interface Comunicação Saúde Educação**, v.21, n. 61, p. 309-320, 2017.

NUNES, Ana N.; et al. Envelhecer a Dançar: Matinés Dançantes. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. extra, n. 14, 2015.

NUNES, Thaís A. DESIGUALDADE DE RENDA NO BRASIL: consequência ou entrave ao crescimento econômico? **Revista Interfaces do Conhecimento**, Barra do Garças/MG, v. 01, n. 02, p. 161-173, jan. 2019.

OLIVEIRA, Luciane C. de; PIVOTO, Ercília A.; VIANNA, Patrícia C. P. Análise dos resultados de qualidade de vida em idosos praticantes de dança sênior através do SF-36. **Revista ACTA FISIATR**, v. 16, n. 3, p. 101-110, 2009.

OLIVEIRA, Rita de C. da S.; SCORTEGAGNA, Paola A.; SILVA, Flávia O. A. da. A Educação Permanente Protagonizada pelo Idoso na Universidade Aberta para a Terceira Idade/UEPG. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 19-33, 2017.

Organização Mundial de Saúde (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Livro Virtual, 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf> Acessado em: 10/07/2019.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 3º ed.. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

PEREIRA, Daniel de A.; TODARO, Monica de Ávila. Paulo Freire e o Corpo Consciente. **37ª Reunião Nacional da ANPEd**, UFSC – Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. 2007. 372p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Thiago I.; SILVA, Luís F. S. C. da. As políticas públicas do Ensino Superior no governo Lula: expansão ou democratização? **Revista Debates**, v.4, n.2, p.10-31, 2010.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **O que é o IDH. 2019**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idh.html>>. Acessado em: 08/03/2018.

POLON, Paulo H. H; POLON, Luana C. K. Interdisciplinaridade na Educação: Ciências Humanas e a Formação do Sujeito. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 16, n. 30, p 184-198, 2017.

REZENDE FILHO, Cyro de B.; CÂMARA NETO, Isnard de A. A Evolução do Conceito de Cidadania. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté/SP, v. 7, n. 2, 2001.

SALMAZO-SILVA, Henrique et al. Vulnerabilidade na velhice: definição e intervenções no campo da Gerontologia. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 6, p. 97-116, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). **O que é o Estatuto do Idoso?** Publicado por: Antônio Jordão Netto. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/o-que-e-o-estatuto-do-idoso/>>. Acessado em: 08/03/2019.

SEVERO, José L. R. de L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, dez. 2015.

SILVA, Kelly M.; NITSCHKE, Rosane G; SANTOS, Silvia M. A. dos. A dança e o envelhecimento: benefícios descritos na literatura. **Ciência Cuidado e Saúde**, v. 17, n. 3, p. 1-7, set. 2018.

SILVA, Wagner, R. Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41 n. 143, p. 582-605, ago. 2011.

SOARES, Marta G.; CRUZ, Ingrid R. da R. Corporeidade e educação popular: intervenção

teórico-prática em ambiente hospitalar. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 257-280, dez. 2019.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 20-45, dez. 2006.

SOUZA, Edinilsa R. de et al. O Idoso sob o Olhar do Outro. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UCHÔA, Elizabeth. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 849-53, 2003.

UCHÔA, Elizabeth; FIRMO, Josélia O. A.; LIMA-COSTA, Maria F. F. de. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VAZ, Ester. Mais idade e menos cidadania. **Análise Psicológica**, p. 621-633, 1998.

VARREGOSO, Isabel; MACHADO, Rita; BARROSO, Marisa Barroso. A dança como contributo para a qualidade de vida de idosos institucionalizados e não institucionalizados. **Revista UILPS**, v. 4, n.2, p. 254-272, 2016.

VARREGOSO, Isabel. Dança para Idosos. **Atas Congresso de Gerontologia ESEJD**, 2007. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/profile/Isabel_Varregoso/publication/274954184_Danca_para_Idosos/links/552d07120cf21acb09211e87/Danca-para-Idosos.pdf>

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**, v. 43, n.3, p 548-554, 2009.

ZIMERMAN, Guite.I. **Velhice. Aspectos biopsicossociais**. 1º reimpressão. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionário caracterização dos participantes da oficina de dança

NOME: _____		IDADE: _____ anos
SEXO: [01] feminino [02] masculino	COR DA PELE: [01] branco(a) [04] amarelo(a) [02] pardo(a) [05] indígena [03] preto(a)	
ESTADO CIVIL: [01] solteiro(a) [02] casado(a) [03] divorciado(a) [04] viúvo(a)	RENDIMENTO MENSAIS: [01] até R\$998,00 [02] de R\$998,00 a R\$1996,00 [03] de R\$1996,00 a R\$2994,00 [04] acima de R\$2994,00	
COM QUE IDADE VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR? _____ anos		
INCLUINDO VOCÊ, QUANTAS PESSOAS DEPENDEM DO SEU RENDIMENTO MENSAL ? [01] [02] [03] [04] [05] [06] [07] [08] [09] [10]		
PROFISSÃO ANTES DA APOSENTADORIA: _____		
VOCÊ POSSUI ALGUMA RENDA EXTRA ALÉM DA PRÓPRIA APOSENTADORIA? () sim () não QUAL? _____		
ESCOLARIDADE: [01] Ensino fundamental incompleto [02] Ensino fundamental completo [03] Ensino médio incompleto [04] Ensino médio completo		

[05] Ensino superior incompleto [06] Ensino superior completo
VOCÊ TEM CASA PRÓPRIA? () sim () não
VOCÊ MORA SOZINHO? () sim () não
QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM? _____ do sexo feminino _____ do sexo masculino
LONGEVIDADE DOS PAIS: MÃE: _____ anos PAI: _____ anos
VOCÊ TEM ALGUMA DOENÇA? () sim () não
TOMA ALGUMA MEDICAÇÃO? () sim () não QUANTAS? _____
JÁ PRATICOU ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA ANTES DA OFICINA DE DANÇA? () sim () não QUAL? _____
O QUE TE MOTIVA A PARTICIPAR DA OFICINA DE DANÇA? [01] saúde física [02] saúde mental [03] estética/aparência [04] gratuidade [05] identificação com o grupo [06] lazer e diversão [07] aprendizado e conhecimento [08] qualidade [09] inserção social [10] autonomia e segurança

COMO VOCÊ AVALIA A OFICINA DE DANÇA?

[01] ruim [02] regular [03] bom [04] muito bom [05] excelente

HOJE, VOCÊ SE SENTE MAIS ATIVO E AUTÔNOMO DE SUA PRÁTICA

CIDADÃ? () sim () não

QUAIS SÃO OS PONTOS POSITIVOS QUE VOCÊ RELATARIA A RESPEITO DESSA OFICINA? _____

QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS QUE VOCÊ RELATARIA A RESPEITO DESSA OFICINA? _____

QUAIS SUGESTÕES VOCÊ DARIA PARA OS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SUA CIDADE? _____

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista

Público: idosos participantes da oficina de dança

Código do Entrevistado: _____

Sexo: () F

() M

Idade: _____ anos

- 1) O que é envelhecer para você? E como você se enxerga neste processo?
- 2) Ao longo da sua vida, qual foi o contato e sua experiência com dança?
- 3) Como foi a sua inserção nesta oficina de dança?
- 4) Houve alguma transformação em sua vida após estas aulas?
- 5) Como você se sentia antes de iniciar nesta oficina? E hoje como você se sente?
- 6) Como foi a experiência com essa prática, quais aprendizados e oportunidades que ela lhe trouxe?
- 7) A oficina de dança contribui de alguma maneira para uma melhor interação com a sociedade, familiares e grupos? Por que?
- 8) O que você acha sobre o grupo e como se sente nele?
- 9) Por que, na sua idade, você acha importante esse tipo de atividade?

APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARCIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA IDOSOS DA CIDADE DE ERECHIM/RS**. Desenvolvida por Allana Carla Cavanhi, discente de mestrado, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* de Erechim, sob orientação do Professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

O objetivo central desse estudo é identificar, analisar e descrever o perfil, os apontamentos e as reflexões dos idosos participantes da oficina de dança com relação aos impactos socioculturais dessa atividade para o exercício da cidadania e inclusão desses sujeitos na cidade de Erechim/RS.

O convite a sua participação se deve à pesquisa ter como critério de inclusão sujeitos idosos, com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, inscritos e assíduos na oficina de dança ofertada pelo Departamento de Esportes da cidade de Erechim/RS em parceria com os grupos de convivência dos CRAS do mesmo município e da comunidade local, considerando o ano base de 2019. Sua participação nesta pesquisa é de suma importância para a contribuição científica na área social, educacional e de saúde, logo que, a pesquisa analisará uma política social de manutenção para a inclusão e cidadania dos sujeitos idosos.

Cabe destacar que, sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar desta pesquisa. Bem como tem direito iniciar o processo e optar por não colaborar com este estudo, desistindo de participar no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Ressalta-se que, você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, destaca-se que sua participação é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Nesta, serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer

momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder à pesquisadora, perguntas de um questionário semiestruturado, de fácil compreensão, elaboradas em linguagem simples e clara. Este instrumento, abordará dados gerais de identificação; percurso escolar; dados socioeconômicos; carreira profissional; e outras observações importantes como se: mora sozinho, apresenta doenças, motivos de interesse nas oficinas, dentre outros questionamentos. A coleta desses dados, terá a duração de no aproximadamente 30 (trinta) minutos, podendo se estender, caso seja necessário. Ela será realizada de modo coletivo com os demais participantes momento em que, as questões serão lidas em voz alta pelo pesquisador e em seguida, respondidas pelo participante.

Com relação a entrevista, informamos que, será realizada de forma intencional, podendo o participante ser convidado ou não para responde-la. Caso seja escolhido, este terá o direito de optar em participar ou não desta etapa, a qual terá duração média de 1 (uma) hora, podendo se estender caso seja necessário. Se o participante aceitar responder a entrevista, ele será submetido aos seguintes procedimentos: uma entrevista oral mediada pelo pesquisador, de forma individual, e em sala privada. A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações mediante a sua autorização. Garantindo, a proteção e sigilo de nomes e informações, podendo o participante optar em divulga-las ou não, oferecendo ao mesmo o direito de desistir dessa etapa quando desejar.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão transcritos e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso a esses a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir com a pesquisa científica na área das políticas públicas e seus impactos sociais, cooperando diretamente para a garantia de implementação e permanência das políticas sociais oferecidas a idosos no município de Erechim, uma vez que, esta pesquisa objetiva apresentar os impactos socioculturais que elas trazem para a população. Indiretamente, este trabalho pode motivar outros municípios a aderir a políticas sociais como essas, garantindo a outros idosos o benefício dessas atividades e ações.

A participação na pesquisa poderá causar riscos relacionados a danos emocionais, psíquicos e sociais, que causem constrangimentos durante o questionário, entrevista ou observações apresentadas pelo pesquisador. Visto que, os sujeitos estarão expostos a

questionamento que englobam condições pessoais dos participantes. Além disso, pode haver quebra de sigilo de informações, risco de dano emocional, psíquico e social. Neste sentido, oferecemos a garantia de desistência da participação dos sujeitos nessa pesquisa, podendo ele se retirar a qualquer momento, sem implicações e punições.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais. Caso concorde em participar dessa pesquisa, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

Em casos de dúvida, contate:

Pesquisador responsável: Allana Carla Cavanhi, telefone 054 98423 – 9943, e-mail: <allanacavanhi@hotmail.com>. Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS – Campus Erechim, Rodovia RS-135, 200 – Zona Rural, CEP 89815-899 – Erechim – Rio Grande do Sul – Brasil).

Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS: telefone 049 2049-3745, e-mail: <cep.uffs@uffs.edu.br>. Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó - Santa Catarina – Brasil).

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Allana Carla Cavanhi
Pesquisadora Responsável

Erechim, ____ / ____ /2019.

APÊNDICE 4 – Análise de conteúdo

QUADRO. Análise de conteúdo: construindo categorias de análise

Questão 1. O que é envelhecer para você? E como você se enxerga neste processo?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. Envelhecer faz a gente ficar mais fraco , não pode mais fazer tanta coisa. Mas eu sou feliz , me sinto bem , eu sempre fui uma pessoa alegre e nesses grupos alegre mais ainda a gente graças a Deus.	Dificuldades de envelhecer. Se sente feliz e bem. Importância dos grupos.	Percepções, experiências vivências e
D2.CX. Eu não achei nada , não achei negócio assim, o que mais é que eu me acidentei na colônia, e os outros não me ajudaram muito, e a perna começou a incomodar deu aquelas ínguas, não sabia o que era, tirei pedaço de osso da perna. Não mudou, eu sou igual antes , eu sou voa trança, não achei diferença, eu trabalho ainda, abro valeta, roço, e não sinto canseira. Os outros dizem eu gostaria de ter o corpo dele: força e empurro até carro.	Se sente bem.	
D3.CX. Acho que estou bem , tenho disposição de trabalhar, tô bem. Gosto das crianças e de idosos. Ficar velho é ficar de cadeira de roda.	Se sente bem.	
D4.CX. Bom, no meu modo de pensa sou uma pessoa que aceito tudo, respeito. Dá idade por exemplo não adianta ficar assim preocupado, eu tô velho, tô no fim, mas de repente não é bem assim tudo tem o tempo certo. E eu me sinto bem porque a gente tá ocupado com alguma coisa, porque basta que eu deixei de trabalhar cedo porque, por motivo de saúde, então não foi uma opção se não trabalhava até a recém, porque meu trabalho era com obras, e quando me deu depressão eu tive, fiquei encostado um tempão daí os médicos viram tudo, que não tinha condições de trabalhar porque bem que eu gostaria, porque é interessante a gente estar ocupado pra alguma coisa .	Se sente bem. Importância de estar ocupado.	
D5.CY. Envelhecer é ter saúde , ter uma boa qualidade de vida . 64 anos, me sinto bem , tenho meus netos, me sinto bem, tenho os filhos, graças a Deus não me dão problema nem nada.	Se sente bem. Importância da saúde e da qualidade de vida.	
D6.CY. Olha, envelhecer pra mim é assim ó, agora eu tô vivendo o melhor momento , queria ter 20 anos atrás o que eu tô vivendo agora, aproveitando com a minha idade de agora né!? Fazendo coisas que eu não fiz quando eu era nova, se eu tivesse agora essas oportunidades não sei se casava, verdade, eu não tive liberdade	Diz estar vivendo melhor. Privações da época jovem.	

de sair dançar, fazer essas coisas que a gente assiste na tv, eu sempre queria fazer aquilo, e agora que eu tenho oportunidade. É a melhor idade.		
D7.CY. É bem cansativo porque a gente começa a sentir dores e tal e coisa, e essas ginásticas e coisas que a gente faz, alongamento ajuda bastante . Me sinto feliz , feliz, feliz ainda mais com essas ginásticas que a gente faz aqui nas quintas, vim encontrar as colegas encontra você, a gente se sente muito bem.	Dificuldades de envelhecer. Se sente feliz. Importância das atividades do grupo para sua vida.	
D8.CY. Olha, o meu envelhecer, no meu ver é que Deus não me chamou ainda que eu tô aqui. E assim eu me sinto bem nesse envelhecer porque antigamente eu não tinha essas atividades , eu me sinto bem agora. E não adianta dizer não quero envelhecer, eu faço cada ano tem que fazer um bolo e sempre tem que botar uma velinha a mais.	Se sente bem. Ausência dessas atividades em outros tempos.	
D9.CZ. Olha, antigamente a gente pensava de uma maneira, agora a gente pensa de outra porque aquela época a gente pensava, envelhecer tá ficando velha, agora não, mudou bastante a gente quer viver melhor . A vida tá bem mais melhor com o trabalho tudo que fazem é muito bom, é muito bom envelhecer sabe que a gente tá envelhecendo, mas dessa maneira.	Se sente bem por estar envelhecendo com qualidade. Importância das atividades do grupo.	
D10.CZ. Pois olha, o envelhecimento pra mim eu acho que eu comecei a viver , depois que entrei pro grupo de idosos, depois que entrei no CRAS, depois que comecei quantos amigos arrumei, quanta gente que eu conheci. Não sei, se porque sou comunicativa, ou o que, para mim é uma família , é bom demais . Tive uma infância difícil , uma adolescência difícil , mas a velhice tá sendo maravilhosa . E depois eu tenho meu parceirão que a gente, nas brincadeiras, nas conversas, ele já me conhece, a gente se dá muito bem.	Diz estar aproveitando a vida. Importância do grupo, os amigos e o coloca como uma família. Dificuldades vividas na infância e na adolescência.	
D11.CZ. A pessoa pega doença mais fácil, não é qualquer comida que pode comer, e a maioria não faz exercício, e essa parte de exercício é uma das coisas que quando a pessoa tá envelhecendo se ele para enteva , se não fizer tudo isso aí o envelhecimento vai ser mais rápido. No começo era pior coisa que tinha, eu não admitia , fiz até cirurgia, quando eu parei de trabalhar eu queria continuar e as dores veio e as doença vieram junto. Então se aposentar e passar pra velhice ele tem que tá preparado pra fazer bastante exercício que nem nós temo fazendo para evitar as dor.	Dificuldades do envelhecimento. Importância do grupo para esse processo.	

D12.CZ. Envelhecer com saúde , com alegria . Me sinto bem porque a gente tá envelhecendo né, Graças a Deus.	Se sente bem.	
---	---------------	--

Questão 2. Ao longo da sua vida, qual foi o contato e sua experiência com dança?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. Eu só dançava em baile, e quem me ensinou a dançar foi meu pai . Eu era meninota e nós ia nos bailes eu já dizia as primeiras músicas eu quero dançar com o pai, porque ele sabia e me ensinava, ali eu aprendi e gosto, eu gosto da dança , se eu pudesse dançar todo dia eu dançaria, mas não posso.	Experiência de dança com o pai. Gosta muito de dançar.	Percepções, experiências vivências e
D2.CX. Não sabia dança, aprendi a dançar com Maria nos grupos. Começamos dá uns trote nesses pavilhão de grupo de colégio	Experiência de dança com a companheira.	
D3.CX. Ijuí, eu morava lá, nós ia nos bailinho eu comprei até o violão e o pandeiro pra tocar. Sim, meus pais eram músicos a gente dançava desde muito pequenos .	Experiência familiar com a dança.	
D4.CX. Sim, dançar eu dancei . Tinha 8 anos e uma irmã minha me ensinou a dançar, isso faz muito anos.	Experiência familiar com a dança.	
D5.CY. Eu nunca fui em baile , nem de solteira, casei com 16,5 anos e meu marido com 18, eu nunca fui em baile. E agora depois de velha , já digo, é que temo aproveitando ir nos baile dança senão não ia, mas é muito bom .	Experiência com dança após a maturação.	
D6.CY. Nossa, minha primeira experiência com dança eu tinha 16 anos , fui num baile de carnaval, nossa eu adorei. Nossa, 16 anos, sábado, pra ir na segunda feira com a mesma turma, meu irmão mais velho e mais umas 10 gurias mais velha do que eu e meu pai não deixou, acabou ali meu carnaval. Depois eu fui começar a dançar com 20, 20 e poucos anos, que meu pai faleceu aí naquele tempo tinha que fazer luto, 1 ano de luto. Daí eu fui nos bailes mais para dar risada nunca pra arrumar namorado assim, mas fui poucas vezes.	Experiência familiar com dança. Afastamento da prática e retomada após a maturação.	
D7.CY. Não dançava, só nos baile da terceira idade, mas fazia muito tempo que eu não ia mais e aí com a dança eu gostei. Eu até dançava, íamos nos bailes do interior.	Experiência de dança nos bailes do interior.	
D8.CY. Eu sempre gostei de dançar , sempre morei no interior era colona e daí nós podia ir nos baile e o pai , antigamente tinha aquelas escola no interior, e eles sempre fazem um ou dois baile por ano para ter alguma entrada. Daí nós podia ir naquele	Experiência familiar com a dança. Gostava de dançar.	

baile porque o pai era presidente, daí nós ficava até o fim do baile. Daí no outro dia tinha o matine, e nos ia, mas nos tinha que tá em casa no sol entra. Gostava, gostava, gostava de dançar.		
D9.CZ. Eu tinha meus irmãos que eram músicos , os mais velhos, eu já nasci dançando, nós ia nos bailão, mas naquela época começava as 7 horas da noite, e nos ia até as vezes 7 da manhã. A gente dançava a noite inteira. E eu sempre gostei de dançar.	Experiência familiar com a dança. Sempre gostou de dançar.	
D10.CZ. Depois de mais velha , eu não era assim, como eu te disse, a minha adolescência era bem... Onde que meu pai deixava ir. Meu marido gosta de sair, a gente se enturmou aí a gente sai, a gente saia menos, mas agora não se para mais em casa. Lá pelos 50 anos que eu comecei mesmo, agora eu tô vivendo.	Privação durante a adolescência. Experiência com dança após mais madura.	
D11.CZ. Eu dançava. Gostava e gosto de dança. Danço qualquer tipo de música.	Gosta de dança	
D12.CZ. Eu a dança, puxei pra minha mãe, a mãe gostava muito de dança. Eu adoro. Desde pequeno eu ia junto com minha tia era solteira e daí eu ia junto com a tia, a avó dizia, mas tu vai junto, e nós ia, a tia ensino eu, vicio.	Experiência familiar com a dança. Gosto pela dança.	

Questão 3. Como foi seu ingresso nesta oficina de dança? Convite dos amigos, rádio, jornal...?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. As gurias do CRAS que me convidaram para ir junto assistir se eu gostava ou não gostava. Eu fui indo e agora tô aí faz tempo.	Convidado pelo CRAS	Redes e transformações
D2.CX. Nós era tempo que ia no grupo do CEU, nós fazemo até reunião para vir aquele negócio do CEU e tudo. Eu sabia que eles iam inventa essa coisa aí.	Indeterminado	
D3.CX. As gurias do CRAS , elas até foram lá em casa para fazer a inscrição.	Convidado pelo CRAS	
D4.CX. Eu descobri por conta , pelo seguinte porque a pessoa responsável por dá orientação é a pessoa que é diretora do grupo de idosos, porque o CRAS é um grupo geral, sublime a todos os outros depende daquele. As mulher do CRAS foram lá no grupo.	Convidado pelo CRAS	
D5.CY. Quando meu pai faleceu, eu já tenho problema de depressão e daí sim fiquei mais mal ainda, tava me tratando no postinho , aí a Dra., a Dra. me encaminhou para a psicóloga ali mesmo e a psicóloga que pediu pra mim ir no CRAS que tinha as oficinas lá e que ia ser bom pra mim. Aí foi aonde eu comecei a ir e me senti melhor,	Encaminhada pelo posto de saúde	

meu Deus do jeito que eu tava sabe eu tô bem graças a Deus. Foi muito bom.		
D6.CY. Eu participava a uns dois anos atrás de caminhada, fazia exercício com um professor lá, só fazia exercício na terça feira lá. Daí depois eu deixei, meu marido ficou doente e não deu mais pra mim ir, depois a mãe doente, depois um dia mãe tava bem eu disse não, daí eu comecei de novo, sim foi uma amiga que convidou.	Já participava dos grupos, e retornou por um convite de amiga	
D7.CY. Uma vizinha , iam em 3 ou 4 só e me convidaram pra ir também. Ela disse para eu ir na URI, mas, na URI era longe e na segunda e na segunda eu não podia porque eu trabalhava.	Convidada por uma vizinha	
D8.CY. Essa oficina antes de começa aqui, primeiro nos começamos lá em cima no postinho que tinha, que nos caminhava, ginástica, e começou de nos ir no Mato da Comissão e foi indo, quando dava eu ia. Mas das vez o meu marido dizia que sempre era na quinta, às vezes ele dizia assim, na quarta-feira, vamos lá na roça trabalha, mas eu dizia assim, tem que ser amanhã, porque vem o ônibus leva as meninas vamos tudo lá no mato, e ele dizia mas o que vão fazer no mato, eu dizia vem espíar,...eu era do grupo já e continuei na dança.	Era do grupo de convivência e continuou nessa atividade	
D9.CZ. Porque eu participava no CAPS por causa do meu filho, e lá eles falaram que eu tinha direito de sacolas básicas porque eu perdi tudo, só a dignidade não, e me passaram pro CRAS . Ali eu comecei, aí me convidaram pra participar desse curso e eu amei, eu adorei. Fui convidada até pra ser candidata de rainha então.	Era atendida pelo CAPS e foi encaminhada para o CRAS aonde recebeu o convite	
D10.CZ. Foi lá no grupo de idosos , nos temos um grupo de idosos perto do CRAS do Linho e eles vieram lá convidar . E do dia que eu fui olha, eu posso te dizer que numa mão sobra dedo dos dias que eu faltei.	Convidado pelo CRAS.	
D11.CZ. Eu fui numa reunião do posto de saúde do meu bairro e uma senhora tava lá e disse que o CRAS do Linho tinha esse tipo de atividade, que tinha ônibus, lanche, para fazer exercício.	Contato com conhecida na reunião do Posto de Saúde.	
D12.CZ. Eu descobri por intermédio de uma colega , não que ela me convidou, mas disse que tava participando lá assim e assim, e um belo dia passei ali, conversei com ali.	Contato com uma colega que disse estar participando.	

Questão 4. Houve alguma transformação em sua vida após estas aulas?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
---------------------------	------------------	-----------

<p>D1.CX. Houve sim, porque eu parava em casa só fechada, eu tava com uma depressão, eu fechava tudo a casa ficava fechada o dia inteiro. Daí começaram as gurias me convidar pra eu ir, um dia eu ia, um dia não ia, mas comecei a ir e mudou bastante minha vida. E se eu ficar só em casa, eu fico só deitada, ou se não só comendo, daí não dá. Foi mais do que bom e é só em último caso pra eu falhar.</p>	<p>Transformações. Saiu do isolamento, e superou a depressão.</p>	<p>Redes e transformações</p>
<p>D2.CX. Eu mudei um pouquinho, um pouquinho só. Mudei, mais correria, mais festa, me deixou mais feliz. Quando falta isso parece é mal imotivo. É bom conversar com gente mais estranha assim.</p>	<p>Mudança de vida. Felicidade. Interação com os outros.</p>	
<p>D3.CX. Mudou muito, eu era muito gorda já me empareiei. Sai se distraia.</p>	<p>Mudança de vida (saúde/lazer).</p>	
<p>D4.CX. Sim, depois que eu assisti aquelas palestras eu mudei meu comportamento, porque até ali eu era assim por exemplo, se me cobrassem alguma coisa que eu deixei mal feita, tipo eu deixei a luz acesa.</p>	<p>Melhora comportamental.</p>	
<p>D5.CY. Muito. Muitos desafios eu já digo porque ir se apresentar que nem a gente foi ali no 25 eu nunca imaginei de ir lá eu e fazer uma apresentação para o público, foi um desafio. Teve transformações.</p>	<p>Transformações. Desafios (apresentações).</p>	
<p>D6.CY. Com certeza. Tudo de bom, alegria de tá com as pessoas, soltar o corpo que primeira aula contigo eu achei que não ia pra frente, tu tava lá e eu tava aqui não sai do lugar, agora meu Deus do céu.</p>	<p>Transformações. Felicidade. Companhia do grupo. Dança.</p>	
<p>D7.CY. Teve, porque eu tinha bastante problema de coluna, gravíssimo, e essas aulas me ajudaram muito, muito, muito.</p>	<p>Transformações. Melhorias na saúde.</p>	
<p>D8.CY. Muito, muito, muito, eu não quero me queixar da vida, mas no interior não tinha essas coisas, no interior não tinha, só trabalhar.</p>	<p>Transformações. No interior era só trabalho.</p>	
<p>D9.CZ. Tudo, eu sou outra pessoa, é difícil eu sentir tristeza, ficar nervosa. mudou completamente pra melhor, eu sei até lidar na internet.</p>	<p>Mudança de vida.</p>	
<p>D10.CZ. Deus o livre, eu que te digo, muitas vezes eu chego em casa e até me pergunto se eu não ultrapassei as brincadeiras, porque bastante as vez apimentada, mas é muito bom, quando eu volto pra casa eu volto outra pessoa, as vezes venho aqui assim sabe, meio cansada não de física, mas de ideia, sabe tu sempre tem problema, mas quando chego em casa sou outra pessoa. Eu não desisto tão fácil não, ao menos que parem.</p>	<p>Participar da oficina já lhe faz voltar melhor para casa.</p>	

D11.CZ. No começo eu me sentia assim , tinha pessoa bem mais velha, eu era quase o mais novo até eu disse bah o que tô fazendo aqui, mas é tudo de bom , vale a pena.	Estranhamento ao ingressar na oficina. Muito boa a atividade.	
D12.CZ. Houve , mais disposto , mais alegre .	Transformações.	

Questão 5. Como você se sentia antes de iniciar nesta oficina? E hoje como você se sente?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. O que eu sentia antes, era triste , pra baixo, quieta, sozinha , só pensando o que não prestava porque isso vem tudo na cabeça da gente. Depois que eu comecei a frequenta essas oficinas foi uma beleza , mudou 100% a pessoa que eu era e a pessoa que eu sou. Me sinto bem graças a Deus, bem mesmo.	Antes se sentia desmotivada e sozinha. Com a oficina passou a se sentir melhor.	Contextos e sentimentos
D2.CX. Hoje me sinto mais feliz .	Com a oficina se sente mais feliz.	
D3.CX. Antes eu trabalhava na rua, cuidava os varredor de rua, trabalhei um tempo na prefeitura, 18 anos, 18 anos não é 18 dias, levantava de madrugada ia lá fazia um café, tomava um cafezinho depois pegava os carrinhos e a vassoura e ia varrer. Eu trabalhei nessa cidade e conhecia rua por rua, depois a gente começou ali no CRAS. Me sinto bem, gosto de vim , acho falta os dias que não tem.	Se sente bem participando na oficina.	
D4.CX. Bom eu sinto assim que como eu sempre fui uma pessoa que conservei amizade com as pessoas tenho pegado mais amizade com as pessoas, eu sempre procuro fazer amizades. Olha que fala do pessoal do Progresso ali é perigoso, mas isso é em toda parte, mas tem gente boa ali. Essa convivência .	Relata que sempre foi de fazer amizades e que com a oficina pode fazer mais amizades.	
D5.CY. Meu Deus, eu me sentia muito mal , que eu tava bem ruim mesmo, agora meu Deus, tô 100% . Venho, não faltou mesmo, adoro vir. Fico mais feliz , mais animada , mais contente , mais disposta , eu não saia nem caminhar agora saio lá de casa até o postinho, porque o fato de sai de casa já é um desafio . E tudo é um aprendizado o que a gente aprende muito , com essas palestras foi muito bom , coisas que a gente não sabia tipo o que a gente tem direito, tudo foi muito bom .	Antes da oficina disse se sentir muito mal, agora tem se sentindo mais feliz e motivada.	
D6.CY. Eu sempre fui uma pessoa alegre , pra dizer a verdade brincalhona e alegre . Agora me sinto mais feliz ainda, realizada do que eu gosto.	Antes da oficina disse ser uma pessoa feliz, mas após a	

	oficina tem se sentindo mais feliz e realizada.	
D7.CY. Agora muito, muito bem , não vejo a hora que chegue quinta-feira pra gente vim, e antes a gente fazia outras coisas, só trabalhava , trabalhava e trabalhava, hoje não, dá para tirar umas horas pra gente sair e vir e ver vocês e aproveitar .	Antes da oficina relata pouco tempo para si, e mais para o trabalho. Agora pode dedicar algumas horas para si.	
D8.CY. Vou ser franca e branca, quando me disseram que vai ter uma oficina de dança, porque meu marido tinha falecido , e minha filha sempre me cobrava, mãe vai nas caminhada, eu disse pra ela que ia começar uma oficina nas quartas de como dançar, e ela disse porque a mãe não vai, eu disse ah eu não sei. Daí eu não fui, ela me ligou de novo, e pediu porque eu não fui, eu disse não faz nem um ano que o pai faleceu e eu vou tá lá dançando, e ela disse isso é uma atividade pra mãe, a mãe sempre gostava de dançar. Só que o pai, realmente nunca dancei com o meu marido. E eu vim e não me arrependi , eu não vejo a hora que vem quarta de manhã e quinta, eu deixo tudo, esqueço os problemas .	Antes da oficina relata a perda do marido, mas após o ingresso na oficina diz ter melhorado, pois consegue esquecer os problemas.	
D9.CZ. Antes eu era um pouco triste, depressiva , bastante depressiva , por causa do meu filho, minha família praticamente me abandonou , eu sentia um pouco de tristeza . Mas quando eu entrei ali no CRAS que eu comecei a participar e ir nos matines daí a coisa melhorou , comecei a conseguir mais amigos , pessoas assim que apoiaram bastante, ali no CRAS me apoiaram sempre, sempre. Tô bem mais melhor, sou outra pessoa .	Antes da oficina relata ter muita tristeza, inclusive por problemas familiares. Após o ingresso na oficina se sentiu melhor, fez novos amigos.	
D10.CZ. Eu antes, pra te dizer a verdade eu já procurei outros lugares que eu poderia me exercitar, que eu poderia, eu cheguei a frequentar um grupo assim, aonde que tinha psicóloga o que, assim como eu não consigo (dinheiro), eu parei e aqui em continuo. Me sinto muito bem , muito, muito, sou bastante depressiva sabe e daí um dia tu entra numa depressão e tu vem aqui no outro dia tu esquece já . A mente em primeiro lugar né!	Ates da oficina procurou outros espaços, porém relata a limitação financeira. Na oficina pode dar sequência e relata a contribuição para o tratamento da sua depressão.	
D11.CZ. Antes de eu entrar nessa oficina eu ficava em casa , deixava tudo pra traz - Ahh deixa pra fazer depois. E depois que eu vim pra cá eu comecei a fazer mais exercício e tô reagindo porque eu fiz cirurgia de coluna era pra eu tar de cadeira de roda e o médico conseguiu, mas eu tenho dores fortes, tomo remédio pra aguentar a dor. E a dor é mais forte que o sono, eu durmo muito pouco .	Antes da oficina se sentia desmotivado por problemas de saúde, dores. Após a oficina diz se sentir mais disposto.	

<p>D12.CZ. Eu tava sempre triste, a gente não tinha com quem conversar, minha mãe ela não consegue mais, a gente fica triste, duro, travado, fica sentado, levanta duma cadeira senta na outra. Ahh, hoje me sinto bem mais disposto, com vontade caminhar, de trabalhar de fazer trabalho assim sabe.</p>	<p>Antes de entrar na oficina disse se sentir sozinho, desmotivado. Hoje se sente mais disposto e com vontade de realizar atividades diárias.</p>	
--	---	--

Questão 6. Como foi a sua experiência com essa prática corporal? Teve aprendizados? Oportunidades de participar em eventos com a comunidade? Há diálogo entre os colegas de grupo, com os colaboradores e professores?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
<p>D1.CX. Teve, nós fomos se apresentar na FRINAPE, com todo grupo, fomos lá apresenta. Fomos no 25 de julho apresentar também. Pra nós isso é como um aprendizado, nunca tivemos antes nada, agora que tamo tendo isso aí. Agora depois de velha, de mais velha que pude ter esses aprendizados. Tem que ter amizade, porque se vem um pra valentia e os outros pra se divertir, o que que adianta.</p>	<p>Apresentações. Conhecer novos lugares. Aprendizados.</p>	<p>Aprendizados, inserção sociocultural, diálogos e vivências</p>
<p>D2.CX. Eu morava no interior, na colônia, conhecia male mal os passarinho e galinha, boi, trigo, feijão e arroz, ervilha e mais outras coisas. Eu não conhecia nada aqui, fomos no mato da comissão, no Ypiranga.</p>	<p>Morou no interior, não conhecia nada. Conheceu vários lugares.</p>	
<p>D3.CX. Óia, esse grupo aí é bom que a gente sai, se diverte, prosea com as pessoas dos outros grupos que tem gente conhecida ou outros que sou estranho. Nós fomos dançar na praça.</p>	<p>Interação com outros grupos. Apresentações.</p>	
<p>D4.CX. Sim aqui, depois que tenho vindo aqui fomos no evento do dia dos gaúcho no Sentinela. As palestras eu gosto. Sim tem diálogo esses dias tinha até a diretora, interna sabe, uma meio mandona sabe, percebe até o zelo pro próprio idoso, uma proteção, falei que eu só tenho de agradecer.</p>	<p>Eventos. Palestras. Proteção.</p>	
<p>D5.CY. Muito bom, a gente tem bastante diálogo com o grupo, com os professores, assim, muito bom. Palestras no 25, ou lá mesmo no CRAS. Tem uma integração do grupo, interagimos, isso é muito bom.</p>	<p>Diálogo. Palestras e apresentações. Integração.</p>	
<p>D6.CY. Claro tive oportunidade de participar em eventos, nossa, 25 de julho eu me apresentar no 25 de julho é uma grande coisa né, quer melhor que isso? A gente está sempre junto, conversa espontânea, ninguém fechado, amizade, conhecimento.</p>	<p>Oportunidades. Apresentações. Amizades.</p>	
<p>D7.CY. Muito bom, a gente aprendeu muita coisa, fizemos diversos encontros,</p>	<p>Encontros e palestras.</p>	

<p>palestras, tudo muito bom. Várias palestras que eu nunca tinha ido, ou que nem era convidado e agora a gente é e vai participa. E podemos conversar, pedir qualquer coisa para as professora, estão sempre prontas.</p>	<p>Inserção em lugares que não lhes era de acesso. Participação.</p>	
<p>D8.CY. Aprendi muito, muito, eu falei esses dias, eu queria ter agora os meus 45, 50 anos, mais não, o que tem de coisa boa, e não as maldade, porque tem as maldades que a gente pode aprender e também as coisas boas, mas aqui a gente aprende só as coisas boas. Eu sempre quis apresentar, mas meu marido dizia que eu não era pra essas coisas, e eu deixei muita coisa de lado. Quando nós tivemos a apresentação no 25 julho eu não me apresentei porque eu não me sentia bem, eu não tinha coragem, francamente, eu não sei o porquê eu fiquei assim, sempre pensava assim faz dois anos que o marido dela faleceu e ela tá lá se apresentando no 25 de julho.</p>	<p>Aprendizado. Receio de se apresentar em público.</p>	
<p>D9.CZ. Sim, fomos se apresentar quantas vezes, isso aí é uma alegria, um prazer pra gente, muito bom, ótimo, maravilho. a gente aprende muita coisa, sinceramente a gente aprende muito, aprende até a conviver com as pessoas. Tem diálogo, as profes são muito atenciosas, eu nunca achei umas profes que me ajudaram tanto, me deram ânimo.</p>	<p>Apresentação. Satisfação pessoal. Aprendizados. Convivência.</p>	
<p>D10.CZ. Meu Deus do céu, quando eu conto pras minhas amigas, que eu tenho amigas de anos né, que a gente se apresentou, que nos fomos no 25, que nós se apresentemos, as pessoas ficam assim, tem gente que já quer vir junto né. Eu acho maravilhoso, nunca pensei que eu ia consegui dizer assim que eu me apresentei por mais simples que seja é maravilhoso. Tu sai de lá assim parece que eu vivi um sonho, até porque jamais eu imaginei que eu ia me apresentar em algum lugar. O diálogo, 100%, eu sempre, sempre, e já tive que falar com a psicóloga e as outras profes do CRAS, sempre tive diálogo com elas.</p>	<p>Apresentação. Sensação de alegria. Diálogo com o grupo e profissionais.</p>	
<p>D11.CZ. Eu sempre digo assim, eu não entro num lugar pra fazer só um número, eu entro pra somar. Eu quero sempre ser mais útil na equipe, eu não gosto de ficar esperando. E aqui tem parceria, chega e um diz bom dia o outro bom dia, então você se sente em casa, você não vê ninguém de mau humor, ninguém te tratando mal. Eu acho que o dia que eu vim aqui e as pessoas me tratarem mal eu vou sair, mas até agora não achei motivo nenhum pra sair, eu gosto de estar aqui na segunda. o pessoal daqui é show de bola, as monitora, as professora, as psicóloga, é um</p>	<p>Se sente útil no grupo. Bem-estar. Diálogo com os colegas e profissionais.</p>	

lugar que tu pode confiar e não vai ver ninguém mal-humorado te atendendo.		
D12.CZ. Teve aprendizado , eu não sabia dança, só dançava valsa e bandinha, aprendi a dança vanerão a rancheira. Tem diálogo , dá pra conversar , e se eu tenho alguma coisa pra conversar eu venho direto.	Aprendizados. Diálogo e interação.	

Questão 7. Você acredita que a oficina de dança pode ter algum efeito na sua participação como cidadão? Por que?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. Sim , tem mais confiança . A gente faz mais amizade com as pessoas, porque é bom a gente conversa , faz brincadeira , é bom mesmo porque a gente é unido , por a gente ser do grupo .	Acolhimento. Parte de um grupo. Convívio social.	Cidadania: (in)compreensões e oportunidades
D2.CX. Sim , eu gosto, eu sempre peço pra Maria que dia que é o movimento ali pelo CEU, ali.	Indeterminado	
D3.CX. Sim . A gente faz as coisas assim, faz uma mão, se a gente não sabe pede pra professora, mesmo que ir no colégio aprender o a e i o u.	Indeterminado	
D4.CX. Sim , pra mim melhorou sim. Claro que as vezes eu esqueço algumas coisas, gosto de leitura, mas a vista não ajuda. Gosto de saber de leis .	Cita gostar de saber as leis.	
D5.CY. Sim . É que antes a gente só fica em casa , ali só em função da casa e deu, assim a gente tem oportunidades de conhecer pessoas , ir se apresentar , coisa que nunca imaginei que fosse né.	Oportunidades. Convívio social.	
D6.CY. Eu acho, importante sim , muda porque o meu diploma de participação do festival da dança eu já passei pra minha sobrinha pra tudo, todo mundo sabe que a tia tá dançando, é legal. Porque a gente acha assim que o 25 de julho foi sempre pra classe alta , essa oportunidade imagina nosso grupo, na verdade o que é o 25 de julho a participar das danças de renome, a gente nunca, um grupo de bairro nossa isso aí.	Inserção social em lugares que eram até então eram considerados distintos.	
D7.CY. Tem , porque me sinto mais ativa , confiante .	Motivação.	
D8.CY. Sim , mais ativa , eu por exemplo, se preciso ir lá no centro e vou, se não sei aonde que é eu peço pras pessoas, mas tem que saber pra quem pedir né. Geralmente era tudo ele quem fazia, eu não sabia fazer nada, tive que reaprender .	Motivação. Independência matrimonial. Reaprender.	
D9.CZ. Foi importante sim , porque se apresentar no 25 de julho quando que a gente foi, e a gente foi convidada até pra ir pra Marcelino participar do grupo de	Inserção social. Apresentação.	

<p>juvens (tradicionalista).</p> <p>D10.CZ. Muito, muito, muito, como por exemplo, no dia da nossa apresentação, na cidade aonde eu nasci até de lá me ligaram (nossa vocês estavam), aí eu até disse pra minha filha, nossa que que é isso parece que é só uma apresentação, mas em vez não, repercuta.</p>	<p>Inserção social. Se sentir parte da sociedade.</p>	
<p>D11.CZ. Sim, eu conheci bastante pessoas que eu não conhecia.</p>	<p>Inserção social. Amizade.</p>	
<p>D12.CZ. Tem, a gente fica mais confiante, aprende outras atividades diferente, participa em outros lugares.</p>	<p>Inserção social. Aprendizados.</p>	

Questão 8. O que você acha sobre o grupo e como se sente nele?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
<p>D1.CX. Eu me sinto pertencida ao grupo, uma que eu também sou do grupo e eu gosto.</p>	<p>Se enxerga como parte do grupo.</p>	Contextos e sentimentos.
<p>D2.CX. Esses povo eu conheço andando, não conheço muito, muito à vontade deles. Não temos encrenca nada.</p>	<p>Indeterminado</p>	
<p>D3.CX. Eu me sinto feliz, contente a gente aprende melhor, não faltando é a conta, se falta depois não sabe o que fazer, os outros sabem as coisa e a gente não sabe. mesmo que tu aprender a fazer uma comida, uma massa, não sabe a quantia.</p>	<p>Feliz em participar e aprender.</p>	
<p>D4.CX. Eu me sinto bem, porque todo mundo trata bem a gente e eu tento tratar bem todos porque se tivesse alguém olhando meio de enviesado daí eu fora.</p>	<p>Empatia. Bem-estar.</p>	
<p>D5.CY. Eu acho ótimo, me sinto bem, me sinto feliz. e as palestras falam muito de aceitar as pessoas do jeito que são porque muitas vezes a gente acha que não, que tem que ser do jeito que a gente quer.</p>	<p>Empatia. Bem-estar.</p>	
<p>D6.CY. Me sinto bem, é uma amizade, uma família porque a gente chega no grupo, na aula de ontem, o professor pede cada vez que a gente chega o não fique conversando assunto triste, mas não da aquele intervalo e começa pe pe pe, ele disse entrou na porta e esquece as coisas triste né. Deu intervalo da música e da duas lá, por isso por aquilo no fim vira em risada toda vez ele fala isso e não adianta. Sim a gente quer compartilhar, conta uma coisa ela conta outra.</p>	<p>Empatia. Pertencimento. Compartilhar</p>	
<p>D7.CY. Eu acho maravilhoso e me sinto bem. é muito bom.</p>	<p>Bem-estar.</p>	

D8.CY. Aí eu me sinto, de vez eu penso, não seja tão fiasquenta porque desde nova nos sempre brincava , nos fazia muitas surpresas de noite.	Feliz.	
D9.CZ. Acho que é um grupo muito bom , porque eu falo pra todo mundo, se perguntam aonde tu vai eu digo “Ah eu vou no nosso grupo lá no grupo de dança lá é muito bom ”. Porque tem gente que não acredita que isso acontece , mas é só ver pra crer né. Mas eu me sinto muito bem , muito, muito, muito, muito acolhida , eu não deixo de vir .	Bem-estar. Acolhimento. Receptivo.	
D10.CZ. Muito bem , me faz uma falta , e não sei se eu assim, todo mundo me pergunta, por que não veio, porque não veio, é sinal que a convivência é uma família . Muitas vezes a família, família não é tão importante como o grupo .	Bem-estar. Relação familiar com o grupo. Inserção social.	
D11.CZ. Eu me sinto muito bem aqui dentro.	Bem-estar.	
D12.CZ. Muito bem , me sinto com alegria em vir no grupo .	Bem-estar. Felicidade.	

Questão 9. Por que você acha importante esse tipo de atividade na sua vida?

Código. Trecho na íntegra	Resumo do trecho	Categoria
D1.CX. Importante porque a gente sai de casa , se espairece com os outros companheiros que tem no grupo né, e tira muita besteira da cabeça da gente. Porque se a gente tá em casa , eu sou uma pessoa assim que penso o que não presta , e pra mim não é bom, o médico mesmo disse que eu não posso ficar em casa que eu tenho que sair por causa da depressão . É importante mesmo, pra pessoa que não vem e vim algum dia, vai ver como é bom isso aí.	Lazer, Inserção social. Tratamento de doenças emocionais.	Cidadania: (in)compreensões e oportunidades
D2.CX. Se divertir , de falar com a gente, mais confortável .	Bem-estar. Lazer. Fala e escuta.	
D3.CX. Eu acho bom , não é ruim, é fácil, qualquer coisa que explica a gente já sabe fazer.	Aprendizados	
D4.CX. É uma velhice contente porque de qualquer maneira quando se anda triste eu tento curar o máximo, rindo de manhã, eu me sinto bem mesmo. Eu sempre tô pensando que tal dia tem tal coisa, eu me sinto bem , e sei de tudo que tão fazendo por mim, por tudo que seja já é o máximo, eu tenho que agradecer, eles tão me dando	Se sentir importante. Bem-estar.	

valor.		
D5.CY. Pra saúde , eu tenho problema de coluna, então esses alongamentos essas danças fazem muito bem . É muito importante.	Saúde.	
D6.CY. Pra saúde, espiritual corporal tudo, é muito importante.	Saúde física e mental.	
D7.CY. Porque tu move a cabeça, corpo e se encontra com as pessoas, tudo, acho que é uma coisa que você pode se encontrar com as pessoas , a cabeça age mais fácil, é um conjunto de coisas boas para o corpo e para mente .	Saúde física e mental. Inserção social.	
D8.CY. Eu acho que essas oportunidades agora, isso vem, surge da prefeitura, dos idosos porque a gente não se mexe, eu acho ne legal , legal, legal. É muito importante, porque tem pessoas que dizem eu não vou lá porque dançar é pecado, não dançar não é pecado só tem que saber como dançar. Isso renova as pessoas .	Oportunidades. Autoconhecimento.	
D9.CZ. Porque é mais divertido , porque minha vida foi bastante difícil quando casei, vim trabalhar na cidade antes de casa, depois casei comecei a ter os filhos, e a gente não tinha experiência porque os pais da gente não tinham experiência, então era só faze filho e trabalha, trabalha, trabalha . Depois que ele se foi, porque eu sofri muito, ele bebia, batia nas crianças e eu ia socorrer as crianças, eu apanhava junto. Quando as pessoas falam pra eu me separar, eu dizia, mas eu tenho meus filhos eu tenho que pensar nos filhos não tenho que pensar em mim, eu tinha que pensar nas crianças. E essa atividades, nem tinha , eu não saia pra lugar nenhum , não tinha tempo , só trabalhar porque fiquei viúva tinha que dar de comida, colégio e tudo.	Oportunidades. Lazer. Bem-estar.	
D10.CZ. É uma oportunidade , uma oportunidade que eu jamais imaginei ter um dia, nós temos o grupo de idosos, mas não é a mesma coisa que aqui, aqui a gente dá tudo de si , eu acho cansado, canso aqui, mas é muito bom e a saúde agradece.	Oportunidades. Saúde. Bem-estar.	
D11.CZ. É um meio de sair de casa , de não ficar lá sentado sem fazer nada, tu já sabe que aquele dia tu vai ter aquele compromisso que tu vai ir se encontrar com teus amigos , vamos dançar, brincar, pular , isso aí é show de bola. E eu me sinto útil aqui.	Diversão. Lazer. Inserção social.	
D12.CZ. Atividade que ocupa cabeça , a gente vê uma conversa diferente, alguma conversa me ajuda.	Inserção social. Convivência.	

ANEXOS**ANEXO 1 – Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas****DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES
ENVOLVIDAS**

Com o objetivo de atender as exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, **LINIR ZANELLA**, representante legal da Secretaria Municipal de Assistência Social da cidade de Erechim/RS, declara estar ciente e de acordo com a Pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) da mestranda **ALLANA CARLA CAVANHI**, que será realizada com idosos dos grupos de dança dos Centros de Referência e Assistência Social I, II e III, intitulada: **OS IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA IDOSOS DA CIDADE DE ERECHIM/RS**.

Salientando que a pesquisadora deverá cumprir os termos da resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde e as demais legislações vigentes (Constituição Federal, Política Nacional do Idoso e Estatuto do Idoso), mantendo todos os cuidados éticos com a pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo aos participantes o anonimato e a possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa.

Erechim, agosto de 2019.



ALLANA CARLA CAVANHI
Mestranda PPGICH/Bolsista CAPES



LINIR ZANELLA
Secretária Municipal da Assistência Social

Linir Antônia Chiarello Zanella
Secretária Municipal de
Assistência Social
Portaria 010/2017

ANEXO 2 – Comitê de ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.694.869

3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a "central de suporte" da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1425591.pdf	14/10/2019 15:26:32		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_v2.pdf	14/10/2019 15:21:27	ALLANA CARLA CAVANHI	Aceito
Outros	carta_de_pendencia.pdf	14/10/2019 15:19:12	ALLANA CARLA CAVANHI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	allana_cavanhi_plat.pdf	04/09/2019 09:00:14	ALLANA CARLA CAVANHI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_DE_CIENCIA.jpg	04/09/2019 08:54:49	ALLANA CARLA CAVANHI	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plat.pdf	04/09/2019 08:54:19	ALLANA CARLA CAVANHI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não